

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Rui Pedro Passos Rocha

**A Thomson Reuters e o PSI20: as
notícias e as decisões dos investidores**

Um especial agradecimento a:

Dra. Helena Sousa, pela amabilidade e paciência com que me orientou

Dr. Luís Aguiar-Conraria, pela motivação que me infundiu ao abordar este tema

Dr. Gilberto Loureiro, por me dar conhecimento do método de *event study*

Resumo

Este relatório parte da experiência de um estágio de três meses junto da equipa portuguesa da agência internacional Thomson Reuters. Dada a concentração de esforços da área editorial no jornalismo financeiro, e intuída a importância dada ao trabalho da empresa pelos agentes dos mercados financeiros, o tema escolhido para o trabalho foi o estudo do impacto de algumas notícias exclusivas da Reuters no comportamento dos investidores da Bolsa.

Pretendeu-se, portanto, averiguar se a relevância de notícias veiculadas pela agência para os accionistas de empresas cotadas no PSI20 (o índice de Bolsa mais importante em Portugal) foi, no caso dessas notícias, suficiente para engendrar reacções espontâneas. Essa análise, é claro, não poderia cingir-se aos meros aspectos quantitativos a que recorre, mas também a uma contextualização da história da Reuters e do jornalismo que pratica, bem como uma descrição detalhada da experiência de estágio.

Com esses elementos, e ainda tendo em conta notícias publicadas (nos períodos relevantes) por outros órgãos noticiosos, foi possível enquadrar uma análise quantitativa que teve por base um modelo económico denominado *event study* (estudo de evento). Este modelo foi simplificado, mas foi mantida a sua coerência e a investigação acabou reforçada pelos indicadores acima referidos.

No final observou-se que apenas uma das 15 notícias analisadas provocou um efeito nos investidores (noutros termos, levou-os a comprar ou vender acções), o que denota que as matérias exclusivas da agência em 2008 não foram suficientemente “fortes”, que algumas das notícias veiculadas eram actualizações de informações anteriores (e, portanto, não houve um efeito de novidade) e que, deve salientar-se, a simplificação e a concentração nos textos exclusivos coarctaram a potencialidade de um estudo deste tipo. Ainda assim, o contributo essencial da investigação é o facto de ser um primeiro e significativo passo para uma abordagem científica interdisciplinar do jornalismo financeiro.

Abstract

This report is based on the experience of a three month internship with the portuguese team of the internacional news agency Thomson Reuters. Due to the editorial focus on financial journalism, and the perceived importance given to Reuters by stock market agents, the subject of this study was the impact of exclusive Reuters news on the behavior of those investors.

The intent was to find out if the relevance of those exclusive news handed out to PSI20 (the main financial market in Portugal) stock holders was enough to inflict spontaneous reactions from them. That analysis, of course, could not merely take quantitative aspects into account, but also the contextualization of the history of Reuters and the journalism it produces, as well as, a detailed description of the internship.

With all those elements, and also taking into account other news published (in the relevant periods) by other news organizations, it was possible to enframe that quantitative analysis, which was based on a economic model called *event study*. This model was simplified, but its coherence was maintained and the investigation was eventually strengthened by the elements above-mentioned.

In the end, it was observed that only one out of 15 news caused an effect on investors (in other words, it led them into buying or selling shares), which shows that those exclusive 2008 agency news weren't "powerful" enough, that some of the news that were published were mere updates of previews informations (so that there was no novelty effect) and that, one must underline, the simplification and concentration on exclusive news limited the full capability of such a study. Still, the main contribution from this investigation is that it is a first and important step to a scientific and interdisciplinary approach on financial journalism.

Índice

Introdução.....	10
“Próxima paragem: Avenida”	13
Trinta pessoas, seis das quais jornalistas	13
Os números do estágio	15
Aspectos positivos e aspectos menos positivos	16
O estágio e o tema inevitável para esta investigação	18
Globalização e Bolsa de mercado.....	20
A globalização e a centralidade dos mercados financeiros.....	20
O caso português: Perfil do investidor do PSI20.....	21
A Reuters e os investidores do PSI20.....	23
Thomson Reuters: muito mais do que jornalismo.....	26
Uma agência internacional ou transnacional, não global.....	26
1851-1971: como se alimenta um gigante?	27
Reuters = Lugar de destaque nos mercados + aposta no jornalismo	28
Concorrência instiga dinamismo	29
A Reuters é a Microsoft, a Bloomberg é a Google	30
Thomson alia-se a Reuters para combater Bloomberg	32
A ética por detrás da notícia.....	34
Ramping e manipulação do mercado	34
Reuters Trust Principles: a lei interna	37
Objecto e objectivo.....	41
O objecto e as suas limitações	41
E se não houver padrões de comportamento?	42
Na senda da flutuação anormal	43
Como calcular uma flutuação anormal de forma simplificada	45
Estudos de eventos.....	46
EDP Renováveis mexe com empresa-mãe	46
Galp mantém-se firme no Brasil	48
Mota-Engil investe na Roménia	51
IPO da Renováveis mais provável	53
PT reforça-se para investir	56
EDP mantém plano de investimento até 2010	57
PT não desinveste na Vivo	59
Mota-Engil prevê reforçar volume de encomendas	61
Sonae Indústria pode aliar-se a outras empresas no estrangeiro	63
Jerónimo Martins mantém objectivos para 2008-2010	65
Sonaecom prolonga parceria com France Telecom	67
Millennium BCP com boa liquidez	68
Sonae Indústria quer reforçar peso no Brasil	70
BES vai abrir balcão na Argélia	72
As conclusões reforçam-se.....	74
Sonae Indústria pode aliar-se a outras empresas no estrangeiro	74
PT não desinveste na Vivo	75

Conclusões.....	78
Bibliografia.....	82
Anexos.....	89
1A.....	90
1B.....	91
1C.....	93
2A.....	94
2B.....	96
3A.....	97
3B.....	99
3C.....	100
4A.....	101
4B.....	102
5A.....	104
5B.....	105
6A.....	106
6B.....	107
7A.....	109
7B.....	110
8A.....	111
8B.....	112
9A.....	114
9B.....	116
10A.....	117
10B.....	119
11B.....	121
12A.....	122
12B.....	124
13A.....	126
13B.....	127
14A.....	128
14B.....	131
14C.....	133
15A.....	134
15B.....	135

Introdução

A Thomson Reuters pertence ao grupo restrito das agências noticiosas internacionais e é, de entre elas, provavelmente a mais notória. Uma breve ida ao sítio reuters.com dá ao visitante um vislumbre das prioridades estratégicas da empresa: na barra de menu lateral a secção de notícias financeiras (“Business and Finance”) é sobreposta à das generalistas (“News”). O que significa isto? Como veremos adiante, a maior relevância das notícias sobre os mercados financeiros resulta de, para o negócio da Reuters, os produtos e serviços que desenvolve para investidores da Bolsa terem um peso muito superior ao ínfimo papel representado pela produção jornalística – menos de 5% das receitas da empresa em 1999 provieram do sector noticioso (Boyd-Barrett & Rantanen, 2002: 5).

Da centralidade da Bolsa para o negócio da Thomson Reuters resulta que, no que à produção jornalística diz respeito, haja uma maior valorização de notícias relevantes para investidores desse tipo de mercado. E se assim é de um modo global, que orientação esperar então da filial portuguesa da empresa? Sendo Portugal um país semi-periférico europeu e com projecção política praticamente irrelevante na cena internacional, o enfoque da secção lisboeta sobre o mercado financeiro nacional é quase total. Como tive a oportunidade de constatar ao longo dos três meses de estágio em Lisboa, a grande maioria das poucas excepções é constituída por grandes provas desportivas (sobretudo os jogos da Selecção Nacional de futebol e as prestações de alguns atletas conceituados internacionalmente).

A experiência do estágio demonstrou-me que o grosso das notícias produzidas (ou seja, todas excepto as desportivas, uma vez que os temas políticos noticiados são os que têm relevância para a Bolsa) pela Reuters-Lisbon pode ter uma ligação directa ou indirecta ao mercado financeiro – no primeiro grupo podem ser agremiadas entrevistas a líderes de empresas cotadas, anúncios de investimentos ou de resultados operativos; no segundo encontram-se, por exemplo, anúncios de aberturas de concursos públicos para concessões rodoviárias. Todas estas notícias são, consequentemente, relevantes para os consumidores das notícias do canal português da Reuters: investidores do PSI20 (Portuguese Stock Index) e dirigentes empresariais, para além, claro, de alguns órgãos de comunicação social nacionais.

Com apenas seis jornalistas, a redacção portuguesa dedica-se sobretudo às notícias de base quotidianas: actualizações do desempenho do PSI20, do mercado monetário ou taxas de câmbio; notícias a partir de recomendações (de compra ou venda de acções de um título) de analistas; e notícias com base na divulgação de resultados operacionais de empresas cotadas no principal mercado bolsista português. Como descreverei em maior pormenor num capítulo dedicado à minha experiência de estágio, durante os três meses

da minha colaboração com a Thomson Reuters foram sobretudo essas as tarefas que desempenhei e vi serem desempenhadas pelos colegas. Nesse sentido, cedo se tornou para mim óbvio que o assunto a problematizar no relatório de estágio teria de se referir à Bolsa portuguesa.

Não se me afigura, portanto, árdua a tarefa de conceber um tema para análise neste trabalho. Tendo em conta a relevância atribuída por muitos investidores do mercado financeiro às notícias produzidas pela Reuters, e estando a empresa concentrada nesse nicho de mercado, o objectivo assumido para este estudo é o de procurar – através de componentes qualitativos e quantitativos – traços de influência de notícias exclusivas da Reuters nas variações das cotações de títulos do PSI20. Para isso recorrerei a extensa bibliografia sobre a história da empresa, o seu prestígio e a autoridade que lhe é reconhecida internacionalmente; e em termos quantitativos abordarei este tema num *estudo de evento*, modelo matemático – amplamente utilizado por economistas – que consiste na mensuração do impacto de uma notícia específica no valor de um título cotado em Bolsa. Esse cálculo é baseado nos dados de mercado anteriores e posteriores ao evento, deles se obtendo elementos para a comparação entre o valor real (verificado) e o valor esperado para o título no dia em que a notícia foi publicada.

Ainda que o meu estágio tenha decorrido em plena crise financeira global – curiosamente com impacto nacional a acentuar-se e difundir-se mais a partir dos meses em que colaborei com a Reuters –, saliento que não há nesta investigação a pretensão de um acompanhamento temporal do papel da actividade jornalística da filial portuguesa em contexto de crise. Este estudo centra-se em 15 notícias exclusivas da redacção lisboeta e consiste numa análise do efeito eventualmente causado por essas notícias nos títulos do PSI20 por elas visados. Seria uma tarefa hercúlea a de procurar o mesmo tipo de conexões para todo o mercado financeiro português num período delimitado.

Apesar de voltado para uma área de estudos muito específica, a das finanças, este é um relatório de âmbito jornalístico. Daí resulta uma maior valorização da fonte noticiosa (no caso a Reuters), componente até hoje considerada insignificante pelos estudiosos (todos eles economistas) deste tipo de problemáticas. O cruzamento bidisciplinar que nesta investigação será desenvolvido é, assim, a característica peculiar da investigação que neste relatório será desenvolvida. Nesse sentido, ao longo destas páginas poderá ser dado um passo importante para uma análise do impacto causado pela actividade de um órgão noticioso específico na valorização ou desvalorização das acções de empresas cotadas em Bolsa.

Não será este mais do que um modesto contributo inicial, um ponto de partida para eventuais investigações aprofundadas sobre esta temática. Isso deve-se desde logo ao pouco aprofundamento da análise, decorrente dos objectivos pretendidos para um relatório deste tipo, mas também ao modelo quantitativo, o *estudo de evento*, que não será aqui aplicado integralmente. Dado ser demasiado complexo

para quem, como é o caso, não tem um conhecimento de base aprofundado em matéria de finanças, ele será simplificado e adaptado, com o cuidado de não o desvirtuar naquilo que tem de essencial.

Uma vez que este relatório parte da experiência de estágio, será a ela dedicado o primeiro capítulo, com descrição da equipa portuguesa da Reuters, das condições de trabalho e do trabalho em si: a quantidade e os tipos de textos produzidos. Essa primeira secção conterà ainda uma análise das vivências positivas e negativas ao longo dos três meses, assim completando o leque de referências sobre o funcionamento da delegação portuguesa da Thomson Reuters.

Em seguida iniciarei a abordagem qualitativa deste relatório, principiando com um capítulo sobre os traços gerais do funcionamento dos mercados financeiros e dos seus intervenientes – aqui será dada especial atenção ao perfil dos investidores do PSI20, importante como contextualização para a investigação. Em seguida será feita uma descrição dos aspectos da história da Reuters mais significativos para o tema em causa, havendo necessariamente lugar para considerações sobre a concorrência da Bloomberg e sobre o negócio que fundiu Thomson e Reuters. Por último, mas de todo não menos importante, um capítulo será dedicado exclusivamente às especificidades do jornalismo financeiro e às características que distinguem a Thomson Reuters das suas congéneres.

A terceira e última macro-secção deste relatório será a componente quantitativa, em que serão descritos os objectos do estudo e o método a utilizar, bem como, é claro, analisadas as notícias exclusivas escolhidas para a investigação. Não haverá lugar apenas a *estudos de evento*, mas também a uma abordagem mais minuciosa de duas notícias (se no *estudo de evento* dá-se uma comparação de dados de fecho das sessões anteriores e posteriores à do evento, aqui serão tidas em conta as movimentações de mercado – compra e venda de acções – ao segundo nos próprios dias dos eventos).

“Próxima paragem: Avenida”

Mesmo em frente à estação “Avenida” do Metropolitano de Lisboa, a Thomson Reuters ocupa o segundo piso de um afamado prédio de luxo cujo rés-do-chão pertence à multinacional Louis Vuitton. Os restantes andares são ocupados por agências financeiras e seguradoras e visitados por banqueiros e empresários. De 2 de Julho a 25 de Setembro de 2008 aquele segundo piso foi a minha segunda casa. Fui acolhido e tratado como um qualquer outro jornalista *inter pares* e as experiências lá vividas marcaram-me profissionalmente.

Trinta pessoas, seis das quais jornalistas

A minha aceitação como estagiário na editoria lisboeta da Thomson Reuters, vulgo Reuters-Lisbon, dependeu de uma breve entrevista que decorreu a 27 de Junho. Nessa conversa amena e informal, mantida com o editor nacional Sérgio Gonçalves e com a gestora de recursos humanos (HR Manager) Ana Maria Martins, foram-me feitas perguntas básicas sobre o funcionamento dos mercados financeiros, o PSI20 e os meus objectivos para os três meses perspectivados. A entrevista foi realizada no final da manhã dessa sexta-feira e a resposta positiva ao pedido de estágio foi-me dada a meio da tarde, altura em que também garanti alojamento.

Com óptimas condições de trabalho, a Reuters-Lisbon sofre uma consequência da sua modicidade estratégica (do ponto de vista global da empresa): grande parte do equipamento de que dispõe (computadores, câmaras de filmar, máquinas fotográficas, material para videoconferências) teve anteriormente uso em congéneres estrangeiras, hoje melhor equipadas. A secção editorial (aquela em que é feita toda a produção jornalística) é a mais fragilizada: os computadores, ainda que suficientemente bons para as tarefas a desempenhar, apenas têm componentes básicos (Internet Explorer de versões ultrapassadas, leitores de CDs apenas, Microsoft Office também ultrapassado) e neles está bloqueada a utilização de outros componentes como *pen-drives*.

Uma descrição do organograma da Reuters-Lisbon ilustra bem a estruturação da empresa e a posição periférica da componente jornalística nessa estrutura. Com dez pessoas, a secção de gestão de risco (Risk Management Operations) é a mais lotada e ocupa os lugares centrais no apartamento da Avenida da Liberdade. Segue-se, em ordem descendente, a secção editorial, que contém seis jornalistas (quatro para o canal nacional de notícias; dois para publicação de textos em versão inglesa, no portal reuters.com) e está situada num cubículo num dos extremos do apartamento. Há ainda quatro pessoas do Grupo de Serviços

Profissionais (Professional Services Group), duas no departamento de formação a clientes (Client Training), outras tantas em gestão de contas (Account Management Department), um fotógrafo, a já referida gestora de Recursos Humanos e uma pessoa em cada um dos seguintes departamentos: vendas (Sales Specialist), controlo de crédito (Credit Controller), pedido de vendas (Sales Order Specialist) e risco (Risk Specialist Sales). Há ainda alguns elementos que colaboram com a empresa e outros em regime de sub-contratação ou prestação de serviços.

Especificamente na secção editorial, as duas subdivisões anteriormente mencionadas (os canais nacional e internacional) implicam a existência de dois editores: Sérgio Gonçalves para o canal português, cujas notícias são fabricadas em língua portuguesa e não são publicadas senão nos terminais adquiridos por investidores ou órgãos jornalísticos; e Axel Bugge – jornalista norueguês com mais de uma década de experiência na empresa, tendo inclusive sido editor no Brasil e repórter noutros países sul-americanos – para o canal internacional, com textos feitos em língua inglesa e publicados no sítio da Internet. O trabalho dos dois jornalistas do canal internacional (Axel Bugge e Andrei Khalip) resume-se à tradução o mais rápida possível dos textos mais relevantes produzidos para o canal português.

Para o canal português estão contratados, para além do editor Sérgio Gonçalves, a sub-editora Elisabete Tavares e os repórteres Ruben Bicho e Patrícia Vicente Rua. Foi este canal noticioso que contou com a minha colaboração e com a de Frederico Pinheiro, estagiário proveniente da Universidade Nova de Lisboa.

Contrariamente ao canal internacional, voltado essencialmente para a filtragem e tradução de notícias portuguesas, o nacional ocupa-se de actualizações de mercado (resumos gerais ao início da manhã, por volta da hora de almoço e ao final da tarde, mas também outros textos esporádicos sobre variações mais acentuadas, sejam elas de títulos ou de todo o PSI20), de actualizações de outras informações permanentes relevantes para os investidores (papéis comerciais, valorização ou desvalorização do euro face a muitas das restantes moedas mundiais), da cobertura de eventos nacionais relevantes (sobretudo em Lisboa, onde estão sediadas as principais empresas) e, claro, de entrevistas exclusivas aos principais dirigentes de empresas cotadas ou a altas figuras do Governo nacional. Tudo isto, saliente-se, quando os temas sejam relevantes do ponto de vista de um investidor, ou seja, quando houver a possibilidade de o tema em causa ter impacto no PSI20.

Para além disso, o canal português tem contratualizados um programa bi-diário na SIC Notícias (uma vez ao início da manhã e outra mesmo após o fecho da sessão diária do PSI20) e um outro diário na TSF (por volta da hora de almoço). Dada a rotatividade, na equipa lusa, no que respeita à cobertura de eventos, não há um plano delineado que imponha ao jornalista 'x' a feitura de um programa e ao jornalista 'y' a de outro.

Os números do estágio

Foram, ao todo, 58 os meus dias de trabalho na delegação lisboeta da Thomson Reuters. Ao longo desse período escrevi 72 artigos sobre o andamento geral do PSI20, 34 dos quais comentários após o fecho da edição diária – inicialmente, com a falta de prática, os textos eram publicados por volta das 18h, mas com a prática passaram a ser disponibilizados no terminal cada vez mais próximos das 16h35 do fecho – e outros 34 dos quais entre as 12h30 e as 14h. Os restantes foram comentários de abertura de sessão (entre as 8h30 e as 9h) ou escritos nos períodos menos comuns (por volta das 11h ou das 15h). Estes factos revelam que me coube quase sempre um horário que coincidia com o fecho da Bolsa (normalmente o horário era 11h-18h) e que a Reuters-Lisbon publica diariamente, pelo menos, três comentários gerais de Bolsa: um pelas 8h30, após a abertura; outro pelas 13h, como balanço de meia sessão; e outro pelas 17h, logo após o fecho. A estes podem juntar-se, em dias de maiores oscilações no PSI20, outros textos por volta das 11h e/ou das 15h.

A tarefa de produzir estes textos de comentário geral foi, ao longo dos três meses do meu estágio, entregue quase inteiramente (em todos os casos em que pelo menos um dos estagiários se encontrava presente na redacção, o que só raramente não aconteceu) aos estagiários, como meio de libertar os quatro jornalistas do canal português para trabalho de campo. Dada a necessidade de bater a concorrência da Bloomberg (que tem também uma equipa em Lisboa), a produção destes textos fazia-se acompanhar por uma forte pressão dos colegas por mais rapidez. Se, por um lado, a produção destes textos se foi tornando repetitiva e, logo, maçadora ao longo do tempo, por outro lado merecem destaque os ganhos profissionais impostos pela necessidade de rapidez.

De facto, segundo o editor Sérgio Gonçalves, ambos os estagiários souberam com o tempo adaptar-se ao ambiente frenético da redacção da Thomson Reuters. Para isso, foi necessário abandonar a lógica de criatividade discursiva e entender a especificidade da escrita de agência: simples, sucinta, feita de frases curtas e claras.

Para além dos comentários accionistas, outras notícias de actualização diária foram executadas pelos estagiários: os números do mercado monetário, as taxas de câmbio e papéis comerciais. Especificamente, as actualizações de mercado foram rotineiras desde o primeiro dia do estágio, ao passo que o monetário só entrou nos afazeres após a segunda semana, as taxas de câmbio no início de Agosto e os papéis comerciais desde a segunda semana do mesmo mês. A realização diária dessas tarefas mecânicas, aliadas às já referidas actualizações de mercado, foi simultaneamente um aspecto negativo e positivo no estágio: gerou repetição de processos e, portanto, coarctou a novidade; mas também permitiu a aprendizagem intensiva do ritmo de produção noticiosa exigível para a agência.

Foram 211 as notícias por mim produzidas ao longo dos 58 dias de trabalho, o que perfaz uma média de 3,6 notícias por dia. Como forma de ilustrar o quão mecânicas são as funções de um jornalista da Reuters-Lisbon, desses 211 textos 72 (como vimos) foram comentários do PSI20, 10 foram textos sobre papéis comerciais, 13 sobre o mercado monetário e 16 sobre as taxas de câmbio. No total foram 111, ou seja mais de metade do total, os textos resultantes das tarefas mecânicas diárias referidas.

Junte-se a esse número o conjunto dos textos publicados com base em *press-releases* recebidos de analistas institucionais – do BPI, do Caixa BI (Banco de Investimento), da Espírito Santo Research, da JP Morgan, do Citigroup, da UBS, da Goldman Sachs, da Banesto ou da Merrill Lynch. Esse tipo de textos é passível de influenciar o andamento dos mercados financeiros na medida em que é constituído por avaliações de especialistas. Na sequência de anúncios de investimentos, de compras, de vendas, de resultados trimestrais ou de meras notícias veiculadas pela imprensa, é frequente os analistas reverem o seu *outlook* anterior, reforçando recomendações ou alterando-as. Os *rankings* variam de empresa para empresa, mas normalmente são os três de base: compra, venda ou neutro (*buy, sell e neutral*, no original). Ora, foram 37 os textos deste tipo por mim publicados ao longo dos três meses.

Quanto aos restantes 63 textos, a sua maioria é constituída por anúncios de investimentos, de resultados trimestrais ou semestrais de empresas cotadas na Bolsa e por *hots* (textos pontuais referentes a grandes valorizações diárias de um título específico – normalmente acima de 5% da sua cotação de abertura de mercado).

Aspectos positivos e aspectos menos positivos

No lado menos bom encontro apenas os efeitos da 'sobreeposição' a tarefas similares, ao longo de três meses. Essa constante foi suficiente para esmorecer parte do ânimo causado pelos restantes aspectos do estágio. Foi também um impedimento para que fizesse mais trabalho de campo, mais jornalismo de investigação, mais entrevistas e, portanto, mais trabalhos merecedores de destaque – no terminal da Reuters e, até, na imprensa nacional.

Mas a balança pende, sem dúvida, para o outro lado. A informalidade desde o primeiro dia, que me fez sentir à vontade junto de colegas com muito mais experiência e conhecimento de causa; a fácil integração, tendo começado a produzir textos logo no primeiro dia do estágio sem ter tido aulas de formação (a formação foi contínua: aprender fazendo e comparando as diferenças entre os meus textos e as versões editadas); a amabilidade com que os colegas, em situações esporádicas, explicaram alguns 'porquês' que me ajudaram a perceber melhor o estilo jornalístico da Thomson Reuters; o ambiente descontraído e relaxado, bem-

humorado, que só se desfazia quando tarefas urgentes se aproximavam.

Para além disso, é claro, foi particularmente recompensador o período a partir de 21 de Julho, dia em que comecei a assinar todos os meus textos. Sem esquecer, é claro, a publicação quase diária de textos meus nas versões online de jornais económicos e generalistas e nas versões impressas dos económicos.

Partindo para casos específicos, as quatro idas ao Conselho de Ministros foram particularmente interessantes pelo ritmo frenético com que as notícias eram tratadas logo em seguida: ao inevitável telefonema ao editor seguia-se uma de duas consequências: ou lhe dava, por essa via, as informações relevantes (que ele ia transformando em notícia nesses mesmos instantes, lendo-me o resultado final e publicando-o logo em seguida); ou eu viajava para a Thomson Reuters com a maior rapidez possível e, lá chegado, não podia perder mais de 15 a 30 minutos na escrita do texto. Mais uma vez a Bloomberg revelava-se omnipresente na redacção da Reuters.

Memorável foi a ida, com o colega Henrique Almeida (à data praticamente de saída para abrir uma delegação em Angola), à residência oficial do Primeiro-Ministro José Sócrates para a recepção a Hugo Chávez e respectiva comitiva. O Presidente venezuelano, que trouxe consigo quatro ministros ligados às áreas envolvidas nos negócios a serem contratualizados, assinou contratos com o Grupo Lena e a Mota-Engil para a construção de casas e estradas na Venezuela, para além da compra de mais de um milhão de computadores Magalhães num acordo com a JP Sá Couto e o Governo português, representado no evento por José Sócrates e pelos ministros Mário Lino e Manuel Pinho.

Acorri a esse evento não por proposta do editor mas após combinação com o colega Henrique Almeida, com quem aguardei mais de uma hora pela chegada da comitiva venezuelana. Entre outros, com Hugo Chávez estavam jornalistas da estação televisiva estatal e um provador para as refeições, que sempre assegura ao Presidente da Venezuela que não é envenenado.

Do acontecimento o colega Henrique Almeida garantiu declarações exclusivas do Ministro do Petróleo da Venezuela, em reacção a afirmações da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) sobre um eventual aumento da oferta de petróleo a nível mundial. O texto, mais uma vez, não aguardou pela nossa chegada à redacção – foi redigido por Andrei Khalip, na altura (por volta da meia-noite) ainda na delegação, nos minutos imediatamente após as declarações. De novo um telefonema a fazer toda a diferença.

Recordo ainda a ida à estação de Metro da Amadora para o anúncio, pela secretária de Estado Ana Paula Vitorino, da contratualização de uma extensão da linha azul até 2011, e de ter obtido – a custo – declarações exclusivas da governante que transformei em notícia, num caderno de anotações, nos 10 minutos que a viagem de regresso no Metro me “roubou”. À chegada à redacção apenas tive de transcrever esse texto, que foi imediatamente publicado (e copiado pelo Público online). Estive também presente no anúncio

dos resultados de primeiro semestre da empresa de correios CTT, na conferência de anúncio da criação do banco de investimentos Optimize e no anúncio, pelo ministro Manuel Pinho no Centro Cultural de Belém, da abertura de uma linha de crédito de 700 milhões de euros para as Pequenas e Médias Empresas.

Dado que os quatro colegas contratados pela Reuters-Lisbon já haviam feito, antes da minha chegada, a divisão entre si da cobertura das 20 empresas cotadas no PSI20 (fazem-no por sectores de actividade: por exemplo, telecomunicações para Elisabete Tavares, banca para Sérgio Gonçalves), o mais que consegui foi (sem que me tivessem proposto) uma entrevista à Sumolis, uma das empresas cotadas no PSI Geral. A falta de tempo habitual, sobretudo devido às referidas tarefas mecânicas, impossibilitou-me de procurar mais matérias exclusivas junto de empresas cotadas no PSI Geral.

Um outro (e último exemplo) evento em que estive presente foi no anúncio por Miguel Cadilhe de uma reestruturação da administração da Sociedade Lusa de Negócios (SLN) e da autonomização, em relação a ela, do Banco Português de Negócios (BPN).

O estágio e o tema inevitável para esta investigação

Como é visível pelo tipo de notícias que publiquei ao longo do estágio, não foi unicamente devido à minha experiência em particular que o tema deste relatório se impôs. Dois factores essencialmente estão por detrás dessa inevitabilidade: a especialização da Reuters-Lisbon, maior do que a já vincada especialização do grupo Thomson Reuters, devido aos seus reduzidos recursos (financeiros e, sobretudo, humanos); e o forte prestígio, nacional e internacional, que faz com que a empresa detenha um papel particularmente sensível enquanto mediadora de informação sobre os mercados financeiros.

Assim, e dada a complexidade excessiva que um estudo intensivo dos efeitos da crise financeira em Portugal implicaria, a abordagem de alguns casos específicos de notícias exclusivas (e houve várias, como tive a oportunidade de constatar aquando do estágio) e dos seus eventuais efeitos nas cotações de títulos do PSI20 é para mim o tema inevitável. E é-o porque, desde logo, prefiro traços (ainda que ligeiros, como se verá) de abordagem quantitativa juntamente com uma abordagem qualitativa; e ainda porque teria muita dificuldade em que me fosse facultada informação histórica sobre a Reuters-Lisbon, caso quisesse fazer da delegação portuguesa o meu objecto de estudo.

É fundamental para um estudo como este referir aspectos relevantes do funcionamento da empresa e da sua história, uma vez que essas características serão, naturalmente, factores de peso na ponderação das conclusões da investigação. Antes de iniciar essa abordagem, porém, proporei uma breve contextualização sobre o papel desempenhado pelos mercados financeiros na economia actual. Tal menção incluirá uma

referência ao Perfil do Investidor do PSI20, elaborado pela Comissão de Valores do Mercado Mobiliário (CMVM), e indicações sobre como interage a Reuters com os intervenientes na Bolsa portuguesa, nomeadamente que tipo de investidor adquire os produtos e serviços da agência. Tal noção será essencial como raiz para os capítulos posteriores, dedicados a descortinar o papel desempenhado pela Reuters nos mercados financeiros globais.

Globalização e Bolsa de mercado

Pese embora este não seja um trabalho que requeira um conhecimento aprofundado do funcionamento dos mercados financeiros, convém elaborar uma breve abordagem introdutória da importância que a Bolsa de valores assume na economia global de hoje. Não se trata, de todo, de uma actividade elitista e fechada sobre si mesma, irrelevante e sem repercussões naquilo a que erradamente se costuma apelidar de “economia real” - a propósito, parece consensual que o descalabro económico actual foi despoletado por alguma permissividade legislativa em torno dos mercados financeiros. Importa aqui, então, acentuar e descrever o papel fulcral do funcionamento da Bolsa na economia – não sendo Portugal, o país em apreço no relatório, uma excepção a essa tendência.

A globalização e a centralidade dos mercados financeiros

É incontestável que os mercados financeiros têm vindo a adquirir um papel cada vez mais preponderante nas economias – ocidentais e asiáticas, sobretudo. Para o atestar basta recordar que as capitalizações de mercado (somatório das acções emitidas por todas as empresas cotadas em Bolsa multiplicadas pelas respectivas cotações) duplicaram em percentagem no PIB de 1985 a 2001 (Jansen & Nahuis, 2002: 1). Não é de hoje, nem seguramente de há menos de 50 anos, o atractivo do risco sobre os indivíduos; aliás, na mente de muitos a actividade bolsista não mais é do que “capitalismo de casino”.

Política posta de parte, interessa perceber como funciona o mecanismo. A Bolsa segue a lei da oferta e da procura que também regula a “economia real”: se há mais compradores de um título (nome que se dá a uma empresa cotada em Bolsa), o seu preço tende a subir; se as vendas se acentuam, o preço cai. Ora, isto acarreta uma componente de risco não só para o investidor mas também para os gestores das empresas cotadas, visto que cada acção é uma fracção do capital social da empresa, a divisão desse capital social em partes iguais. Não sendo elitista, a Bolsa não é vedada a estratos sociais: qualquer cidadão com meios financeiros suficientes pode, assim o querendo, comprar acções de qualquer um dos títulos cotados. Esse cidadão receberá, então, o lucro da valorização ou sofrerá o prejuízo da desvalorização das suas acções. Para além disso, o seu direito de voto sobre os destinos da empresa cotada será proporcional à percentagem de acções que dela detiver.

É claro que, pelo elevado risco a ele associado, o investimento em Bolsa é potencialmente muito mais rentável do que o investimento em aplicações sem risco. No portal da DECO (Defesa do Consumidor) há uma

página¹ dedicada a conselhos para eventuais investidores da Bolsa. Aí aconselha-se a que se distribua o dinheiro a investir por cerca de 10 títulos, de preferência cotados em vários países, como forma de evitar um forte prejuízo decorrente de factores contextuais. A DECO acrescenta que a paciência é, no que respeita à Bolsa, uma virtude – porque as comissões de transacção pesam mais no rendimento quanto maior for o volume de compra e/ou venda de acções.

Mas o que é fundamental assinalar é o individualismo inerente ao funcionamento da Bolsa. Os agentes investidores pensam no que mais os favorece e procedem de acordo com as mensagens que lhes são transmitidas pelo mercado – havendo aí um peso importante das notícias veiculadas pela imprensa. A antecipação dos acontecimentos é particularmente importante nesse processo (Palmer, Boyd-Barrett & Rantanen, 1998: 62). Mas a teoria económica de “rational choice” tem as suas imprecisões, como assinala W. Brian Arthur. O professor norte-americano de Economia recorre ao Dilema do Prisioneiro para lembrar que “quando a formação de expectativas sobre um determinado desempenho no mercado é baseada em parte nas expectativas de outros, essa formação de expectativas pode tornar-se auto-referencial”² (1995:3). Significa isto que nem sempre há um piso terreo onde assentar a dedução racional, o que abre portas a que as expectativas de um potencial investidor sejam manipuladas pelas de outros.

Isto é tanto mais relevante quanto mais tivermos presente a centralidade dos mercados financeiros na economia global. Portugal é, aliás, um dos quatro países cujos cidadãos são identificados por W. Jos Jansen e Niek J. Nahuis como particularmente sensíveis às oscilações do mercado financeiro: “descobrimos que as expectativas gerais [desses cidadãos] sobre o estado da economia nacional estão mais correlacionadas com desenvolvimentos nos mercados financeiros do que com o estado das suas finanças pessoais. As diferenças são particularmente acentuadas na Irlanda, na Itália, na Holanda e em Portugal”³ (2002: 8).

O caso português: Perfil do investidor do PSI20

O PSI20 data de 31 de Dezembro de 1992, dia em que abriu portas com um valor de base de 3000 pontos. A distância que o separa do PSI, onde estão cotadas mais algumas dezenas de empresas portuguesas, é segundo o economista Rui Cerdeira Branco⁴ o equivalente à ordem em que os vários produtos de um mesmo

1 Acessível em <http://www.deco.proteste.pt/poupanca-e-investimento/primeiros-passos-na-bolsa-s525131.htm>.

2 No original, “where forming expectations means predicting an aggregate outcome that is formed in part from others’ expectations, expectation formation can become self-referential”.

3 No original, “we find that general expectations about the state of the economy are higher correlated with stock market developments than expectations about the state of personal finances. The differences are especially pronounced for Ireland, Italy, The Netherlands and Portugal”.

4 Cf. *post* de Rui Cerdeira Branco intitulado “O que é o PSI20?”, publicado no seu blogue Economia & Finanças. O texto está disponível em <http://economiafinancas.com/2008/02/o-que-e-o-psi-20/>.

tipo são disponibilizados num supermercado: uns estão à vista nas melhores prateleiras, outros ficam de reserva em espaços menos atractivos. Portanto, o PSI20 reflecte a evolução dos preços dos 20 títulos melhor cotados na Euronext Lisbon. Como condição para a sua adesão, essas empresas devem ter sede em Portugal ou 66,7% do seu volume transaccionado no PSI20⁵.

Num artigo elaborado para o Boletim Económico do Banco de Portugal, três membros do Departamento de Estudos Económicos dessa instituição descrevem as características básicas do funcionamento do PSI20. Enquanto mercado regulamentado em sistema de leilão, só haverá transacção quando a uma ordem de compra corresponder uma ordem de venda. Escrevem Paula Antão, António R. Antunes e Nuno C. Martins: “imaginemos que num dado instante é submetida à Bolsa uma ordem de compra à cotação p e quantidade q . Se nesse momento o total pendente de ordens de venda à cotação p ou inferior tiver volume maior do que q , então a ordem de compra é total e imediatamente satisfeita. Se o volume de ordens de venda pendentes a cotação compatível for insuficiente para que se execute na totalidade a ordem de compra, a parte não satisfeita ficará pendente até que a ordem expire, seja totalmente executada ou seja anulada” (2004: 117).

A velocidade a que as transacções se dão e o custo que lhes está associado são essenciais, referem os autores do artigo, visto que se associam à liquidez do mercado. Os activos de um mercado são tanto mais líquidos quanto mais rápida for a sua transacção e quanto mais o preço a que essa transacção se der se aproximar do seu preço de mercado. A pressão é maior do lado da venda, segundo constataram os três autores em análise do período de 4 de Janeiro a 15 de Outubro de 2002: ao longo desse período houve 54,4% de ordens de venda e 45,6% de ordens de compra, “tendo a maioria das ordens validade para o próprio dia” (2004: 118-119).

Um entendimento mais aprofundado do PSI20 tem de tomar em consideração o Perfil do Investidor, cujos dados mais actuais constam do *Relatório Anual de 2007 sobre a Actividade da CMVM e sobre os Mercados de Valores Mobiliários* (o documento de 2008, também disponível, não contém um Perfil do Investidor). De acordo com o documento, naquele ano apenas 2,7% das famílias portuguesas detinham acções em Bolsa. O estudo, que prossegue sem mais detalhes sobre investimento em acções, dedica-se a todos os tipos de investimentos – em depósitos a prazo, certificados de aforro, obrigações do tesouro, unidades de participação em fundos de investimento, títulos de participação, produtos derivados e estruturados, planos de poupança reforma e outros.

De uma forma global, três em cada dez investidores de 2007 haviam concluído quatro ou menos anos

5 Esta informação pode ser confirmada e complementada através da leitura de *Rules for the PSI 20-Index*, um *paper* elaborado pela NYSE Euronext em Maio de 2008.

de escolaridade e 24 em cada 100 concluíram um curso médio ou superior. A CMVM conclui: “embora o nível de escolaridade não possa ser visto como significando maior formação dos investidores em matérias de natureza financeira, o primeiro daqueles valores levanta algumas preocupações com o nível de literacia financeira de um número muito significativo de investidores portugueses, tanto mais que é geralmente reconhecido que um elevado nível de cultura financeira diminui os chamados erros de comportamento dos investidores (contribuindo por exemplo para uma maior diversificação das carteiras por mais clara consciência do risco) e tem impacto relevante na correcção das decisões de investimento” (2007: 188).

O estudo revela ainda que seis em cada dez investidores afirmaram ter acções (87,7% investiam apenas no mercado nacional) e apenas 12 em cada 100 investidores usavam a Internet como meio privilegiado para dar ordens de compra ou venda.

A Reuters e os investidores do PSI20

Referi anteriormente, na introdução a este relatório, que a Thomson Reuters desempenha um papel muito importante junto dos investidores da Bolsa. É, aliás, nesse ponto de partida essencial que este estudo assenta, sendo por isso que dedicarei à história da empresa todo um capítulo. Mas a mera afirmação de que a Reuters é relevante para os investidores, se não escarpelizada e concretizada, arrisca-se a fragilizar toda a restante investigação que daí parte. Há, portanto, algumas questões prementes que necessitam de resposta: quem são os clientes da Thomson Reuters portuguesa? Que mais-valia lhes proporciona a agência? E, de uma forma geral, como se informam os investidores antes de transaccionar acções do PSI20?

Os constrangimentos temporais inerentes à feitura deste relatório e, mais importante, a indisponibilidade da Thomson Reuters para divulgar dados sobre os seus clientes portugueses tornam impossível explicitar, concretamente, com quem negocia. Há, porém, padrões que podem ser enumerados e que fornecem uma base de sustento para o presente relatório de estágio.

Como vimos na secção referente ao estágio curricular, há vários sectores de actividade na Reuters-Lisbon. Ainda que todos eles consistam na produção de conteúdos ou serviços para agentes (indivíduos ou grupos) económicos, poucos são os que têm uma ligação directa com o mercado financeiro. Assim, para além da área editorial, apenas o Grupo de Serviços Profissionais (Professional Services Group) – não coincidentemente um dos mais numerosos do todo – está envolvido com investidores da Bolsa. Especificamente, é esse grupo que trata da manutenção dos terminais Reuters, programas informáticos que são vendidos a investidores e nos quais é disponibilizada a informação proveniente da área editorial. Esses terminais são a grande mais-valia que a Reuters pode fornecer aos seus clientes do mercado financeiro.

Portanto, os clientes da Reuters-Lisbon que são investidores do PSI20 adquirem o terminal Xtra (o programa mais recente tem a designação 3000), onde para além da listagem das notícias que vão sendo publicadas têm informação actualizada ao segundo sobre as cotações dos títulos e dos índices referentes aos sectores de títulos (tecnológico, petrolífero, etc.). Podem também criar gráficos a partir de informação que lhes é disponibilizada e interagir com outros investidores em ferramentas de conversação, entre outras funcionalidades⁶.

Como vimos anteriormente, apenas 12 em cada 100 investidores – de acordo com o relatório de 2007 da CMVM – recorrem à Internet como fonte de informação para as suas transacções em Bolsa. Para além disso, uma percentagem inferior a esses 12% utiliza os terminais especializados da Reuters ou da Bloomberg (apenas estas duas agências possuem terminais do género). Ainda assim, a simples quantificação dos investidores encobre uma outra realidade: são os investidores que mais se informam no dia-a-dia (e isso dá-se sobretudo na Internet) aqueles que mais “animam” o PSI20, ou seja, os que efectuem o grosso das transacções de acções. Por outras palavras, essa minoria procura sobretudo ganhos de curto prazo e está atenta aos mínimos detalhes, ao passo que a maioria (composta por indivíduos menos escolarizados que não só não se informam frequentemente como também esperam resultados de longo prazo) não compra nem vende com tanta frequência.

Então quem são os clientes da Reuters-Lisbon que adquirem o terminal informativo? São grandes investidores, aqueles que detêm a maioria das acções transaccionáveis, e que não só baseiam as suas decisões nesses terminais como ainda recorrem frequentemente a negociadores (*dealers*) profissionais do mercado. Esses *dealers* também actuam com base na informação dos terminais. A maioria dos indivíduos que detêm acções do PSI20 possui, na verdade, uma baixa proporção do total de acções. Apesar de acessível a qualquer cidadão, a Bolsa é sobretudo o palco de uma minoria, concretamente uma minoria pertencente às classes económicas mais elevadas. E este é um facto global, não só português.

A constatação desses factos sublinha a importância deste relatório. E há um outro indicador a ter em conta: apesar de um pequeno grupo de investidores (todos eles pertencentes à minoria que mais transacciona) conseguir antecipar-se por possuir informações de bastidores, a maior parte tem apenas as notícias veiculadas pela imprensa como base para tomadas de decisões. Nesse sentido, a presença de agências como a Thomson Reuters e a Bloomberg no “fulcro” da actividade financeira influencia esses investidores directa ou indirectamente, consoante possuam ou não um terminal de informação dessas agências. Caso o possuam tomarão decisões mais rápidas e tenderão a obter mais ganhos ou a evitar

6 Uma descrição completa do terminal Reuters 3000 Xtra está disponível na página online da Thomson Reuters, em http://thomsonreuters.com/products_services/financial/financial_products/equities_derivatives/americas/3000_xtra (accedida em 24/8/2009).

desvalorizações acentuadas; caso não o possuam acabarão – com algum atraso – por obter as principais notícias veiculadas pelas agências através dos meios de comunicação social tradicionais, que subscrevem os seus serviços.

Abordada a dimensão da Thomson Reuters junto do mercado bolsista português, torna-se agora imperativa uma descrição dos principais aspectos da história da empresa, pois só conhecendo-os se compreenderá o sentido da afirmação – várias vezes aqui formulada – de que a Reuters está intimamente relacionada com os mercados financeiros.

Thomson Reuters: muito mais do que jornalismo

Após a descrição dos aspectos essenciais do funcionamento do mercado financeiro, a contextualização qualitativa deste estudo requer a evocação da história da Thomson Reuters. Para situar a Reuters no seu *habitat* natural, a Bolsa, será necessário frisar a preponderância que os mercados financeiros assumem no seu negócio.

Uma agência internacional ou transnacional, não global

A classificação das várias agências noticiosas foi mais notoriamente tipificada por Oliver Boyd-Barrett em *The International News Agencies* (1980). Em recensão a este livro, o investigador Claudio Aguirre-Bianchi recorda os três tipos de agências da concepção de Boyd-Barrett: nacionais, intermédias e internacionais. As primeiras disseminam unicamente informação doméstica, referente ao país a que pertencem; as segundas, apesar de nacionais, cobrem também informação noutras partes do mundo (a espanhola EFE, que tem delegações nas ex-colónias espanholas da América Latina, é um desses exemplos); e as agências internacionais são aquelas que “não apenas obtêm notícias da maior parte dos países e territórios do mundo, mas também distribuem notícias para a maior parte dos países e territórios” (1984: 77)⁷.

Afigura-se necessário escarpelizar melhor a definição de agência internacional. Num artigo publicado na *International Communication Gazette* em 2000, Boyd-Barrett estabelece a divisória entre o que significa uma agência internacional e o que seria uma agência global, caso existisse alguma. No entender do autor, uma agência global seria uma espécie de entidade jornalística neutra, capaz de percepcionar as preferências de todos os cidadãos do mundo, desse modo divulgando-lhes os conteúdos que lhes interessassem e de uma forma que atendesse aos valores e aos preceitos morais de todos. Esta instituição utópica, de serviço público puro, não se identificaria unicamente com cultura ocidental, não reflectiria apenas a ética capitalista de mercado e “daria e todos e qualquer um o 'benefício da dúvida' [...]; seria uma agência cujo conteúdo equilibrasse os lados político, social, económico e cultural” (2000: 17)⁸.

Sendo certo que Boyd-Barrett caracteriza as quatro macro-agências – Reuters, Agence France-Presse (AFP), Associated Press (AP) e Bloomberg – como internacionais mas não mundiais, isto é, como correspondentes a um grupo de entre a totalidade dos países do mundo, essa distinção surge vincada por

7 No original, “not only collect news from most countries and territories of the world, but also distribute news to most countries and territories”

8 No original, “would give anything or anybody the 'benefit of the doubt' [...]; and an agency whose content equally balanced the political, social, economic and cultural”.

Aguirre-Bianchi na recensão previamente referida. O autor chileno lembra o termo “transnacional” adoptado pela Organização das Nações Unidas para designar as empresas internacionais monopolistas ou oligopolistas que dependem financeiramente de grandes indústrias e culturalmente da economia de mercado. A substituição, por Aguirre-Bianchi, da palavra “internacional” por “transnacional” não abarca a necessidade de reformular a definição encontrada por Boyd-Barrett para as agências internacionais: “esta sugestão não deve ser vista como 'pedantismo semântico', mas como um pedido de maior precisão na terminologia da actual sociologia dos *media*” (1984: 78)⁹.

1851-1971: como se alimenta um gigante?

Em *The Power of News: The History of Reuters*, Donald Read escreve sobre Julius Reuter que “se ele fosse um empresário do século XX, provavelmente teria um negociante de petróleo” (1992: 5)¹⁰. O barão alemão que se estabeleceu em Londres sabia ao que ia: já na sua cidade natal, Aachen, havia dirigido um serviço de informação financeira com recurso a cabos telegráficos e, imagine-se, pombos-correios. “Isso ajudou Reuter a estabelecer uma invejável reputação de rapidez, rigor, integridade e imparcialidade”¹¹, lê-se na página Company History¹² da Thomson Reuters. Chegado ao Reino Unido, Reuter passou a transmitir dados dos mercados entre Londres e Paris recorrendo ao cabo submarino Dover-Calais.

O rápido sucesso desta iniciativa fez com que, em menos de uma década, vários outros escritórios da Reuters abrissem por toda a Europa. A fama granjeada foi em muito engrandecida pelo rápido anúncio da morte de Abraham Lincoln e, décadas mais tarde, pela cobertura exaustiva da 1ª Guerra Mundial. A sempre presente procura de imparcialidade acabaria em 1941 na forma de uma Constituição da empresa, os Reuters Trust Principles – que abordarei no próximo capítulo.

Importa salientar que os mercados financeiros têm um papel central no negócio das agências noticiosas desde sempre. Assim foi com a Reuters, mas o mesmo se deu com a alemã Wolff e a francesa Havas (hoje AFP), com as quais, aliás, a Reuters chegou a formar em 1859 um cartel que só se romperia 60 anos depois por pressão da AP. Aquele acordo a três, como seria previsível, foi mais que suficiente para que o cartel dominasse o processo de procura de informação da seguinte forma: a Reuters cobriria a América do Norte, o império britânico, o Egipto e grande parte da Ásia; a Havas ficaria com o império francês, os países latinos da Europa e a América do Sul; a Wolff trataria dos restantes países europeus (Cuthbert, 1980: 100-101). Mais

9 No original, “this suggestion should not be regarded as 'semantic pedantry', but as a call for precision in the terminology of current media sociology”.

10 No original, “if he had been in business in the early twentieth century, he might well have become an oil-man”.

11 No original, “this helps Reuter establish an enviable reputation for speed, accuracy, integrity and impartiality”.

12 Acessível em http://www.thomsonreuters.com/about/company_history/.

tarde, em finais do século XIX, o grupo seria fortalecido com a entrada da AP, que ajudou na cobertura mais exaustiva dos Estados Unidos.

Desde sempre, portanto, as agências procuraram satisfazer as necessidades dos investidores financeiros de conhecimento rápido e permanentemente actualizado. Como refere Aguirre-Bianchi, “Havas, Reuter e Wolff, os pais fundadores das actuais agências noticiosas 'internacionais', tinham em mente que os seus clientes seriam negociantes e não jornalistas” (1980: 76)¹³. Essa tendência tornou-se de tal modo preponderante que, segundo Oliver Boyd-Barrett e Terhi Rantanen (2002: 5), 53% das receitas da Reuters em 1999 cabiam a serviços financeiros, 25% às Reuters Trading Solutions e 17% à Instinet (uma empresa entretanto criada para corretagem electrónica).

Reuters = Lugar de destaque nos mercados + aposta no jornalismo

Se, ao todo, os produtos e serviços financeiros ocuparam 95% dos ganhos da Reuters, o sector noticioso nem os restantes 5% totalizou: essa percentagem é ocupada pelo sector Reuters Media, que inclui as vendas de serviços jornalísticos (tradicional, via internet e Reuters Television News), e por entidades como a Reuters Enterprise, a Factiva e o Greenhouse Fund (Boyd-Barrett & Rantanen, 2002: 5).

Ainda assim, nos cinco anos desde 1979 o número de jornalistas empregados pela empresa havia crescido 20% (Musa, 1990: 329). Ora, parte das notícias da linha económica da Reuters havia sido incorporada no serviço noticioso geral no início da década de 1970, como parte de um plano de reestruturação devido às sucessivas perdas. A medida transformou também dois processos até aí distintos num só: a análise dos dados dos mercados financeiros e a produção de notícias a partir deles. O resultado foi uma sensação de mal-estar sobretudo dos membros mais antigos da empresa. Nas palavras de John Bartram, “isso envolveu o medo de perder poder e autoridade, uma preocupação de que os padrões jornalísticos estavam a decair, uma crença visceral entre alguns de que notícias económicas não eram verdadeiras notícias e uma relutância em aceitar as alterações que se tornaram inevitáveis devido aos prejuízos contínuos” (2003: 389)¹⁴.

A optimização de recursos humanos da área jornalística não constituiu, ao contrário do que se poderá intuir, um desinvestimento. Na verdade, ainda que tenha desde sempre havido uma muito maior incidência da empresa no tratamento de dados financeiros e na criação de serviços a eles associados, a componente

13 No original, “Havas, Reuter and Wolff, the founding fathers of current 'international' news agencies, had in mind businessmen as their costumers and not newsmen”.

14 No original, “it involved the fear of losing power and authority, a concern that journalistic standards were falling, a visceral belief among some that economic news was not real news and an unwillingness to accept the changes that became inevitable because of continuing financial losses”.

noticiosa é parte essencial da estratégia da empresa. Jonathan Fenby, jornalista e ex-editor da Reuters durante 14 anos, responde ao 'porquê': "a Reuters poderia ter seguido uma direcção distinta quando a sua administração mudou em 1963. Nessa altura combinou sucesso financeiro com a preservação, e até o alargamento, dos seus serviços de notícias generalistas" (1993: 53)¹⁵.

A reestruturação da década de 1970 trouxe consigo alguma indefinição inicial, com cada vez mais notícias de política e sociedade a serem listadas nas subscrições de investidores do mercado financeiro. "A crescente importância dos mercados financeiros havia criado um apetite insaciável (e rentável) por notícias que pudessem afectar esses mercados; isto incluía homicídios de políticos, notícias sobre indústria e o clima. Inicialmente, os estilos de escrita mantiveram-se distintos nos dois mercados mas aproximaram-se gradualmente, com apenas as notícias financeiras mais 'secas' a serem enviadas para os serviços económicos e a maior parte das notícias políticas e generalistas a serem encaminhadas para ambos os serviços" (Bartram, 2003: 389)¹⁶.

Concorrência instiga dinamismo

Uma nova Reuters emergia agora e acompanhava a ritmo acelerado os avanços da globalização económica. Para além disso, a administração soube compreender o papel cada vez mais central dos corretores na Bolsa, pelo que direccionou parte importante da sua dotação de I&D (investigação e desenvolvimento) para um maior relacionamento online entre investidores e respectivos *traders*. Foi em inícios da década de 80 que surgiram os primeiros terminais Reuters, que em pouco tempo conquistaram os *traders* e fizeram com que estes passassem a executar as suas transacções em sistemas da Reuters. Não espanta que, dada a grande aceitação dos serviços de intercomunicabilidade criados pela Reuters, os lucros da empresa tenham crescido 50% ao longo dessa década (Musa, 1990: 326)

"O Reuters Monitor fornece, em comunicação online de tempo real, o conjunto mais significativo de informação. A aldeia global de Marshall McLuhan chegou, mas as habitações dessa aldeia são casas de negócios financeiros e os aldeãos são *dealers*" (Tunstall e Palmer, cit. In Bartram, 2003: 388)¹⁷. Com esta nova realidade pela frente, anos se passaram em que os resultados da Reuters superaram as melhores

15 No original, "Reuters could, very conceivably, have gone in a different direction when its top management changed in 1963. In the event, it combined financial success with the preservation, and indeed the enlargement, of its general news services".

16 Originalmente, "The increasing importance of financial markets had created an insatiable (and profitable) appetite for news likely to affect those markets; this ranged from assassinations to politics, to economic industrial news and the weather. Writing styles initially remained distinct for the two markets but they gradually became blurred, only the driest market reports were sent just to the economic services and most political and general interest stories were filed simultaneously for both".

17 No original, "Reuters Monitor provides, in real-time on-line communication, the most comprehensive batteries of data. Marshall McLuhan's global village has arrived, but the village houses are financial houses and the villagers are dealers".

expectativas; mas o potencial de negócio percebido pela Reuters seria também, em inícios da década de 80, o motivo de um forte investimento concorrencial por Michael Bloomberg, até então famoso *trader* da Salomon Brothers.

Espicaçada pela emergência da Bloomberg, configurada como sua concorrente directa, a Reuters procurou desde logo transmitir aos seus clientes uma imagem de criatividade, dinamismo e modernidade. A sua tentativa de fidelizar clientes reflectiu-se num grande reforço do investimento em I&D: de 6,2 milhões de libras em 1982 para 200 milhões em 1996 (Boyd-Barrett, 2000: 11). Um tal volume de despesas não teria lugar, claro, se as receitas potenciais perspectivadas não fossem muito superiores. E foram-no, apesar do peso crescente da Bloomberg no mercado. Rompendo a ideia cada vez mais generalizada de que estava estagnada, a “Reuters foi bem sucedida em obter virtude (e dinheiro) a partir da necessidade” (Tunstall e Palmer, 1991: 46)¹⁸.

A Reuters é a Microsoft, a Bloomberg é a Google

Num mercado concorrencial vencem os mais empreendedores. No que diz respeito a utilitários de base da Internet – como motores de pesquisa, serviços de e-mail, portais de notícias e outros componentes –, a gigantesca Microsoft (também atacada pelo gratuito Linux devido ao seu – ainda que enfraquecido – monopólio dos sistemas operativos) tem vindo a perder terreno para uma empresa recente, formada por gestores e programadores jovens, chamada Google. Em *Media Moguls*, John Tunstall e Michael Palmer citam Henri Pigeat, ex-dirigente máximo da francesa AFP, dizendo que o serviço Reuters Monitor era “a IBM da informação financeira e económica” (1991: 61)¹⁹. Eis como reage John Bartram: “a IBM, como sabemos, era um caso clássico de uma companhia que pensava erradamente que produzia hardware, e não informação, e cujo mercado foi por isso mesmo engolido pela galopante Microsoft de Bill Gates” (2003: 398)²⁰.

Tal como a Google mexeu com a Microsoft e o mercado que ela liderava, também a Bloomberg agitou as águas onde a Reuters se banhava. O terminal lançado pela Bloomberg para roubar clientes à Reuters tinha uma característica inovadora: permitia aos bolsistas transaccionar acções em tempo real, sem o mínimo lapso temporal. “O Bloomberg (nome por que é conhecido o terminal da Bloomberg nos mercados financeiros) proporcionava desde cedo a análise de uma curva de rendimento (em títulos do Governo norte-americano ou outras obrigações) actualizado ao longo do dia à medida que o mercado avançava, seguia o mercado de futuros, transformavam esses desenvolvimentos em gráficos enquanto eles se alteravam,

18 No original, “Reuters successfully made a virtue (and money) out of necessity”.

19 No original, “the IBM of financial and economic information”.

20 Originalmente, “IBM, of course, provided a textbook case of a company that wrongly thought that it was producing hardware, not information, and whose market was subsequently swallowed up by Bill Gates' rampant Microsoft”.

armazenava todos os detalhes das transacções em tempo real e indicava as suas posições instantaneamente no mercado. Daí resultava uma negociação mais fácil para os *dealers* nos mercados financeiros, menos trabalho e mais conhecimento na ponta dos seus dedos” (Bartram, 2003: 390-391)²¹.

O que trouxe Bloomberg para uma disputa com o titã Reuters foi ter sentido que faltava às notícias financeiras o ponto de vista do utilizador. A plataforma que acabaria por criar em finais da década de 80, poucos anos após o surgimento da empresa sua homónima, integrava notícias e dados do mercado, assim facilitando a tomada de decisões por parte dos investidores. Para além disso, o arquivo de informação era superior e mais complexo do que o da concorrente Reuters, que foi perdendo terreno ao longo dos anos. O sistema da Reuters funcionava em tempo real e praticamente eliminava informação após a sua criação (Nordberg, 2007: 723-724).

Bloomberg, que havia sido demitido pela Salomon Brothers e indemnizado em 10 milhões de dólares - “aqui estão 10 milhões; já eras”²² (Bloomberg, 2001: 1) – que acabaria por investir na criação da sua empresa, foi inovador também por ter permitido aos seus clientes testar produtos em versão *beta*. “Os nossos competidores estudam. Planeiam. Trabalham no sentido de obter um consenso e aprovação e terminam aí. Eles tentam definir tudo logo no início, até especificando o resultado final quando começam” (Bloomberg, cit in Bartram, 2003: 395)²³. Ao contrário da Reuters, que apresentava apenas as versões finais dos seus produtos, a Bloomberg procurava a opinião do cliente.

Mas a Bloomberg dos primeiros anos não se limitava a aproveitar os nichos de mercado deixados de parte pela Reuters. A jornalista do New York Times Diana Henriques escreveu uma recensão crítica à obra de Michael Bloomberg e classificou-a de “desleixada e indigna de confiança” (cit in Bartram, 2003: 390)²⁴. Segundo Henriques, Bloomberg foi demitido da Salomon Brothers por ser pouco paciente e não ter capacidades diplomáticas, negociadoras: “enquanto os outros líderes de *media* pelo menos fazem crer que se preocupam com os danos que as nossas profissões causam nas nossas famílias e nos nossos corpos, Bloomberg vangloria-se das 12 horas de trabalho diário da sua equipa” (cit in Bartram, 2003: 390)²⁵.

Se bem que o período de trabalho diário da Bloomberg não diverge do normal em jornalismo, “o que

21 No original, “The Bloomberg (as his machine was widely known in the financial markets) provided from an early stage a yield curve analysis (on US government securities and other bonds) updated throughout the day as the market moved, it tracked the futures market versus cash, graphed these developments as they changed, stored all the details of every trader's transactions in real time and marked their positions instantly to market. That resulted in easier trading for the dealers in the securities markets, less hassle and put more knowledge at their fingertips”.

22 No original, “here's 10 million; you're history”.

23 No original, “Our competitors study. They plan. They work towards getting consensus and approval and closure. They try to define it all up front, even specifying the end game from the beginning”.

24 Originalmente, “sloppy and unreliable”.

25 Originalmente, “while other media bosses at least profess to fret about the damage our craft inflicts on our families and our bodies, Bloomberg boasts of his staff's 12 hour workdays”.

era diferente aqui”, segundo Bartram, “era que Bloomberg tinha uma tara com a sua devoção para com a empresa” (2003: 390)²⁶. A atmosfera de empenho geral, instigada pelo conhecimento permanente dos números do negócio da Reuters – mais frequentemente tendentes a piorar do que a melhorar, em contraste com os da Bloomberg –, era acima de tudo imposta pelo topo da pirâmide, bem mais do que auto-imposta pelos vários colaboradores.

Em 1989, Bloomberg contratou o repórter do Wall Street Journal Matthew Winkler, que incumbiu de dirigir o serviço noticioso da empresa, que seria nesse ano criado. Assim surgiu a Bloomberg News, a que mais tarde se juntaram a Bloomberg Magazine, a Bloomberg Radio e a Bloomberg Television. O ano, 1989, não é mera coincidência: no seu livro *Bloomberg on Bloomberg*, o empresário escreveria em 2001 que o principal aspecto da queda do comunismo havia sido a emergência de dinheiro a rodos que despoletou (Bartram, 2003: 391. Tal como na Reuters, também na Bloomberg o serviço noticioso seria subsequente ao serviço financeiro.

O estilo jornalístico da Bloomberg acabaria por influenciar a própria Reuters: texto e análise do mercado juntos, nome do autor e os respectivos contactos (telefone fixo e conta de e-mail interna). Para além disso, “algumas notícias breves eram escritas integralmente por computadores em horários específicos, libertando os repórteres para outras tarefas; a Bloomberg divulgava inúmeras peças desportivas e de lazer e os seus consumidores podiam ler artigos sobre o clima, reservar viagens e até encomendar flores e presentes de Natal através do seu terminal, que se lhes afigurava como uma ferramenta indispensável” (Bartram, 2003: 391)²⁷.

Thomson alia-se a Reuters para combater Bloomberg

A Thomson Reuters, uma empresa com receitas anuais semelhantes ao PIB de vários países europeus é, naturalmente, de difícil gestão. A mudança não é orgânica, mas sempre imposta de cima, e por implicar custos avultados só se dá a espaços. Em 2001, quando o actual CEO (Chief Executive Officer) Tom Glocer ascendeu à liderança da Reuters, admitiu que a empresa era demasiado vertical. O seu plano implicou 2800 despedimentos logo nesse primeiro ano, mas também “uma cultura de mais desempenho sem destruir aspectos positivos como a tradição editorial e a reputação de integridade” (Bartram, 2003: 396)²⁸. Tal como nos anos anteriores, as vendas de produtos e serviços financeiros da Reuters seguiam em queda livre. Em

26 No original, “what was different here was that Bloomberg made a fetish out of devotion to his company”.

27 Originalmente, “some brief market reports were written entirely by computers at set times of the day, freeing reporters up to other tasks; Bloomberg ran plenty of sports and human interest stories and his costumers could read weather reports, book their travel and even order flowers and Christmas gifts through his terminal, establishing itself in their minds as an indispensable tool”.

28 No original, “a harder performance culture without killing good things such as the editorial tradition and reputation for integrity”.

2003, de novo, mais 3000 trabalhadores viram a porta de saída da empresa pela última vez.

A espiral parecia não ter fim e a viabilidade da Reuters era já discutida acesamente em 2006. Os maus resultados sucessivos haviam enfraquecido a empresa em demasia, e nem os 2,6 mil milhões de euros de receitas em 2006 foram suficientes para animar a administração. Algo teria de ser feito e nem mesmo o plano de reestruturação de Glocer, apesar da nova tendência positiva que fazia entrever, parecia suficiente a longo prazo.

A Thomson era, em princípios de 2007, uma das duas concorrentes da Reuters no mercado de terminais financeiros. O longo e árduo processo de compra, pela empresa canadiana, de 53% da Reuters era de importância tal para o mercado jornalístico que foi vistoriado pelas entidades reguladoras do sector dos Estados Unidos e da União Europeia. A Thomson, que detém entre outros a Times e o The Scotman, despendeu 8,7 mil milhões de libras por aquela percentagem maioritária da Reuters, assim formando a Thomson Reuters, empresa para que prevê um volume anual de receitas de 12 mil milhões de dólares (BBC: 15.05.09, <http://news.bbc.co.uk/1/hi/business/6656525.stm>).

Escreve Donald Nordberg, sobre a Thomson: “o negócio com a Reuters foi bastante bom. Ambas tinham negócios financeiros que podiam não ser sobrepostos para poupar dinheiro e as diferenças podiam ser exploradas para novas vendas” (2007: 725)²⁹. Tudo o resto parecia favorável ao negócio: os serviços de informação de saúde e Direito da Thomson aliar-se-iam aos financeiros, científicos e de *media* da Reuters; e o CEO da Thomson estava disposto a abandonar o seu posto em favor de Glocer. Bem, tudo excepto um pormenor: a compra de 53% da Reuters pela Thomson violaria os Reuters Trust Principles, segundo os quais nenhum accionista poderia deter mais de 15% da empresa – uma exigência que resulta da carta constitutiva da Reuters Founders Share Company. O obstáculo, como se depreende, acabaria por ser ultrapassado.

O capítulo que aqui finda não só demonstra que a ligação entre a Thomson Reuters e os mercados financeiros é umbilical – e que o é desde a sua fundação, por Julius Reuter –, mas também dá conta de que a concorrência com a Bloomberg impõe a necessidade de um maior dinamismo e de mais criatividade na produção dos serviços que a Reuters vende aos clientes dos mercados financeiros. Mais relevante ainda para o relatório aqui desenvolvido foi a descrição de como se enquadra a produção jornalística (cuja expressão é, como vimos, residual nas receitas) da empresa no todo estratégico. É esse pano de fundo que torna necessária uma abordagem das características do jornalismo praticado pela Reuters.

29 No original, “the fit with Reuters was pretty good. Both had financial businesses where overlaps could be eliminated to save money and differences could be exploited for new sales”.

A ética por detrás da notícia

Pouco estudada em termos globais e não abordada ainda em Portugal, a especificidade da ética no jornalismo financeiro é um tema essencial para a compreensão de quão sensível é esta área da comunicação. Os jornalistas económicos, e nesse grupo sobretudo os financeiros, podem influenciar negócios e gerar especulação no mercado. Daí que se torne premente a enunciação dos principais perigos da actividade jornalística financeira. Em seguida abordarei as regras deontológicas que a Thomson Reuters impõe aos seus jornalistas. Essa análise será, obviamente, influenciada pela aprendizagem que as vivências do estágio me proporcionaram.

***Ramping* e manipulação do mercado**

O impacto de uma notícia, que é sempre de árdua mensuração, varia de acordo com o órgão noticioso com que o jornalista colabora. Exemplificando com o caso português, tem certamente um impacto menor na avaliação de um título a publicação de uma mesma notícia pelo PortugalDiário ou pelo Diário Económico. No mesmo sentido, a forte aproximação das agências Thomson Reuters e Bloomberg em relação aos investidores faz com que o efeito da sua actividade jornalística seja superior ao de qualquer jornal económico ou, mais ainda, generalista. Daí ambas as empresas fomentarem e imporem uma conduta rigorosa e imparcial aos seus jornalistas.

O artigo de Damian Tambini *What is Financial Journalism For? Ethics and Responsibility in a Time of Crisis and Change*, publicado em finais de 2008, não poderia ser mais adequado ao tema em apreço. Na sua investigação, o professor da London School of Economics dá conta de um eventual conflito (interior) de interesses por parte do jornalista de finanças: consegue ele ser imune aos interesses velados de muitas das suas fontes noticiosas, e nesse sentido desempenha o seu papel de ponte e não o de árbitro? Ou pelo contrário é influenciado, mesmo que inconscientemente (por inexperiência, talvez), ou é até dele que parte a iniciativa de manipular o mercado após ter adquirido acções de empresas cotadas?

“As regras aplicáveis ao jornalismo financeiro lidam com abuso de mercado, conflito de interesses e as virtudes jornalísticas de rigor, veracidade, justiça e respeito pela privacidade. Se se descobre que um jornalista abusou dessas regras, ele tem de abandonar a profissão” (Tambini, 2008: 8)³⁰. Ao contrário das

30 No original, “Rules applying to financial journalism deal with market abuse, conflict of interest, and the general journalistic virtues of accuracy, truthfulness, fairness and respect for privacy. If they are found to have broken the rules of the law in conducting their journalism, they must leave the profession”.

restantes áreas do jornalismo, cujos temas só raramente podem ter repercussões tão óbvias e imediatas no sistema financeiro (nacional, continental ou até global), as finanças requerem um tratamento verdadeiramente imparcial. E isso é tendencialmente mais plausível no jornalismo financeiro das agências noticiosas, dado que a informação é divulgada de forma simples, concisa e directa.

Há, portanto, essencialmente dois factores que podem fazer com que um jornalista influencie (conscientemente ou não) o andamento da Bolsa: ser manipulado por uma fonte ou pretender valorizar ou desvalorizar um ou mais títulos, quando movido por interesses pessoais. O efeito nos investidores não é ficcional; foi estudado por, entre outros, Aeron Davis, que concluiu que “as reacções racionais e individualmente competitivas a informação massificada podem [...] criar comportamento irracional massivo. Isto é, indivíduos racionais e orientados pelo interesse próprio podem, colectivamente, comportar-se de forma irracional massivamente, em resposta a fontes comuns de *media* e comunicação” (2006: 621-622)³¹.

Portanto, no jornalismo financeiro há uma maior tentação para que o jornalista abuse do seu poder meramente mediador em troca de ganhos financeiros pessoais. No já referido estudo, Tambini enuncia três técnicas de manipulação de mercado: o *ramping*, que consiste na compra de acções de um título, no seu inflaccionamento através da publicação de uma notícia ficcional e, por fim, na venda dessas acções ao novo preço, assim garantindo lucro fácil e rápido; o *short-selling*, antónimo do *ramping*, é a venda massiva de instrumentos financeiros não possuídos, com a consequência de que eles vão desvalorizar, e em seguida a sua compra pelo preço deflacionado; e o *insider trading*, ou seja, a transacção de acções com base em informações ainda não oficiais.

Quanto ao *ramping*, a técnica mais utilizada pelos jornalistas fraudulentos, é condenado pelas leis nacionais e pelos contratos de trabalho nos órgãos de comunicação social – que relevam uma série de prerrogativas éticas e deontológicas internas. Os jornalistas financeiros são informados de que um qualquer deslize desse jaez significa, para eles, despedimento imediato, carreira manchada e, em último caso, acusação criminal, e para o seu empregador a inevitável descida de vários degraus na credibilidade que lhe era reconhecida.

É claro que a lógica de funcionamento é distinta nos jornais e nas agências. Em entrevista a Tambini, um editor de jornal britânico referiu que “todos os editores de notícias financeiras procuram as peças que venham a ter o maior impacto no mercado na manhã seguinte. Penso que é isso que todos procuram. Dizer que os editores têm receio de conduzir o mercado a comportamentos irracionais é uma forma errada de

31 No original, “rational and individually competitive responses to widely available information can [...] create mass behaviour of an irrational nature. In other words, rational, self-interested individuals can, collectively, behave in mass, irrational ways, and in response to common sources of media and communications”.

abordar o tema” (2008: 11)³². Naturalmente, os objectivos de um jornal distam dos de uma agência: naquele conta encontrar melhores histórias do que a concorrência e contá-las da forma mais atractiva; esta interessa-se sobretudo em noticiar antes e com maior detalhe. Não é tarefa de um jornalista de agência 'colorir' as suas peças; bem pelo contrário, aliás, dado que a estrutura das notícias é polida, mecânica, feita de frases curtas e com recurso raro a adjectivos.

O discurso foi, aliás, o aspecto mais trabalhado ao longo do estágio que realizei. A escrita criativa, com frases longas e várias citações entrecortadas, teve de ser substituída pela especificidade de uma redacção “seca”, directa, rigorosa e mais rápida. A exigência dessa adaptação discursiva deveu-se à obrigatoriedade, imposta pelo editor do canal nacional de informação, de produzir notícias imparciais (*unbiased*). Na concepção da Thomson Reuters, a concretização desse objectivo implica o rompimento com técnicas de escrita que possam gerar mais do que um tipo de interpretação da informação – e isso é particularmente relevante tendo em conta o amplo público-alvo que a Reuters serve.

Uma questão sensível, levantada por Tambini na sua investigação, é a seguinte: devem os jornalistas evitar publicar notícias que tendam a causar grandes flutuações no mercado? E, em relação com isso, como devem lidar com rumores? Um outro jornalista britânico responde assim: “deve-se evitar gerar pânico nos mercados por motivos maliciosos. Concorro. Hum... Há questões de responsabilidade, mas não se deve ter receio de contar a verdade” (2008: 13)³³. Portanto, por um lado, há a necessidade imperiosa de divulgar a verdade; por outro lado, há a consciência da relevância do seu papel para os investidores e a sensação de que se deve ser responsável e evitar divulgar notícias que não correspondam inteiramente à realidade. Essas exigências são, obviamente, particularmente importantes para as agências noticiosas.

A prática de *ramping* é causada por jornalistas financeiros que comprem e vendem acções nos mercados, normalmente sem que o órgão noticioso seu empregador tenha disso conhecimento. Se em muitos órgãos *mainstream* não é dito aos jornalistas que não devem transaccionar acções, nas duas agências financeiras concorrentes a realidade é distinta: a Thomson Reuters, o objecto deste estudo, exige aos seus colaboradores que detenham apenas acções da própria empresa. Para além do imediato despedimento, o prevaricador sabe que se for detectada a sua falta espera-o também um processo criminal.

Essa exigência explícita das agências contrasta com o relaxamento de boa parte dos decisores dos jornais financeiros. A opinião de um entrevistado por Tambini é disso exemplo: “acho que os jornalistas deveriam possuir acções e deveriam poder escrever sobre as empresas cujas acções detêm, desde que os

32 No original, “every financial news editor is always looking potentially for the story that is going to have a big impact in the market the next morning. I think that is what everybody is looking for. I think to say that they are frightened of prompting the market into irrational behavior is the wrong way of looking at this”.

33 No original, “they should avoid panicking markets for malicious reasons. I agree. Er... There are issues of responsibility but they should never shy away from telling the truth”.

leitores fossem informados e eles não transaccionassem essas acções antes de escreverem sobre as empresas” (2008: 17)³⁴.

Reuters Trust Principles: a lei interna

Tal como qualquer órgão de comunicação social, a Thomson Reuters sustenta as notícias que veicula em informações que lhe são reveladas por fontes que entende serem credíveis. O que distingue a Reuters – e a sua concorrente directa Bloomberg – do jornalismo impresso, televisivo ou radiofónico é a maior frequência com que recorre às elites económicas e políticas. No mesmo sentido, não lhe interessa citar personalidades de pouco relevo na cena nacional ou internacional. Esta tendência, que pode manter-se (o acesso a fontes renomeadas é tão mais fácil quanto mais prestigiado for o órgão noticioso) devido à forte notabilidade da agência, é ela própria alimentada pela credibilidade que os entrevistados lhe emprestam.

É curiosa a interpretação de Boyd-Barrett a este propósito: “na sua senda por mercados domésticos seguros, as agências dominantes descobriram que fazia sentido estabelecerem uma identidade própria que coincidissem com a da nação em causa. Localizavam-se no centro do poder nacional, estabeleciam relações de confiança com as poderosas elites políticas e económicas e produziam muito do seu conteúdo sobre as actividades dessas elites” (2000: 13)³⁵.

Tal estratégia, como se depreende, tem raízes na natureza cultural da empresa e, para além disso, foi moldada de acordo com a tendência global da economia de mercado. Um dos principais estudiosos das agências noticiosas internacionais, Chris Paterson, refere que todas elas reflectem o padrão valorativo ocidental (no sentido de favorável à democracia liberal, à economia de mercado, ao liberalismo), o que tem necessariamente repercussões homogeneizadoras nos órgãos noticiosos seus clientes. “Uma vez que as agências noticiosas têm de agradar a todos os editores de notícias, em todo o lado, elas trabalham mais afincadamente do que os seus clientes jornalistas para criar uma aparência de objectividade e neutralidade. Assim, criam uma visão do mundo homogénea, mas ainda assim ideologicamente distintiva; temas que desafiem os posicionamentos ideológicos dos principais actores políticos mundiais (em 'olho' de agência, os Estados Unidos e o Reino Unido) recebem pouca atenção (2006: 6)³⁶.

34 Originalmente, “I think the journalists should own shares and they should be allowed to write about the companies they own shares in as long as everyone knows and they don't trade on those shares before they've written about them”.

35 No original, “in their battle for secure domestic markets, the dominant agencies found that it made practical business sense to establish an identity for themselves that was coincident with that of the nation as a whole. They located at the very heart of national power, established relations of trust with powerful political and economical elites and devoted much of their content to the activities of such elites”.

36 No original, “because news agencies must please all news editors, everywhere, they must work harder than their client journalists to create the appearance of objectivity and neutrality. In so doing, they manufacture a bland and homogeneous, but still ideologically distinctive, view of the world; stories challenging the ideological positions of the dominant political players on the

Se a neutralidade de ambas as agências é enquinada (em grau de difícil mensuração) pela sua identificação cultural e ideológica – não que isso torne o discurso valorativo, como vimos, mas pela tendência de *agenda-setting* para considerar notícia acontecimentos significativos aos olhos ocidentais e não o considerar eventos que talvez tenham relevância para outras regiões e ideologias minoritárias –, a imparcialidade discursiva é considerada impreterível e dela depende a sua credibilidade.

No seu famoso *Mass Communication Theory: An Introduction*, Denis McQuail (1994) descreve objectividade como uma forma de prática jornalística e uma atitude na procura e disseminação de informação; uma posição de desapego (*detachment*) em relação ao objecto da reportagem; um conceito que tem algo que ver com liberdade, independência e igualdade. Terá sido na senda dessa objectividade que a Thomson Reuters preferiu nunca associar a designação “terroristas” aos perpetradores do ataque de 11 de Setembro de 2001, excepto no caso de citações em que esse termo era proferido. Ainda assim, como vimos aquando da publicação de fotografias forjadas (dos destroços causados por bombardeamentos israelitas) por um fotojornalista libanês contratado pela Thomson Reuters, nem sempre a objectividade é alcançada. E isso tem repercussões imediatas no prestígio de toda a empresa.

Mas o prestígio granjeado pela Reuters ao longo das últimas três décadas não é eliminável por um ou outro episódio nefasto (causado por indivíduos isolados, não por um colectivo minimamente representativo da empresa). “Ao longo das últimas três décadas, uma mistura de empreendedorismo, boa administração, inovação técnica e assunção de riscos bem planeada transformou a Reuters numa organização noticiosa singular e com alcance mundial” (Fenby, 1993: 51)³⁷. Ainda são associadas à Thomson Reuters características como fiabilidade, rigor, rapidez e imparcialidade, objectivadas pelos Reuters Trust Principles, os deveres do jornalista da Thomson Reuters, que foram instituídos pela Reuters Founders Share Company, a Constituição orientadora dos principais valores da empresa.

Segundo a constituição da Founders Share Company, todos os membros da equipa Reuters devem sempre agir de acordo com os Trust Principles. Descritos no portal da Thomson Reuters³⁸, os Trust Principles são: 1) A Reuters não deverá pertencer a grupos de interesses; 2) a integridade, a independência e a liberdade da Reuters deverão ser sempre preservados; 3) a Reuters deverá sempre veicular serviços financeiros fiáveis e não enviesados a jornais, agências noticiosas e outros *media*, bem como empresários, governos, instituições e outros indivíduos com quem a Reuters tenha ou possa vir a ter contratos; 4) a Reuters deve ter em conta os vários interesses que serve para além dos mediáticos; 5) e nenhum esforço deve ser

world scene (in agency eyes, the US and UK) receive little attention”.

37 No original, “over the last three decades, a mixture of entrepreneurship, strong management, technical innovation and well-judged risk-taking has transformed Reuters into a unique news organization with a worldwide reach”.

38 Os Trust Principles são enumerados, em Inglês, no sítio http://thomsonreuters.com/about/reuters_trust_principles/ (acedido em 23/8/2009).

poupado na tentativa de expandir, desenvolver e adaptar as notícias e outros serviços e produtos da Reuters no que respeita à manutenção da sua posição de liderança enquanto agência noticiosa internacional e agência financeira.

Uma versão romântica da história da (agora) Thomson Reuters tenderá a considerar significativa a semelhança fonética entre a palavra Reuters e o termo chinês para “verdade”³⁹. Como vimos, porém, há vários condicionantes (uns mais naturalizados, como a adesão implícita aos valores ocidentais, e outros mais conscientes e pontuais, como as fotografias falsas do repórter fotográfico libanês) à objectividade e à imparcialidade almejadas.

Mas há outro tipo de críticas lançado com alguma frequência sobre a Thomson Reuters: acusações referentes à organização administrativa da empresa, ao seu comodismo, ao seu exagerado conservadorismo, até à sua excessiva arrogância. Acusações internas, inclusive. John Bartram refere (2003: 392) um inquérito ao *staff* que foi levado a cabo antes da ascensão de Tom Glocer a CEO. A esse inquérito, também respondido pelo próprio Bartram, mais de metade dos respondentes afirmou que a Reuters era conservadora e que não encorajava os seus funcionários a desafiar o modo tradicional de trabalharem; não lhes pedia, numa palavra, dinamismo.

Ainda segundo Bartram, o antecessor de Glocer, Philip Green, queixava-se frequentemente da deficiente comunicabilidade interna da empresa. Outros administradores sustentavam que a empresa desenvolvia demasiados produtos, cujo funcionamento era demasiado complicado e cuja actualização era permanente demais, dadas as reduzidas alterações introduzidas em cada actualização. “Quatro em cada cinco clientes da Reuters estavam portanto a utilizar produtos ultrapassados, porque o ciclo de vida desses produtos nem sempre estava em sintonia com as necessidades dos clientes e isso afectava a opinião destes sobre a Reuters” (2003: 393)⁴⁰.

Estes aspectos são particularmente relevantes se tidas em conta as elevadas percentagens – já mencionadas – do peso dos produtos e serviços financeiros no negócio da Thomson Reuters. A essência do funcionamento da Reuters não está no que é transmitido (via notícias) à generalidade dos cidadãos, mas no que chega às mãos dos investidores financeiros. Segundo a própria empresa, num texto publicado em 1995, “a Reuters informa o mundo instantaneamente através de meios electrónicos. Ajudamos os nossos clientes a analisar os factos e a transaccionar com base neles” (Palmer, Boyd-Barrett & Rantanen, 1998: 61)⁴¹.

39 A associação foi originalmente feita por Lawrenson e Barber (1985) e é lembrada por Donald Nordberg num seu trabalho recente (2007: 732)

40 No original, “four out of every five Reuters clients were thus looking at old products, the life cycles of those products were not always in synch with costumers' needs and this severely affected clients' perceptions of Reuters”.

41 Originalmente, “Reuters informs the world instantly by the latest electronic means. We help our costumers to analyse the facts and trade with them”.

É claro que nada é hoje como foi em 1990, quando Mohammed Musa publicou *News Agencies, Transnationalization and the New Order*, mas no que respeita às fontes de receitas da empresa as mudanças desde então não inviabilizam os traços gerais divulgados por Musa: nesse ano, 56% das receitas derivavam das vendas de serviços financeiros; 12% de *securities information*; 10% de *commodities information*; 9% da produção noticiosa (1990: 327). Já em 1999, como vimos, cabiam 53% aos serviços financeiros, 25% aos produtos Reuters Trading Solutions, 17% à Instinet e menos de 5% ao jornalismo (Boyd-Barrett & Rantanen, 2002: 5).

O peso do jornalismo nas receitas pode ser quase irrelevante, mas é essencialmente sobre ele que assenta a reputação mundial da Thomson Reuters. No que diz respeito aos investidores da Bolsa, como vimos, o número dos que recorrem à Reuters como fonte é reduzido, mas o volume de acções que esses poucos detêm é muito significativo. Daí resulta que a exigência permanente de imparcialidade e objectividade, descritas neste capítulo, seja fulcral como factor de credibilidade; mas a empresa não se cinge a isso e instituiu normas, os Trust Principles.

A descrição dos vários aspectos referentes ao rigor profissional da Thomson Reuters enquadra a análise que será efectuada no próximo capítulo. As mostras de que a actividade jornalística da Reuters é feita de imparcialidade e objectividade facilitam a abordagem metodológica quantitativa, no sentido de que está à partida eliminada a possibilidade de o discurso noticioso, em si e por si, ter influenciado o comportamento accionista. Ao pôr de parte a componente discursiva de um eventual impacto das notícias da Reuters, poderei centrar a investigação de efeitos nos temas difundidos. No próximo capítulo será descrito o método de *estudo de evento* (no que tem de originário, mas também as características da simplificação que será levada a cabo neste relatório) que estará por detrás da análise de notícias exclusivas do canal português da Thomson Reuters.

Objecto e objectivo

Depois de feita uma contextualização histórica da empresa e de abordados basicamente o funcionamento dos mercados financeiros e as características do jornalismo praticado pela Thomson Reuters, com todas as implicações valorativas que isso abarcará para as conclusões finais deste estudo, esta secção é a introdução metodológica da análise quantitativa a realizar na secção seguinte. Aqui serão delineados, em traços gerais, o objecto e o objectivo deste estudo.

O objecto e as suas limitações

Há vários aspectos neste estudo com potencial para prejudicar a validade pretendida. Desde logo, a preferência pelo estudo das flutuações do mercado financeiro implica uma abordagem – pelo menos – parcialmente quantitativa, recorrendo a métodos de investigação utilizados por especialistas das finanças. Esses métodos, quando não apreendidos à luz de outros conhecimentos de base da área das finanças, serão inevitavelmente mal aplicados. Daí a necessidade que sinto, após travar conhecimento com tais métodos, de os simplificar e adaptar ao nível de conhecimento que possuo nesta matéria. Isso, é claro, fragiliza a validade potencial deste estudo, ainda que, como afirmei na introdução, esta investigação não queira ser mais do que um primeiro passo – em termos nacionais, seguramente – no cruzamento da investigação jornalística com a área das finanças.

Como veremos adiante, o método de investigação em que a componente quantitativa deste estudo se vai basear (método esse que será, como referi, simplificado) adapta-se a um tipo de notícia que não se enquadra com as escolhas de base do estudo. Concretamente, o *estudo de evento* é comprovadamente mais fiável quando o evento em análise é o anúncio de resultados financeiros de uma empresa cotada ou a indicação da entrada de uma empresa cotada no capital de outra empresa cotada em Bolsa. Esse tipo de notícia resulta, salvo em raras excepções de furos jornalísticos, de *press-releases* enviados pelas empresas em causa ou por entidades de supervisão (no caso português a CMVM) às várias redacções, indiferenciadamente de jornais, de rádios, de estações televisivas e de agências. Ora, como este estudo está configurado no sentido da aferição do impacto no mercado da produção noticiosa exclusiva da Thomson Reuters, as notícias em estudo serão naturalmente menos 'poderosas' para um estudo de evento. Especificamente, o grosso das 15 notícias em apreço é constituído por entrevistas exclusivas da Thomson Reuters a altos dirigentes de empresas cotadas a propósito de investimentos futuros. Mas o tema aqui

estudado é, apesar da sua relativa fragilidade, o único que permite conciliar os objectivos delineados.

E se não houver padrões de comportamento?

“Até que ponto pode o passado do preço de um título ser usado para fazer previsões satisfatórias relativamente ao futuro desse título?” (Fama, 1965: 34)⁴². Esta questão, levantada pelo economista Eugene Fama no *Journal of Business* há mais de 40 anos, foi por longo tempo considerada uma *pergunta de um milhão de dólares* por investidores do mercado. Como é óbvio, a possibilidade de prever o comportamento das acções da Bolsa com base nas variações passadas era fonte de inúmeras especulações e fabulações. Em *The Behavior of Stock-Market Prices*, Fama não se limita a expor as duas versões e a testá-las empiricamente. Se bem que tenha sido esse apenas o seu objectivo, as conclusões a que chegou tiveram suficiente impacto na comunidade académica para praticamente arredar qualquer réstia de dúvida sobre a impossibilidade de o passado ditar, em parte minimamente significativa, o futuro comportamento de um título.

Foi recorrendo à teoria de *random-walk* que Fama reforçou irrevogavelmente a tese de que os componentes relevantes das flutuações de mercado são nada mais nada menos do que aleatórios. São essencialmente resultado de novidades, de notícias recém-publicadas, que se transformam no principal factor em apreço para os investidores. Nas palavras de Fama, “a teoria de *random-walk* diz que o percurso futuro do preço de um título não é mais previsível do que o percurso de um conjunto de números aleatórios. Em termos estatísticos, a teoria refere que variações de preços sucessivas são variáveis aleatórias independentes e identicamente distribuídas. Mais simplesmente isto implica que a série de variações de preços não tem memória, ou seja, que o passado não pode ser usado para prever o futuro de uma forma relevante” (1965: 34)⁴³. O autor é inequívoco: “A análise de gráficos, ainda que talvez seja um passatempo interessante, não é de qualquer préstimo para o investidor do mercado financeiro” (1965: 34)⁴⁴.

Mas Fama vai mais longe, afirmando que, em certos casos, as decisões dos investidores podem não ter base em acontecimentos recentes mas apenas no saber acumulado: “Os preços dos títulos podem meramente resultar da acumulação de vários pedaços de ruído aleatoriamente gerado, sendo que ruído neste caso significa um conjunto de factores psicológicos e outros que determinam os tipos de 'apostas' que os

42 No original, “to what extent can the past history of a common stock's price be used to make meaningful predictions concerning the future price of a stock?”

43 Originalmente, “the theory of random-walks says that the future path of the price level of a security is no more predictable than the path of a series of cumulated random numbers. In statistical terms the theory says that successive price changes are independent, identically distributed random variables. Most simply this implies that the series of price changes has no memory, that is, the past cannot be used to predict the future in any meaningful way”.

44 Originalmente, “chart reading, though perhaps an interesting pastime, is of no real value to the stock market investor”.

vários indivíduos estão dispostos a fazer em diferentes empresas” (1965: 36)⁴⁵. Tal perspectiva poderia invalidar, por lhe retirar sentido previamente, qualquer estudo exaustivo do comportamento do mercado, por isso o próprio autor salienta que tais casos são esporádicos e praticamente irrelevantes para um estudioso da teoria de *random-walk*.

Convém, antes ainda de se iniciar a explanação do método de investigação em que este estudo se vai basear, referir que a conclusão de Fama – de que o comportamento passado de um título não tem impacto no futuro – foi um primeiro grande obstáculo com que me deparei ao longo desta investigação, ainda antes de me deparar com o método de estudo de evento. Porém, como veremos, o *estudo de evento*, ainda que requeira as cotações anteriores e posteriores a um evento, não implica uma abordagem de traços comuns entre o passado e o futuro; compara os valores anteriores e posteriores aos resultantes de um evento e, tendo todos esses dados em conta, calcular se a variação causada pelo evento é ou não significativa. Por outras palavras, se esse evento por si só foi ou não relevante para o comportamento do título em apreço.

Na senda da flutuação anormal

O texto *Event Studies in Economics and Finance*, da autoria de A. Craig MacKinlay, é o mais completo e citado pelos investigadores de estudos de evento no mundo. O artigo, que não só coleciona as características teóricas mais relevantes do método mas também inclui um estudo exemplificativo, torna a compreensão da lógica inerente ao método relativamente fácil.

Os *event studies* consistem no recurso a dados de mercado e na mensuração, com base neles, do impacto de um evento específico no valor de um título. Este modelo implica, obviamente, a aceitação implícita da teoria económica de *rational choice*, que considera que os agentes económicos (quaisquer que eles sejam: vendedores ou compradores de produtos num mercado, investidores da Bolsa, etc.) agem seguindo as suas intuições sobre o que é preferível para si mesmos. Assim, por exemplo, um consumidor potencial de café prefere sempre o preço mais baixo, do mesmo modo que o vendedor de café procura baixar o preço desse produto até um nível que equilibre o binómio dos gastos que teve com o lucro de que necessita, mas que tenha também em conta a sua intuição em relação aos preços a que o café será comprado pelo consumidor.

Nas palavras de MacKinlay, “a utilidade de tal estudo parte do facto de que, dada a racionalidade do mercado, os efeitos de um evento serão imediatamente reflectidos nos preços dos títulos. Assim, pode ser medido o impacto económico de um evento recorrendo às cotações observadas ao longo de um período

45 Originalmente, “stock prices may be just the accumulation of many bits of randomly generated noise, where by noise in this case we mean psychological and other factors peculiar to different individuals which determine the types of 'bets' they are willing to place on different companies”.

relativamente curto” (1997: 13)⁴⁶.

A ideia de base do estudo de evento é a procura daquilo que, na versão original inglesa, é denominado de “abnormal return” - em português será algo como “flutuação anormal”. Ora, essa flutuação anormal é a diferença entre a flutuação esperada (calculada a partir dos referidos dados de mercado anteriores e posteriores ao evento) e a flutuação real. Noutros termos, a flutuação anormal é achada em contraste com aquela que teria sido a flutuação normal.

Mas antes de se elaborar essa análise, que vai tracejar uma eventual anormalidade na cotação de um título, é necessário estabelecer a *event window*, ou período de evento. Este é o período para o qual se estima que tenha havido uma “contaminação” do evento na cotação. Nesse sentido, escreve MacKinlay, “é habitual definir-se um período de evento mais abrangente do que o período de interesse específico. Isto permite examinar períodos que envolvem o evento. Na prática, o período relevante é frequentemente expandido em vários sentidos, inclusive o dia do evento e o dia após o evento. Isto permite obter os efeitos do evento que ocorrem após o fecho da sessão do dia do evento. Os períodos anterior e posterior ao evento também podem ser relevantes. Por exemplo, no caso do anúncio de resultados operacionais de uma empresa, o mercado pode obter informação sobre eles antes do anúncio em si e, portanto, pode-se investigar essa possibilidade examinando a evolução do mercado antes do evento” (1997: 15)⁴⁷.

MacKinlay sustenta, portanto, que seja estabelecido um período de evento de três dias – o dia anterior ao evento, o dia do evento e o dia seguinte ao evento. Mas o cálculo da “flutuação esperada” requer ainda que seja estabelecido o período cujos dados de mercado serão relevantes para esse cálculo. De novo MacKinlay: “Num estudo de evento usando dados diários e o modelo de mercado, os parâmetros deste podem ser estimados ao longo dos 120 dias anteriores ao evento. Geralmente, o período de evento em si não é incluído no período da análise para prevenir que o evento influencie um cálculo normal dos parâmetros” (1997: 15)⁴⁸. Conclusão: num estudo de evento como o que está aqui em causa devem ser obtidas as cotações de fecho de sessão do título em apreço ao longo de 120 dias antes dos três dias do período de evento e ao longo dos 120 dias subsequentes a esse período de evento.

46 Originalmente, “the usefulness of such a study comes from the fact that, given rationality in the marketplace, the effects of an event will be reflected immediately in security prices. Thus a measure of the event's economic impact can be constructed using security prices observed over a relatively short time period”.

47 No original, “it is customary to define the event window to be larger than the specific period of interest. This permits examination of periods surrounding the event. In practice, the period of interest is often expanded to multiple ways, including at least the day of the announcement and the day after the announcement. This captures the price effects of announcements which occur after the stock market closes on the announcement day. The periods prior and after the event may also be of interest. For example, in the earnings announcement case, the market may acquire information about the earnings prior to the actual announcement and one can investigate this possibility by examining pre-event returns”.

48 No original, “in an event study using daily data and the market model, the market model parameters could be estimated over the 120 days prior to the event. Generally the event period itself is not included in the estimation period to prevent the event from influencing the normal performance model parameter estimates”.

Como calcular uma flutuação anormal de forma simplificada

A leitura do modelo de estudo de evento, com base no escrito por MacKinlay entre as páginas 19 e 34 do referido artigo, permite concluir pela impossibilidade de neste estudo aplicar o modelo na íntegra, face à ausência de conhecimento de base que permita decifrar parte significativa do modelo. A lógica inerente ao método pode, no entanto, ser apreendida e traduzida da seguinte forma: 1) a “flutuação esperada” no dia do evento (não confundir com o período de evento, que contém dois dias de “contaminação”) é calculada tendo por base os valores de fecho de mercado do título em causa ao longo dos 120 dias anteriores ao período de evento; 2) esse cálculo pode incluir não só os 120 dias anteriores mas também os 120 dias posteriores, o que acrescenta fiabilidade ao estudo.

A elevada complexidade e sofisticação do modelo de estudo de evento implica, como anteriormente referi, uma forte simplificação que mantenha, ainda assim, coerência e validade enquanto método quantitativo. Depois de longa ponderação, decidi simplificar deste modo o modelo exposto por MacKinlay: 1) listar os valores de fecho dos 120 dias anteriores e dos 120 posteriores ao período de evento; 2) evidenciar o número de vezes em que cada valor de fecho se verificou ao longo desses 240 dias, o que me permitirá 3) analisar a probabilidade de que se verificasse cada um desses valores no dia de evento. Com esta simplificação o método perde pontos em exactidão e no rigor metodológico, mas permite alcançar conclusões significativas quanto ao impacto de notícias no comportamento de títulos da Bolsa.

Há uma consequência óbvia a extrair desta simplificação: a procura de uma causalidade entre determinado evento (notícia) e um comportamento no mercado financeiro passa a ficar completamente fora de questão, dado que o modelo perde parte significativa do seu rigor metodológico. Há, ainda assim, após esta simplificação a certeza de que podem ser encontradas correlações entre notícias e variações no mercado, correlações essas baseadas na probabilidade da ocorrência de certas cotações. Ainda que não seja possível obter conclusões definitivas, um avanço poderá ser dado no estudo da ligação entre notícias e seus efeitos no mercado financeiro.

Se, por um lado, a inclusão dos 120 dias posteriores ao período de evento é um garante de maior fiabilidade neste estudo, por outro lado a investigação a que me proponho incluirá um outro indicador (esse de carácter qualitativo), que não está, aliás, contemplado no modelo de estudo de evento. Refiro-me à contextualização noticiosa: ao contrário do modelo, que considera apenas a relação entre um evento e uma determinada reacção do mercado, o presente estudo terá em conta outras notícias veiculadas no dia em causa e nos dias anteriores como potenciais atenuantes do efeito causado pela notícia em apreço. Esse efeito múltiplo, de impossível mensuração, será ainda assim tido em conta e também daí relevarão as conclusões finais desta investigação.

Estudos de eventos

Esta secção será constituída por uma análise *estudo de evento* simplificada a 15 notícias resultantes de entrevistas exclusivas da Thomson Reuters publicadas em 2008. A escolha das notícias baseou-se em dois critérios: a relevância dos temas e o peso institucional das fontes dessas notícias. Não foi considerado o pendor positivo, negativo ou tendencialmente neutro dos artigos em causa. As notícias estão relacionadas com investimentos, resultados operativos e outros acontecimentos relevantes para investidores do mercado financeiro. Como referi anteriormente, as análises terão em conta, sempre que as haja, outras notícias publicadas no *período de evento* que possam ter tido um impacto na cotação dos títulos em causa. Quanto a essas outras notícias, as fontes de referência cujos arquivos foram consultados foram a edição online do Jornal de Negócios e a edição impressa do Público.

EDP Renováveis mexe com empresa-mãe

A entrada em Bolsa (designada no meio financeiro por Initial Public Offer, ou simplesmente IPO) da EDP Renováveis, empresa dependente da EDP-Energias de Portugal, só teria lugar em Julho, mas já no início do ano era tema de conversa e alimentava especulação no mercado. Em entrevista à Thomson Reuters⁴⁹ em 7 de Março, o CEO da EDP, António Mexia, assegurava que a Renováveis – então com capacidade bruta instalada suficiente para a posicionar como quarta maior empresa eólica do mundo – viria a representar 50% do crescimento de EBITDA (receitas que excluem impostos, desvalorizações e amortizações) da empresa-mãe até 2010.

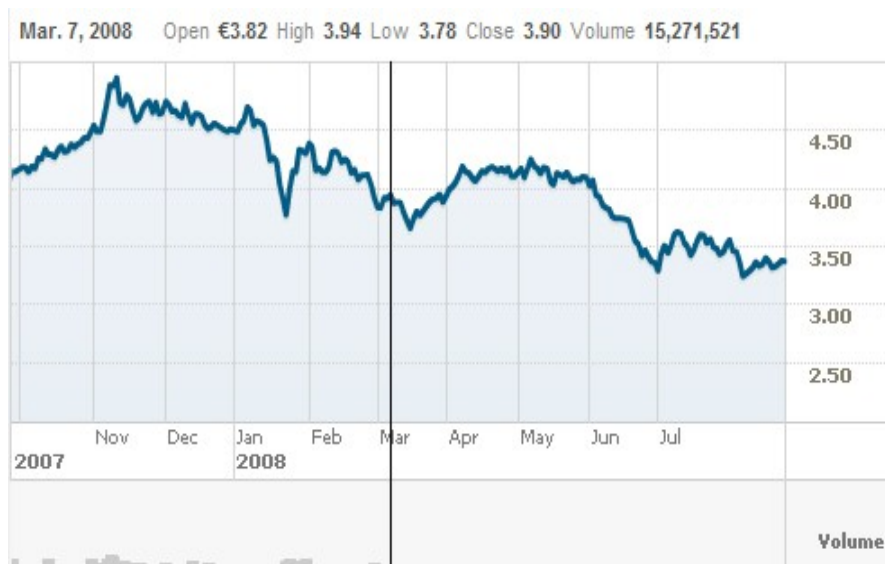


Figura 1: a EDP de 17/09/2007 a 28/08/2008

A notícia continha ainda uma nova referência de Mexia a eventuais alternativas da EDP à colocação da Renováveis em Bolsa. O CEO já havia anunciado no dia anterior⁵⁰ que a Renováveis seria mais provavelmente colocada em Bolsa no Verão (como se verificou), mas só o seria caso o mercado a avaliasse

49 Anexo 1A.

50 Anexo 1B

a um preço justo. Com estas declarações, Mexia dava a entender que a EDP tinha uma estratégia bem delineada, segura e com planos alternativos que permitissem cobrir uma eventual falha do plano principal. Já as declarações que deram origem à notícia publicada pela Reuters no dia seguinte davam conta aos investidores de que a Renováveis era uma clara mais-valia tanto em termos nacionais como internacionais. Dada a inexistência de mais notícias relevantes para a EDP no *período de evento* (os três dias que incluem dois de “contaminação” e o dia do evento), uma eventual variação forte da cotação da EDP nesses dias poderá ser directamente imputada às duas notícias sobre a Renováveis.

A Figura 1⁵¹ engloba os 243 dias contabilizados para esta análise: 120 antes do período de evento (três dias), 120 dias depois dele. Em destaque está o dia 7 de Março, o dia da notícia, em que a empresa abriu a sessão nos 3,82€, atingiu um máximo de 3,94€ e um mínimo de 3,78€ antes de fechar nos 3,90€. O volume superior a 15 milhões de acções é relativamente normal para o mês em causa, pelo que não merece consideração especial.

Como podemos constatar a olho nu, depois de um final de 2007 em crescendo, a trajectória da EDP até finais de Julho de 2008 foi tendencialmente decrescente, ainda que com algumas quedas abruptas e ligeiras subidas subsequentes. Já a Figura 2 mostra mais pormenorizadamente as oscilações decorrentes entre o



Figura 2: a EDP em Fevereiro, Março e Abril de 2008

início de Fevereiro e o final de Abril, período em que houve duas tendências distintas – uma de queda até meados de Março, outra de recuperação daí até finais de Abril. Ora, o dia 7 de Março parece, à partida, pouco capitalizar com as notícias em apreço. Vamos aos cálculos.

A listagem⁵² dos valores de fecho dos 243 dias em causa (dias de actividade bolsista; não confundir com os dias do calendário), de 17 de Setembro de 2007 a 28 de Agosto de 2008, concretiza o anteriormente referido. Quando arredondados às décimas, os valores indicam-nos que houve, até aos primeiros dias de

51 Obtida no portal da Reuters através do gráfico interactivo em <http://www.reuters.com/finance/stocks/chart?symbol=EDP.LS>. A abreviatura “EDP.LS” deveria ser assim substituída no caso das restantes 14 notícias em apreço: MOTA.LS (Mota-Engil), PTC.LS (Portugal Telecom), SONI.LS (Sonae Indústria), BCP.LS (Millennium BCP), JMT.LS (Jerónimo Martins), BES.LS (Banco Espírito Santo), SNC.LS (Sonae com), GALP.LS (Galp Energia).

52 Anexo 1C.

Janeiro, uma tendência crescente (entre 3,9€ e 4,7€), invertida daí até Abril (a queda fez o título voltar para valores ligeiramente abaixo dos 4€). Seguiu-se uma relativa estabilização e uma queda abrupta, a partir do início de Junho, para valores próximos de 3€. Mais relevante para o estudo, o mês de Março colocou a EDP sempre abaixo de 4€, no que se distinguiu de Fevereiro e Abril (o primeiro mês terminou acima de 4€, o outro abriu acima de 4€).

A cotação de 3,9€ verificada no dia do evento deu-se noutros 13 dias do total de 243. Em termos percentuais, a probabilidade de se verificar tal cotação era de 5,4% (13 dias a dividir pelos 242 dias que exceptuam o do evento). Ainda que esta percentagem seja baixa, a cotação de 3,9€ situa-se ligeiramente abaixo da média verificada nos 243 dias (o mínimo foi de 3,2€, o máximo de 4,9€). De todos estes dados se conclui que a notícia veiculada pela Thomson Reuters no dia 7 de Março não teve um impacto significativo no mercado financeiro português. Motivos? Possivelmente o mercado já intuía que a EDP Renováveis seria um poderoso móbil (*driver*) da empresa-mãe, pois já era sabido que a Renováveis estava a constituir-se como quarta maior eólica mundial.

Galp mantém-se firme no Brasil

Não se trata, neste caso, de uma notícia que tenha sido, na sua essência, veiculada apenas pela Reuters. Ainda que a agência tenha obtido declarações exclusivas e tenha delas feito matéria informativa, semelhantes dados já haviam sido transmitidos pela agência Lusa – e, consequentemente, pelos dois jornais económicos e alguns generalistas – minutos antes e com outra roupagem. Consequentemente, a notícia de Reuters acabou por não ter repercussão nos media nacionais visto ser apenas um complemento do que já havia sido previamente avançado.

Em causa⁵³ está a indicação, pelo presidente executivo da Galp Energia, Ferreira de Oliveira, de que a exploração da área petrolífera chamada pré-sal, no Brasil, seguia sendo rentável para a empresa portuguesa, mantendo até os níveis de rentabilidade anteriores ao estalar da crise financeira. As declarações de líder da Galp foram proferidas à margem do Lisbon Forum Energy, um evento a que acorreu a generalidade da imprensa portuguesa.

É importante referir, por um lado, que esta notícia foi escrita a quatro mãos, pelo editor do canal português e pelo repórter do canal internacional, tendo a versão final sido escrita em português do Brasil e transmitida nos terminais português e brasileiro da Reuters, dada a relevância do assunto para investidores de ambos os países. Por outro lado, a Galp foi no período de “contaminação” quase bombardeada por notícias

53 Anexo 2A.

relevantes para a sua cotação no dia do evento. Depois de apenas uma notícia ter sido transmitida na véspera do evento (o dia 30 de Outubro de 2008), no dia do evento foram publicadas outras cinco notícias referentes à Galp.



Figura 3: a Galp de 15/5/2008 a 23/4/2009

A mais importante das notícias foi a resultante de declarações do empresário Américo Amorim. Na edição online do Jornal de Negócios do dia 31, um texto⁵⁴ baseado na actualização de mercado da Reuters relata que a pretensão de Amorim de adquirir a participação da empresa italiana ENI na Galp foi o principal impulsionador do título

português, que avançou 4,5% até ao fecho da edição diária. A receptividade dos investidores ao engrossar da participação de Amorim terá também sido alimentada pela indisponibilidade de Ferreira de Oliveira em comentar⁵⁵ o tema (não quis comentar tanto as declarações da ENI como a notícia de que a ENI pretendia abandonar a estrutura accionista da Galp), num sinal de que a intenção de Amorim não seria, pelo menos à partida, mal recebida pela administração da petrolífera.

A Figura 3 oferece uma perspectiva global de como as acções da Galp evoluíram ao longo do período de estudo – de 15 de Maio de 2008 a 23 de Abril de 2009. Este é, de uma forma simplista, mais ou menos o tipo de gráfico que a crise financeira impôs à generalidade das empresas cotadas, em Portugal e nos restantes países em que há mercado accionista. Depois de quedas acentuadas em 2008, um movimento de estabilização e lenta subida pode ser entrevisto já em 2009, também no caso da Galp.

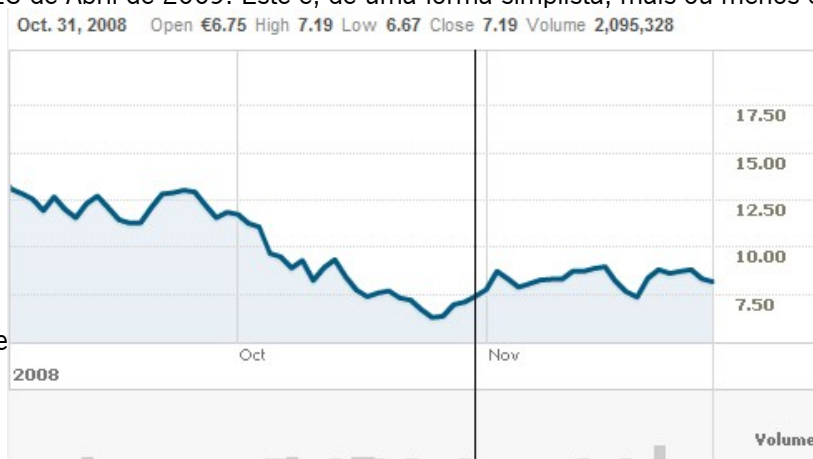


Figura 4: a Galp em Setembro, Outubro e Novembro de 2008

54 "Acções da Galp disparam mais de 4,5% após declarações de Américo Amorim", em <http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?template=SHOWNEWS&id=338800> (acedido em 25/7/2009)

55 "Ferreira de Oliveira não reage a Amorim e ENI sobre movimentações accionistas na Galp", em <http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?template=SHOWNEWS&id=338936> (acedido em 25/7/2009).

Mas a Galp atravessou algumas fases distintas, ainda que não conducentes a inverter a tendência geral do mercado. Depois de quedas abruptas até inícios de Agosto, o título iniciou um progressivo movimento de recuperação mas acabou por inverter essa tendência tombando até mínimos históricos em finais de Outubro. Foi aí que teve início a lenta mas sustentada revalorização do título, tendência que se manteve pelo menos até finais de Abril. A Figura 4 demonstra mais claramente a fase em que o evento em causa se inseriu: um período de início de recuperação após aquela queda para mínimos históricos. Esta subida terá, naturalmente, tido base num movimento de mera recuperação e estabilização face a perdas exageradas, mas os valores poderão indicar melhor se houve ou não impacto de notícias nas cotações.

Foi a 27 de Outubro que o mínimo de 6,06€ foi atingido. A queda foi abrupta, visto que no dia 14 o título havia fechado nos 9,12€. Ora, desde o dia 27 iniciou-se um movimento de recuperação que levou a Galp aos 8,5€ em apenas seis sessões: 6,13€, 6,75€, 6,87€, 7,19€, 7,53€ e 8,5€. O registo 7,19€ é o do dia do evento e é um tipo de subida que poderá não se dever unicamente ao movimento de recuperação. O disparo de quase 1€ dos 7,53€ para 8,5€ não pode, também, ser unicamente causado pelo reequilíbrio normal do mercado.

Uma análise global demonstra que a mediana dos valores da Galp⁵⁶ ao longo dos 243 dias em estudo situou-se nos 9,4€, bem acima dos 7,19€ registados no dia do evento. Este último não é, portanto, um valor normal (foi, aliás, o sétimo pior dos valores registados – acima de 6,1€, 6,5€, 6,8€, 6,9€, 7€ e 7,1€) para uma acção da Galp em ciclo normal – o máximo da Galp foi de 17,4€, o que demonstra a volatilidade do mercado neste período. Portanto, o peso do movimento de recuperação poderá ser forte, sobretudo se tido em conta que os 6,1€ poucos dias antes registados foram o pior registo de todos os 243 dias.

Por outro lado, o que é mais importante, a notícia da Reuters (em que se baseou o Jornal de Negócios) de que o disparo de 4,5% da Galp no dia 31 se deveu sobretudo às declarações de Américo Amorim tem de ser tida em conta, uma vez que esse tipo de notícias não se baseia em interpretação jornalística mas em comentários obtidos junto de negociadores de mercado contratados por vários dos principais investidores (individuais ou colectivos) portugueses. Assim, e não sendo quantificado o peso relativo de cada um destes aspectos para a subida de 4,5€ do primeiro dia do período de evento para o dia do evento, terá de ser concluído que as declarações de Amorim foram fundamentais para o disparo e que foram impulsionadas pelo movimento recuperador iniciado dias antes. O peso da notícia veiculada pela Reuters, a existir, será mínimo, visto que a mesma notícia – ainda que com menor detalhe – havia sido divulgada pela imprensa portuguesa minutos antes.

56 Anexo 2B.

Mota-Engil investe na Roménia

Em entrevista telefónica à Reuters⁵⁷, o CFO (Chief Financial Officer) da Mota-Engil, Eduardo Rocha, anuncia que a sua empresa vai concorrer, aliada à Brisa e à Soares da Costa – ambas também cotadas, a primeira no PSI20 e a segunda no PSI –, a três concessões de construção e exploração de auto-estradas na Roménia, num investimento de 3 mil milhões de euros. Eduardo Rocha garante ainda que o forte investimento da empresa, que será de cerca de 200 mil euros, não vai ter impacto na dívida da Mota-Engil (cifrada em 1,7 mil milhões de euros) nem haverá necessidade de um aumento de capital para suportar o crescimento.

A notícia, diga-se, surge no seguimento da publicação, no dia anterior, dos resultados operacionais anuais de 2007⁵⁸: aumento de 202,9% do lucro para 97,5 milhões de euros, fortemente impulsionado por uma mais-valia de 67,4 milhões de euros obtida com o IPO da Martifer, empresa detida pela Mota-Engil. O volume de negócios cresceu 15,9% para 1,4 mil milhões de euros, sustentado essencialmente nas secções de Engenharia, Construção, Ambiente, Serviços e Concessões de Transportes.

Portanto, a 12 de Março a Mota-Engil anunciara resultados operacionais francamente positivos, ainda que em linha com o perspectivado pelos analistas, e no dia seguinte dava conta de uma parceria com a Brisa e a Soares da Costa na luta por uma concessão de construção de obras públicas na Roménia.



Figura 5: a Mota-Engil de 21/9/2007 a 3/9/2008

A Figura 5 sublinha, por um lado, a fraca dimensão da Mota-Engil no PSI20. O volume de 409 mil acções transaccionadas no dia 13 de Março não é sequer normal numa empresa da dimensão da Galp ou da Portugal Telecom em período de férias de Verão, usualmente aquele em que há menor movimentação no mercado. Mas esse volume é, como

podemos ver no fundo da imagem, pouco inferior à média da Mota-Engil em período 'normal', como o é o mês de Março.

Por outro lado, podem ser distinguidos três macro-períodos entre Outubro de 2007 e finais de Agosto de 2008, período que comporta os 243 dias desta análise. Entre Outubro de 2007 e meados de Janeiro de 2008

57 Anexo 3A.

58 Anexo 3B.

foi nítida uma tendência decrescente, invertida até meados de Maio e novamente revertida entre essa data e finais de Agosto. O dia 13 de Março situa-se numa fase de leve queda sustentada no período da ascensão. Como constatamos na Figura 6, que filtra o trimestre de Fevereiro a Abril de 2008, 13 de Março foi um dos últimos dias dessa tendência levemente negativa, ainda que oscilatória, que terá tido início em finais de Fevereiro.

O recurso aos valores de fecho⁵⁹ concretiza esta ideia. Até finais de Dezembro, a Mota-Engil foi sempre cotada acima de 5€ e chegou a atingir os 6€ - não houve, nesse período, uma tendência crescente ou decrescente nítida, para além da queda dos últimos dias de Dezembro que levaria ao início da tendência seguinte. Janeiro foi, do



Figura 6: a Mota-Engil em Fevereiro, Março e Abril de 2008

período global em apreço, o segundo pior mês (o pior foi Agosto), com o título sempre próximo dos 4€. Em Fevereiro houve uma melhoria, uma aproximação aos 5€ ainda que sem alcançar tal preço, e Março oscilou sempre entre os 4,2€ e os 4,8€ (13 de Março ficou-se pelos 4,4€). Seguiu-se um Abril em crescendo, inicialmente nos 5€ mas já na recta final a aproximar-se dos 6€. Maio estabilizou o título perto dos 6€, Junho fê-lo cair para cima dos 5€ e fechou em cima dos 4€, Julho esteve quase sempre ligeiramente abaixo dos 4€ e Agosto manteve a tendência de queda, chegando a bater o valor mínimo do período, 3,5€.

Os 4,4€ verificados em 13 de Março afastam-se da mediana, de 5€. O afastamento é bastante significativo: 4,4€ situa-se nos meados da primeira metade da lista, a metade das cotações inferiores. Uma observação dos dados entre meados de Fevereiro e meados de Abril mostra dados no intervalo entre 4,2€ e 5,5€, sendo que 4,2€ foi o valor obtido no fecho da sessão de 17 de Março (a segunda sessão a seguir à do evento) e os valores acima de 5€ foram todos registados em Abril. A percentagem de 4,5% de probabilidade de ocorrência do valor 4,4€ no dia 13 de Março é, no cômputo global, pouco significativa. Terá maior relevância calcular a probabilidade de um valor entre 4,2€ e 4,6€ no trimestre Fevereiro, Março e Abril. Nesse caso o resultado é elucidativo: 22 ocorrências em 62 dias, ou seja, 35,5% de probabilidade. O que é significativo, tendo em conta que o intervalo é nesse período entre 4,2€ e 5,8€.

59 Anexo 3C.

A conclusão óbvia é a de que, também aqui, não houve uma influência assinalável da notícia da Reuters no andamento do mercado, especificamente na cotação da Mota-Engil.

IPO da Renováveis mais provável

A haver uma oscilação significativa na cotação da EDP no dia 5 de Maio, ela deveu-se essencialmente a esta notícia, visto que nada sobre a empresa ou com potencial para gerar impacto sobre ela foi publicado nos dois dias anteriores. A notícia⁶⁰ não é particularmente poderosa: José Maria Ricciardi, CEO do BES Investimento e responsável máximo (mandated lead arranger) pelo IPO da EDP Renováveis, disse à Reuters que as condições de mercado para o IPO melhoraram e a probabilidade de ele se verificar é superior.

Não é despendendo relembrar a centralidade do tema EDP Renováveis para o mercado financeiro português no primeiro semestre de 2008. Empresa com uma capacidade instalada de nível mundial aquando da sua constituição, e para além disso pertencente a um ramo interessante do ponto de vista do investidor (o das energias renováveis, tão acarinhadas pela indústria e por políticos), a EDP Renováveis geraria até uma novela particularmente interessante após o seu IPO em inícios do segundo semestre do ano: os primeiros dias foram de subidas contínuas, de empolamento sucessivo, de entusiasmo accionista exagerado, até que a fase da estabilização fez o título assentar num valor de mercado mais baixo – ou seja, até que se seguiram quedas abruptas e desvalorizações sucessivas que estabilizaram o título num valor muito abaixo do perspectivado pelos mais optimistas.

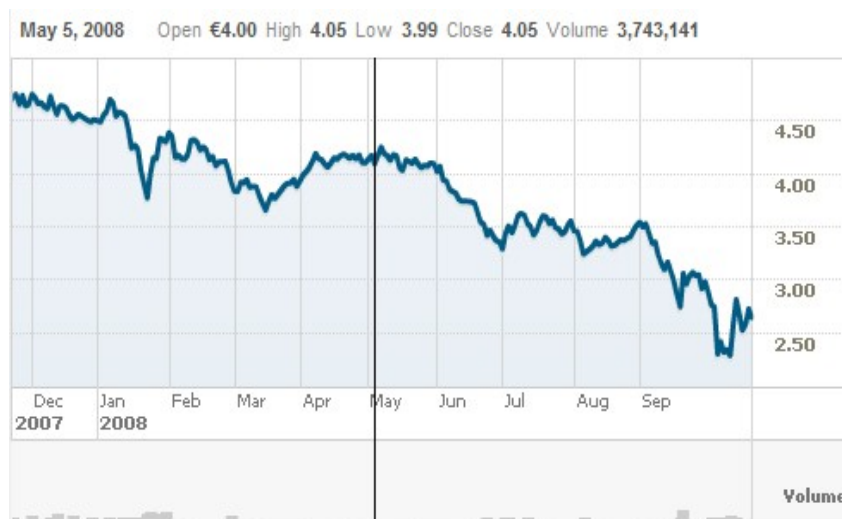


Figura 7: a EDP entre 8/11/2007 e 21/10/2008

A Figura 7 mostra, para um período ligeiramente distinto, a trajectória já anteriormente descrita da EDP ao longo de uma significativa parte de 2008. Uma trajectória de queda, com incipientes valorizações esporádicas. Não faz sentido concluir, neste caso, que houve períodos distintos, uns de subida e outros de queda. O que houve foi, no máximo, valorizações esporádicas em

correcção de quedas exageradas; ou seja, não houve nunca uma tendência de subida digna de nota. A queda

60 Anexo 4A.

sustentada, que terá eventualmente a ver com o impacto da crise financeira mundial no ramo da electricidade, foi, no entanto, relativamente corrigida e estabilizada no período Abril-Maio, em meados do qual teve lugar o evento aqui estudado.

Ao longo desses dois meses, os verdadeiramente importantes para esta análise, não houve abalos propulsores ou geradores de quedas relevantes. A estabilização do título é um dado adquirido e só dificilmente se concluirá (e isso está patente até através desta primeira observação – mais geral) que o evento em apreço teve efeitos significativos na cotação da Mota-Engil do dia 5 de Maio.

Os números⁶¹ são cristalinos a esse propósito: o título, que estava cotado nos 4,9€ em 8 de Novembro de 2007, acabaria por cair abruptamente até 21 de Outubro de 2008, praticamente sem intervalos de recuperação (e os que houve foram variações de poucas décimas), fixando-se



Figura 8: a EDP em Abril, Maio e Junho de 2008

nos 2,6€. Uma vista de olhos aos valores máximo e mínimo também é reveladora: aquele foi de 4,9€ (coincide com o valor do primeiro dia do período global), este foi de 2,2€ - verificou-se no dia 10 de Outubro de 2008, sétima sessão anterior à do fecho do período. O período do estudo? Simples: os 4,1€ que se verificaram não só no dia do evento mas nos três dias que constituem o *período de evento* foram também o valor de fecho das 12 sessões anteriores ao período de evento e de quatro das seis sessões seguintes. Portanto, a Mota-Engil esteve sempre verdadeiramente estável entre meados de Abril e meados de Maio (variou sempre entre 4€ e 4,2€, mas foram 19 – ou seja, a grande maioria – os registos de 4,1€) e a notícia publicada em exclusivo pela Reuters não abalou minimamente (nem sequer uma décima) a cotação do título.

BES diz que PT não deve vender participação na Vivo

Pelo título deste segmento, a notícia⁶² que a seguir se descreve pode parecer de difícil compreensão, mas na verdade é simples: Ricciardi, na mesma entrevista em que opinou sobre a EDP Renováveis, falou da Portugal

61 Anexo 4B.

62 Anexo 5A.

Telecom. Dada a insistência, neste dia conhecida, da espanhola Telefónica em adquirir a posição que a PT detinha na brasileira Vivo, Ricciardi afirmou ser boa a posição adoptada pela PT, de não vender, dado que o EBITDA da PT depende em grande parte do crescimento de EBITDA da Vivo. O que tem Ricciardi que ver com a PT? Simples: é administrador executivo do BES, então terceiro maior accionista da PT (8,5%). As posições do BES são, obviamente, importantes na estratégia da PT e, por arrasto, nas decisões de investimento dos accionistas da PT. No entanto, à partida, pouco há de novo aqui: esta posição do BES já havia sido anunciada meses antes, tal como o forcing da Telefónica não era novidade. Mas vejamos o comportamento do título no dia de evento, com o factor positivo de que não houve mais notícias para a PT nos dias da janela de evento.



Figura 9: a Portugal Telecom entre 8/11/2007 e 21/10/2008

A Figura 9 mostra a evolução da PT ao longo do período estudado (de 8 de Novembro de 2007 a 21 de Outubro de 2008). Com altos e baixos, quedas prolongadas seguidas de ligeiras recuperações antes de se iniciarem novas quedas, a PT seguiu a tendência geral das empresas cotadas no PSI (já para não falar da Bolsa

em termos mundiais), isto é, caiu significativamente em 2008. Março e Setembro foram os piores meses e houve alguns períodos (raramente mais de 15 dias) de recuperações sustentadas após quedas. Um desses períodos, talvez até o mais seguro do ponto de vista do investidor, foi o mês de Maio, em que a notícia baseada nas declarações de Ricciardi foi publicada.

Essa percepção é corroborada pela imagem trimestral (Figura 10), que dá conta de uma ligeira subida de meados de Abril até meados de Maio, a que se seguiu uma nova queda – também ligeira, mas mais prolongada. Portanto, afigura-se óbvio que as palavras de Ricciardi não foram suficientes para pôr os investidores da PT em alvoroço, mas podem ter tido algum impacto – ainda que mínimo – nas suas decisões. Daí a utilidade dos números de fecho⁶³ neste caso.

63 Anexo 5B.



Figura 10: a Portugal Telecom em Abril, Maio e Junho de 2008

E os números são contundentes: da sessão do dia 18 de Abril para a seguinte, a de 21, houve uma queda acentuada de 8,3€ para 7,6€ por acção. Desde então, o título iniciou uma recuperação gradual até meados de Maio – no dia 16 fechou nos 8,1€. Não houve, ao longo desse período, subidas ou quedas

superiores a 0,2€ de uma sessão para outra. Ora, situando-se o dia 5 de Maio nesse período, a conclusão a extrair dos dados é a de que Ricciardi não foi factor de grande oscilação do mercado. A variação positiva de 0,1€ (de 7,8€ para 7,9€) do primeiro dia do período de evento para o dia do evento, ainda que possa ter base nas declarações de Ricciardi, não é significativa para este estudo, na medida em que é demasiado baixa para ser sequer posta em análise.

PT reforça-se para investir

Três dias depois, novo sinal claro da Portugal Telecom no sentido de estar numa espiral de expansão e não de contracção, apesar da tendência clara de queda do título em Bolsa – tendência essa, aliás, partilhada com a generalidade das empresas cotadas. Tal como a anterior, esta notícia⁶⁴ não é excepcional do ponto de vista do investidor: Luís Pacheco de Mello, CFO da PT, garante que a empresa vai ter flexibilidade financeira suficiente após a operação de recompra de acções próprias anteriormente vendidas (share buy-back) para realizar mais investimentos. O share buy-back é uma estratégia de fortalecimento accionista, no caso levada a cabo em plena desvalorização do título, com vista a obter ganhos aquando de uma revalorização.

Não faria sentido colocar aqui o gráfico do período total de análise para este evento, uma vez que ele deu-se apenas três dias depois do evento anteriormente estudado. A descrição dos 243 dias seria, portanto, praticamente idêntica à acima feita. Relevante é, isso sim, a imagem aqui colocada (Figura 11), por dar conta da situação exacta que o título atravessava no dia 8 de Maio. Como vemos, a PT registou em meados de Abril uma forte subida logo seguida de uma queda abrupta. Após essa correcção iniciou-se um período de lenta e

64 Anexo 6A.

sustentada subida, até meados de Maio, que deu logo lugar a uma fase de desvalorização, também ela ténue a início, mas mais vincada em Junho. O dia 8 de Maio é, como vemos, parte daquele movimento de valorização sem sobressaltos, sem altos nem baixos de maior registo – uma subida prolongada, relativamente estável, mas de poucas décimas por sessão.



Figura 11: a Portugal Telecom em Abril, Maio e Junho de 2008.

Assim é, de facto, se atentarmos nos números⁶⁵: o registo do período de evento (8€ por acção nos três dias, sem variação) é o culminar de uma tendência de leve subida iniciada em 21 de Abril, em recuperação de uma queda acentuada. O fecho da sessão anterior, 18 de Abril, fixou a PT nos 8,3€, mas no dia seguinte caiu para 7,6€. Desde então deu-se uma recuperação até aos 8€ do

dia 7 de Maio. A PT seguiria, nos dias seguintes, sempre próxima dos 8€, nunca descendo abaixo dos 7,8€ daí até 10 de Junho. Foi nesse dia que se iniciou a tendência de queda que não mais faria a PT aproximar-se dos 8€ até ao final do período de estudo. No último dia, saliente-se, a PT fechou nos 4,7€, um claro sinal do descalabro atrás referido – que foi particularmente forte a partir de 6 de Outubro.

Mais uma vez, como se depreende, a notícia veiculada pela Reuters não teve impacto suficiente para empurrar o mercado num determinado sentido. Após uma fase de subida até aos 8,3€ em 18 de Abril, a PT caiu para 7,6€ na sessão seguinte e daí até finais de Maio corrigiu do tombo para se posicionar nos 8€. Não tendo este último movimento tido lugar num ou outro dias específicos mas sido incorporado num conjunto vasto de sessões da Bolsa, a causa dessa tendência tem de ser encontrada sobretudo na correcção de mercado e não em notícias específicas – entre elas a da Reuters.

EDP mantém plano de investimento até 2010

A notícia⁶⁶ é tendencialmente positiva para o mercado: António Mexia, CEO da EDP, diz-se confiante em que não terá de alterar o plano de investimento de 9 mil milhões de euros no triénio 2008-2010. O líder da eléctrica diz que o IPO da EDP Renováveis, aliado aos 1,3 mil milhões de euros em caixa e aos 2,2 mil milhões em linhas de crédito por utilizar são sinais de que a empresa poderá sobreviver à crise sem ter de

⁶⁵ Anexo 6B.

⁶⁶ Anexo 7A.

alterar sequer o plano de investimento delineado em finais de 2007.



Figura 12: a EDP entre 15/4/2008 e 25/3/2009

Antes de passarmos aos números de fecho do período de evento convém referir que, mesmo não tendo sido publicada qualquer outra notícia sobre a EDP no dia do evento, uma recomendação da JP Morgan para o título foi veiculada pelas agências e restante imprensa⁶⁷ no dia anterior, 1 de Outubro. A notícia não é muito relevante, até porque por ser sobre

a EDP Renováveis só indirectamente tem impacto na EDP: a JP Morgan colocou o seu preço-alvo para a Renováveis nos 8,4€, acrescentando que tal valor só seria alcançado em condições de mercado mais favoráveis. No último dia do período de evento, porém, a Lisbon Brokers decidiu baixar⁶⁸ o seu preço-alvo da EDP em 23,7% para 3,8€, ainda que mantendo a indicação de “forte compra” para os investidores.

Esse *downgrade* da Lisbon Brokers tem razão de ser: a sessão do dia do evento, 2 de Outubro, fechou – como vemos na Figura 12 – em queda relativamente à sessão anterior, o que contraria o carácter positivo da notícia da Reuters e é,

portanto, um indicador claro de que essa notícia não foi relevante para as decisões dos investidores no dia em causa. A queda do dia 2, sendo a sequência de uma série de outras quedas e antecedente de outros deslizes nos dias seguintes (até valores suficientemente baixos para



Figura 13: a EDP em Setembro, Outubro e Novembro de 2008

redundarem num movimento de recuperação imediato, como vemos em meados de Outubro), terá sido

67 “JP Morgan considera que EDP Renováveis só vai atingir “target” quando mercado recuperar”, in <http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?template=SHOWNEWS&id=333634> (acedido em 25/7/2009).

68 “Lisbon Brokers corta “target” da EDP em 23,7%”, in <http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?template=SHOWNEWS&id=333948> (acedido em 25/7/2009).

portanto a gota de água para a Lisbon Brokers, mais convicta de que a desvalorização da EDP não era um fenómeno passageiro, mas também – como concluímos pela recomendação de “forte compra” - sabedora de que o valor actual da EDP estava bastante aquém do seu valor intrínseco.

O gráfico trimestral (Figura 13) releva em maior detalhe a tendência de queda em que a EDP estava submersa aquando da publicação da notícia pela Reuters. De facto, o título passou⁶⁹ de um fecho nos 2,84€ no dia 1 para os 2,72€ do dia 2, um registo bastante inferior àquele. Deve ser salientado, no entanto, que ambos os valores se situam próximos da mediana dos 243 dias, que foi de 2,8€ (o máximo foi de 4,2€, o mínimo de 2,2€, o que indica que valores como 2,7€ e 2,8€ foram muito frequentes ao longo deste período).

Ora, se a queda do dia 1 para o dia 2 é clara no sentido de não ter havido impacto significativo da notícia da Reuters, um boletim da Espírito Santo Research⁷⁰ publicado no dia 3 (ou seja, no último dia do período de evento) reforça essa tese: a ESR, núcleo de pesquisa de mercado do BES, considerou apenas “neutral a ligeiramente positiva” para a EDP a manutenção dos investimentos até 2010. A notícia veiculada pela Reuters terá, portanto, sido frágil e insuficiente para sustentar a corrente negativa que arrastaria o título para valores de fecho ainda mais baixos nos dias seguintes aos do evento.

PT não desinveste na Vivo

A fonte da notícia⁷¹ não podia ser mais importante: Henrique Granadeiro, Presidente e Chief Executive Officer



Figura 14: a Portugal Telecom de 7/9/2007 a 20/8/2008

da Portugal Telecom, diz em entrevista telefónica à Reuters que está fora de questão a venda pela sua empresa da participação que detém na congénere brasileira Vivo. Granadeiro acrescenta que está satisfeito com o desempenho da Vivo e que esta empresa vai continuar a liderar o mercado brasileiro. Deve ser salientado que a posição da PT na Vivo é

parte significativa das receitas de EBITDA-Earnings Before Interests Taxes Depreciation and Amortization da

69 Anexo 7B.

70 “Manutenção dos “targets” até 2010 é “ligeiramente positivo” para a EDP”, in <http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?template=SHOWNEWS&id=333960> (acedido em 27/7/2009).

71 Anexo 8A.

PT, dado que a Vivo é uma empresa com muito boa prestação no Brasil.

A Figura 14 dá conta da prestação da PT de Setembro de 2007 a finais de Julho de 2008. De uma forma global houve uma desvalorização significativa, precisamente de 8,35€ em 7 de Setembro de 2007 para 7,02€ em 20 de Agosto de 2008 (primeiro e último dias desta análise, respectivamente). Porém, a evolução deu-se por fases. Inicialmente, até inícios de Novembro, houve uma valorização acentuada do título – particularmente notória em Outubro; seguiu-se uma queda prolongada que culminou num tombo em meados de Março (apesar de alguns movimentos de correcção em Janeiro); a seguir a este tombo registou-se uma correcção até meados de Maio, mas de novo o título desvalorizou – ainda que não acentuadamente – até finais de Julho.



Figura 15: a Portugal Telecom em Janeiro, Fevereiro e Março de 2008

A Figura 15 dá conta, mais concretamente, da cotação do título ao longo do trimestre Janeiro-Fevereiro-Março de 2008. Nesse período, como vemos, houve uma tendência geral de queda, iniciada em meados de Janeiro após uma forte subida. Fevereiro foi um mês relativamente estável e Março registou fortes quedas, só parcialmente corrigidas nos últimos

dias desse mês. À primeira vista, portanto, dir-se-á que não houve no período de evento qualquer singularidade em comparação com os dias que o rodeiam – apenas os movimentos correctivos normais, com leves valorizações e desvalorizações ao longo das várias sessões, frequentemente animadas apenas pelo andamento de empresas congéneres internacionais ou por empresas accionistas (da PT, no caso).

A observação dos valores de fecho⁷² da PT corrobora essa conclusão. Cotada nos 8,6€ no dia 1 de Fevereiro, a PT seguiria uma trajectória irregular (máximo de 8,77€, mínimo de 8,43€) até meados do mês, com altos e baixos sucessivos – ainda que não significativos, na linha do atrás referido –, mas desde então deslizou sucessivamente até alcançar os 8,12€ do dia 27, primeiro dia do período de evento. A queda de 26 para 27 de Fevereiro foi acentuada: de 8,38€ para 8,12€, motivada pelo desastroso comportamento das congéneres e pela negativa sessão de todo o PSI20. O dia de evento foi correctivo: subida dos 8,12€ para 8,3€, seguido de nova subida para 8,45€ no dia seguinte, o último do período de evento. Uma vez que o dia

72 Anexo 8B.

3 de Março, sessão imediatamente a seguir à do último dia do período de evento, voltou a colocar a PT em rota descendente (queda para 8,34€), que seria novamente corrigida no dia 5 de Março (subida para 8,48€ após fecho do dia 4 nos 8,26€), conclui-se que a PT seguia neste período essencialmente ao sabor das variações dos mercados internacionais, nomeadamente das suas congéneres espanholas e brasileiras.

A Figura 15, descrita acima, é aliás prova disso. Fevereiro foi um mês estável, de leves subidas e descidas, sem sobressaltos assinaláveis e, mais importante ainda, sem notícias de grande relevância do ponto de vista do investidor. Concretamente no período de evento não houve notícias específicas sobre a Portugal Telecom na imprensa portuguesa, exceptuando o exclusivo da Reuters – que não foi, aliás, precedido de especulação sobre a PT desinvestir na Vivo, mas somente uma notícia sem antecedentes imediatos. Dado que a Vivo é parte fulcral do negócio da PT, declarações do Chairman Henrique Granadeiro sobre a posição estratégica da empresa que lidera são sempre relevantes. Mas, para os investidores, esse não foi o caso. Era, aliás, ponto assente que Granadeiro não pretendia abrir mão da Vivo.

Mota-Engil prevê reforçar volume de encomendas

Uma empresa em contraciclo: a Mota-Engil anuncia⁷³, através do seu CFO, que espera aumentar a sua carteira de encomendas em 2008, comparativamente com 2007, uma vez que o valor de 2,2 mil milhões de euros em encomendas até ao final do terceiro trimestre de 2008 foi um máximo histórico. Com apenas mais um trimestre até ao final do ano, Eduardo Rocha revela-se optimista. A entrevista exclusiva, obtida à margem



Figura 16: a Mota-Engil de 27/5/2008 a 6/5/2009

da apresentação dos resultados trimestrais da Mota-Engil, é um claro sinal para os accionistas de que a empresa está forte e em crescendo.

No entanto, várias outras notícias têm de ser tidas em conta: no dia 11 de Novembro – véspera desse anúncio de resultados e, portanto, primeiro dia do período de evento –,

analistas contactados pelo Jornal de Negócios previam⁷⁴ lucros de 21 a 24 milhões de euros nos primeiros

⁷³ Anexo 9A.

⁷⁴ “Analistas esperam lucros entre os 21 e os 24 milhões de euros da Mota-Engil”, in <http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?>

nove meses de 2008, quando na realidade foram de apenas 14,2 milhões de euros⁷⁵, pressionados negativamente por imparidades nas acções detidas pela Martifer (do grupo Mota-Engil e cotada no PSI Geral) na EDP. Ainda assim, o que à primeira vista parece ter sido negativo para a Mota-Engil (e tendente a pressioná-la para uma queda até ao fecho do dia do evento) afinal não o foi, segundo analistas do BPI, da Caixa BI e do Millennium Investment Banking⁷⁶.

Mas afinal, qual terá sido o efeito destas notícias, aliadas à veiculada pela Reuters, na cotação da Mota-Engil? A Figura 16 mostra que o título seguia uma tendência de queda desde meados de 2008, tendência essa que só foi invertida em Março de 2009, novamente na linha do que se verificou na generalidade dos sectores cotados em Bolsa. A tendência é no caso da Mota-Engil, mais até do que na maior parte das empresas, bastante nítida, pois não houve de Junho de 2008 a Maio de 2009 fases de crescimento significativas, que possam ser consideradas mais do que meras recuperações após quedas mais abruptas. Assim foi por duas vezes em Julho, novamente em Agosto, em Outubro, em Novembro e em finais de Janeiro, sobretudo.

Nov. 12, 2008 Open €2.65 High 2.70 Low 2.60 Close 2.65 Volume 187,641

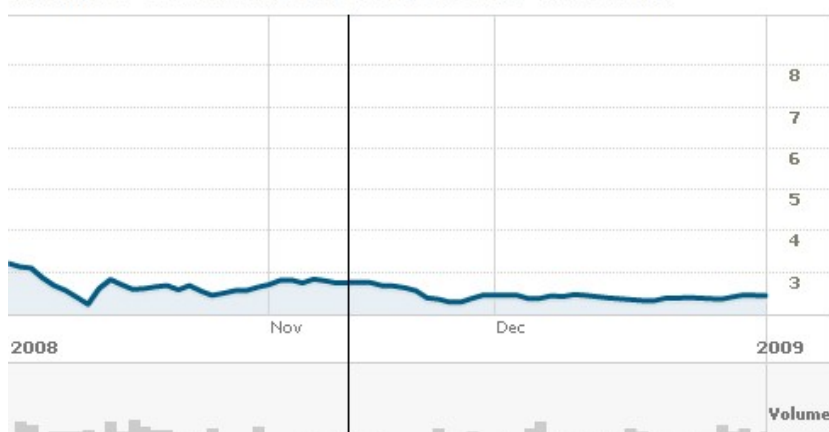


Figura 17: a Mota-Engil em Outubro, Novembro e Dezembro de 2008

É mais nítida a Figura 17 no

que respeita ao período do evento. Sem os números de fecho presentes, pode-se constatar apenas que do primeiro para o segundo dia do período do evento poderá ter-se verificado qualquer das três evoluções possíveis: leve subida, leve queda ou manutenção do valor de fecho de um dia para o outro. É portanto notório

que a notícia da Reuters não teve um impacto significativo sobre o título, mesmo que ele tenha tido uma leve subida. Por outro lado, fica patente a estabilização do título em Novembro e Dezembro, ainda que em valores muito baixos. Baixos, mas próximos da mediana dos 243 dias⁷⁷, refira-se (que se situa nos 2,7€).

Os valores do período de evento, ou seja, de 11 a 13 de Novembro de 2008, foram de 2,64€, 2,65€ e 2,65€. Houve, então, uma subida de apenas 0,01€, insuficiente para que seja sequer considerada a hipótese

[template=SHOWNEWS&id=340516](#) (acedido em 28/7/2009).

75 "Lucros da Mota-Engil caem 84,5% para 14,2 milhões de euros", in <http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?template=SHOWNEWS&id=340690> (acedido em 28/7/2009).

76 "Resultados da Mota-Engil superam previsões dos analistas", in <http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?template=SHOWNEWS&id=340720> (acedido em 28/7/2009).

77 Anexo 9B.

de as declarações do CFO da Mota-Engil terem alavancado o título. Por outro lado, o lucro aquém do esperado aliado à afirmação, por analistas, de que outros indicadores dos resultados operacionais da Mota-Engil tornaram-nos globalmente positivos, deverá ter estado por detrás desta estabilização do título. Uma estabilização que não foi, porém, duradoura, visto que duas sessões depois da última do período de evento a Mota-Engil iniciava nova fase de queda, que a precipitaria até aos 2,17€ verificados no dia 26 desse mês.

Sonae Indústria pode aliar-se a outras empresas no estrangeiro

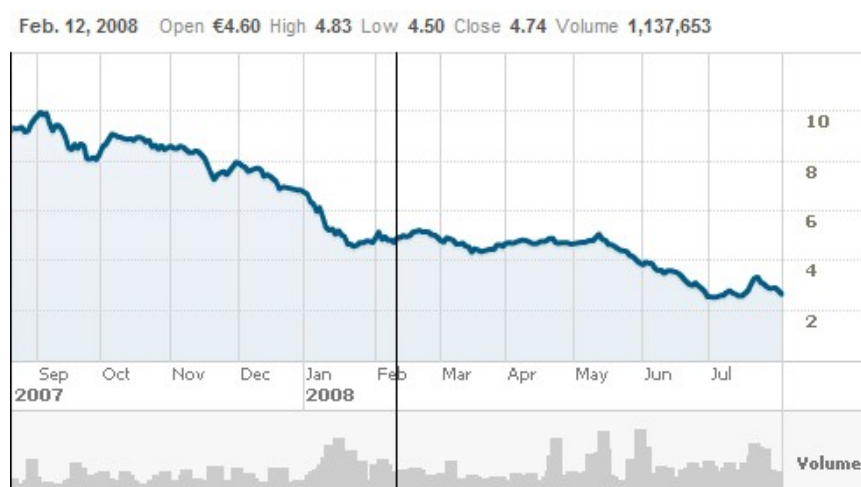


Figura 18: a Sonae Indústria entre 22/8/2007 e 4/8/2008

Não é o anúncio de um investimento já realizado, ou por realizar, mas tão só a indicação⁷⁸, pelo CEO da Sonae Indústria, Carlos Bianchi de Aguiar, de que a empresa está receptiva a fusões ou outras aquisições (mergers and acquisitions) no Brasil ou na América do Norte, mercados onde está presente. Bianchi de Aguiar acrescenta, em entrevista escrita à

Reuters, que há demasiados actores esses mercados e que a consolidação da presença da Sonae Indústria deveria passar por uma fusão com o grupo chileno Masisa, também dedicado aos derivados de madeira. A decisão, ao nível da internacionalização, é estratégica, mas Bianchi de Aguiar não esconde que, em termos globais, a empresa tem vindo a perder com a crise imobiliária subsequente à crise financeira.

Não havendo mais notícias referentes à Sonae Indústria directa ou indirectamente (notícias sobre a Sonae, a empresa-mãe), nem havendo oscilações de maior das congéneres internacionais, resta avaliar um eventual impacto desta notícia veiculada pela Reuters na cotação do título. Numa observação geral (Figura 18), vemos que o evento (no dia 12 de Fevereiro de 2008) surge num período de estabilização do título após fortes perdas de – pelo menos – Setembro de 2007 a Janeiro de 2008. Não houve uma recuperação, apenas uma estabilização, donde se conclui que os investidores encontraram um novo preço de mercado, em consequência da desvalorização natural causada pela crise financeira. O título voltaria a ter uma fase de queda acentuada, entre meados de Maio e o início de Julho, mas antes passaria por mais de quatro meses

⁷⁸ Anexo 10A.

de estabilidade.

A Figura 19 dá conta dessa estabilização inicial, em Fevereiro e Março, e aponta para uma leve subida em Fevereiro, que foi atenuada já nos últimos dias desse mês. Os valores de fecho⁷⁹ revelam mesmo que o título chegou aos 5,04€ no dia 21 de Fevereiro, valor que não seria de novo alcançado até ao



Figura 19: a Sonae Indústria em Janeiro, Fevereiro e Março de 2008

último dia do período deste estudo. Os 4,74€ registados no dia do evento situam-se ligeiramente abaixo da mediana (4,8€), mas muito acima dos 4,55€ do primeiro dia do período de evento. De facto, depois de ter alcançado os 4,79€ em 6 de Fevereiro, o título caiu para 4,65€ no dia seguinte, 4,66€ no imediato e em seguida os 4,55€ do dia 11 de Fevereiro. A subida para 4,74€ no dia do evento foi mais do que uma mera recuperação, pois o título já há quatro sessões estava bastante abaixo da marca 4,7€. Seguiu-se, no último dia do período de evento, um fecho nos 4,75€, seguido de 4,84€ no dia 14. Daí até aos referidos 5,04€ no dia 21 a tendência foi, obviamente, ascendente.

Portanto, o dia do evento não só regista uma subida superior ao que seria considerado como uma mera recuperação após a queda do dia anterior (visto que a queda já se prolongava por alguns dias e porque a subida foi superior à queda), mas também é a marca inicial de uma tendência que originaria uma subida até 5,04€ algumas sessões depois. Visto que não houve mais nenhum evento, nos dois primeiros dias do período de evento, que pudesse influenciar – num sentido ou noutro – a cotação da Sonae Indústria, a conclusão a extrair é de que a notícia inicialmente veiculada pela Reuters (e que, como muito frequentemente acontece, acabou repercutida nos jornais económicos) teve impacto significativo nas decisões de investidores da Bolsa, uma vez que gerou movimentos de compra suficientemente fortes para alavancar o título de 4,55€ para 4,74€ (não esquecer, é claro, a componente de recuperação que está obviamente associada à subida).

⁷⁹ Anexo 10B.

Jerónimo Martins mantém objectivos para 2008-2010

Segue-se um caso curioso, o da Jerónimo Martins no último trimestre de 2008. Antes de mais, convém referir que o comportamento de uma empresa retalhista, como esta, tende a ser menos flutuante do que o da maioria dos sectores, uma vez que os bens necessários são aqueles que menos sofrem com as crises económicas. Mas o comportamento da Jerónimo Martins em 2008 foi, como vemos na Figura 20, bastante diverso do geral: em vez de uma tendência generalizada de queda até aos últimos meses do ano e a subsequente revalorização progressiva em 2009, a Jerónimo Martins seguiu relativamente estável até meados de 2008, atingiu um pico muito incomum nos meses do Verão e caiu a pique em finais de Outubro, para depois iniciar uma recuperação e estabilizar antes do início de 2009. Essa queda intensa inclui o período do evento aqui em estudo.



Figura 20: a Jerónimo Martins de 5/5/2008 a 15/4/2009

Em entrevista à Reuters⁸⁰, o

CEO da Jerónimo Martins deu conta em 21 de Outubro de que a empresa não necessitava de liquidez e, portanto, seguiria a sua estratégia de investimento para o triénio 2008-2010. Particularmente importante para a conclusão da administração da Jerónimo Martins foi, como referiu Luís Palha, a evolução económica da Polónia,

país onde a empresa detém uma subsidiária de nome Biedronka, que detém uma grande quota de mercado.

A Figura 21 revela, desde logo, que as declarações do CEO não tiveram impacto suficiente para inverter uma tendência de forte queda que já se sentia na Jerónimo Martins há algumas sessões – e que culminaria também dias depois. Concretamente⁸¹, foi no dia 14 de Outubro que se iniciou a queda vertiginosa, de 5,23€ nessa sessão para 3,22€ em 24 de Outubro. Foram nove sessões de queda ininterrupta e os valores de fecho do período do evento foram de 4,65€, 4,26€ e 4,02€. Ainda assim, a mediana da Jerónimo Martins nos 243 dias foi de 4,3€, pouco superior aos 4,26€ do dia do evento.

80 Anexo 11A.

81 Anexo 11B.



Figura 21: a Jerónimo Martins em Setembro, Outubro e Novembro de 2008

Sendo já certo que não houve influência (ou se houve, foi insuficiente) da notícia da Reuters nas decisões dos investidores, uma notícia publicada pelo Jornal de Negócios⁸² no primeiro dia do período de evento – e tendo em conta que essa foi a única notícia publicada nos dois primeiros dias – dá indícios sobre parte do comportamento da Jerónimo

Martins em Outubro. Nesse dia, a Espirito Santo Research divulgou uma nota na qual manteve a sua recomendação de compra para a retalhista, justificando a sua decisão com a previsão de que, em 30 de Outubro, a empresa anunciaria resultados operacionais muito positivos para os primeiros nove meses do ano.

Ora, se tivermos em conta os valores de fecho do mercado constatamos que no dia 30 a Jerónimo Martins fechou nos 3,91€, bem acima dos 3,63€ da sessão anterior, mas continuou a subir nas três sessões seguintes: 4,01€ no dia 31, 4,17€ no dia 3 e 4,27€ no dia 4 de Novembro. Estas movimentações devem, portanto, ser interpretadas da seguinte forma: depois de se ter sobrevalorizado em período de férias de Verão (o período em que há menos investidores no activo), a Jerónimo Martins sofreu as consequências de um reequilíbrio em Setembro e, sobretudo, em Outubro, tendo a recuperação face à forte queda de finais de Outubro sido devida, por um lado, ao movimento correctivo normal, mas também à previsão e aproximação de bons resultados operacionais. Esses bons resultados alavancaram o título em inícios de Novembro, mas logo em seguida o seu valor reequilibrizou-se e Novembro foi um mês estável.

De facto, os valores de fecho mostram que a Jerónimo Martins nunca ultrapassou os 5€ antes do período de Verão e que, depois de nesse período ter chegado perto dos 7€, caiu a pique e acabou reequilibrada em Novembro, novamente entre os 4€ e os 5€.

82 "ESR espera "bons resultados" para os três primeiros trimestres da Jerónimo Martins", in <http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?template=SHOWNEWS&id=336722> (acedido em 14/7/2009)

Sonaecom prolonga parceria com France Telecom

Eis um bom exemplo das limitações deste estudo. Não me refiro já à mera questão metodológica, aos



Figura 22: a Sonaecom entre 9/11/2007 e 22/10/2008

cálculos; o problema pode também estar, como aqui acontece, está também nos próprios temas em análise. Ora, em entrevista escrita⁸³, Chris Lawrie, o CFO da Sonaecom, empresa satélite da Sonae, referiu que continua focado no crescimento orgânico e na execução do plano conjunto com

a France Telecom (FT), empresa

com a qual, adianta, deverá até prolongar o vínculo estratégico que terminaria em Junho (estamos em 6 de Maio de 2008). Lawrie acrescentou ainda que uma parceria com a Zon – frequentemente aventada no mercado – poderia ser positiva para ambas as empresas. Sendo esta última componente meramente especulativa, e sobretudo uma mera acha para uma fogueira já há muito alimentada, a parte relacionada com a FT é tendencialmente positiva, já que a empresa francesa detinha 19,19% da Sonaecom aquando da notícia.

Porém, o que tenderia a impulsionar o título acabou por, mais uma vez, ser insuficiente. Como vemos na Figura 22, o período em que este evento se insere é um período vasto de queda ligeira mas sustentada. O volume, pouco superior a 680 mil acções transaccionadas no dia 6, é um sinal claro da pouca dimensão da Sonaecom no PSI20 e é, como a

parte inferior da imagem demonstra, mais ou menos um volume médio para o título.

A Figura 23, com os números de fecho trimestrais (em Abril, Maio e Junho de 2008), comprova claramente que a Sonaecom seguia sem grandes sobressaltos ao longo deste

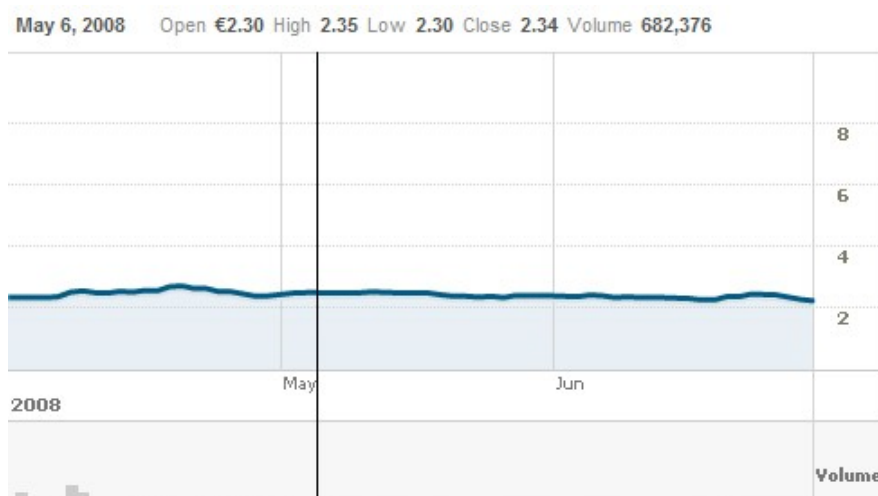


Figura 23: a Sonaecom em Abril, Maio e Junho de 2008

83 Anexo 12A.

período, mas novamente é um claro sinal de que a tendência era de ligeira queda. Os valores de fecho⁸⁴ são muito claros a este respeito: o mínimo atingido nos 243 dias estudados foi de 1,2€ e o máximo de 3,9€. Ora, 3,9€ é precisamente a cotação de fecho da Sonaecom no primeiro dia estudado (9 de Novembro de 2007) e o fecho do último dia foi nos 1,3€, apenas 0,1€ acima do mínimo, atingido dias antes. De uma forma geral, e não atendendo a pequenas oscilações temporárias, conclui-se que a Sonaecom seguiu uma tendência sempre decrescente do primeiro ao último dias.

Concretamente no período do evento o título fechou em 2,4€, 2,3€ e novamente 2,3€, números que, se contrastados com a mediana dos 243 dias, atestam a ideia de queda sustentada do título do longo do período global: a mediana foi de 2,2€, bem próxima dos números do período do evento. Voltando à notícia em estudo, mais uma vez se conclui que as declarações de um administrador de topo – no caso o CFO da Jerónimo Martins – não tiveram suficiente peso para impulsionar o título. A clarificação do imbróglio está nos antecedentes: no dia anterior, isto é, no primeiro dia do período do evento, a Sonaecom havia divulgado os seus resultados do primeiro trimestre de 2008 (ver na referida notícia da Reuters), dando conta de um prejuízo de 5,5 milhões de euros, superior ao previsto por um conjunto de analistas consultados pela Reuters dois dias antes. Na entrevista à Reuters, o CFO da Sonaecom justificaria os resultados da seguinte forma: “Há certos 'drivers' da evolução da performance durante o resto do ano que estão fora do nosso controlo”.

Este é um caso concreto que comprova a teoria de MacKinlay, explanada no capítulo anterior: o estudo de evento aplica-se a tipos de notícias específicos, como a apresentação de resultados operacionais pela administração de uma empresa (como neste caso). Uma vez que este relatório tem enfoque na Thomson Reuters mais do que no mercado financeiro em si, notícias como a divulgação de resultados – por não serem exclusivas da Reuters – não foram contempladas. Como aqui vimos, elas sobrepõem-se à maioria dos restantes eventos que possam surgir no mesmo período de evento. Mais uma vez, uma notícia da Reuters não teve impacto suficiente junto dos investidores.

Millennium BCP com boa liquidez

Publicada originalmente depois das 18h30 do dia 23 de Setembro (o fecho de cada sessão é pelas 16h35), esta notícia seria re-publicada no início da sessão seguinte (24). Trata-se de uma entrevista⁸⁵ ao CEO do Millennium BCP, Carlos Santos Ferreira, que diz que o banco tem rácios de liquidez superiores aos do início de 2008 e tem vindo a evoluir positivamente ao nível da captação de recursos e no crédito. Carlos Santos Ferreira quis salientar que o crédito crescia, ainda que menos do que normalmente.

84 Anexo 12B.

85 Anexo 13A.

Esta notícia surge na sequência da venda de 49% do Millennium Angola⁸⁶, exactamente no dia 23, sendo 29% para a Sonangol e 20% para o BPA-Banco Privado Atlântico. Essa alienação terá sido precedida, segundo Santos Ferreira na notícia da Reuters, de um aumento de capital do Millennium Angola de 100 milhões de dólares. Não havendo mais notícias no *período de contaminação* e dada a inexistência de uma tendência inequívoca na banca nacional ao longo do período do evento, estas duas notícias podem ter sido relevantes para o comportamento do Millennium nos dias 23 e 24 de Setembro.

Sep. 23, 2008 Open €1.23 High 1.24 Low 1.20 Close 1.21 Volume 15,977,495

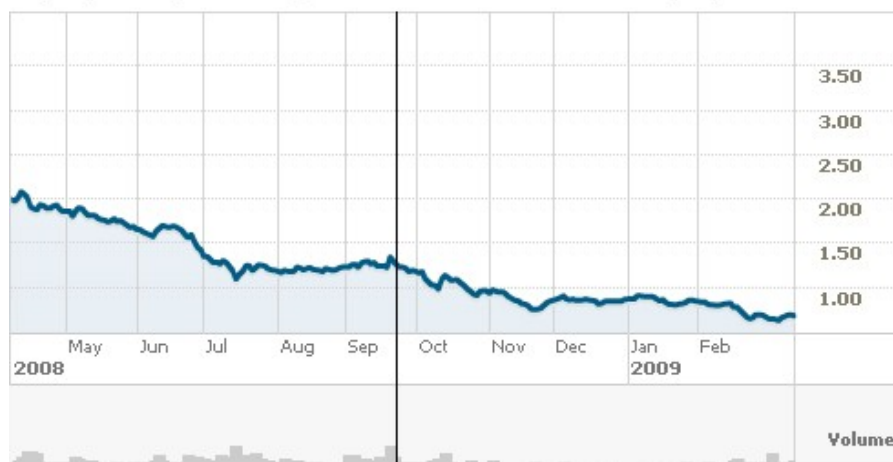


Figura 24: o Millennium BCP entre 4/4/2008 e 16/3/2009

Como vemos no gráfico

lateral (Figura 24), o Millennium BCP (que é, aliás, o único título da banca portuguesa que mantém uma tendência prolongada de queda em finais de Julho de 2009, altura em que este texto é escrito) seguiu em decrescendo de Abril de 2008 a finais de Fevereiro de 2009. Não há períodos de recuperação

suficientemente alta e/ou prolongada para que possa ser considerada a existência de mais do que aquela tendência ao longo destes 243 dias estudados. O dia 23 de Setembro ficou marcado por um dos volumes mais altos de todo o período (quase 16 milhões de acções do BCP transaccionadas), mas o título fechou em queda, seguindo a tendência do dia anterior e que se manteria nas sessões seguintes.

A imagem trimestral (Figura 25) é explícita quanto a isso. Pode-se desde já concluir que a entrevista da Reuters não teve um impacto junto dos investidores suficiente para alavancar o título no dia 24. Em contrapartida, a

Sep. 23, 2008 Open €1.23 High 1.24 Low 1.20 Close 1.21 Volume 15,977,495



Figura 25: o Millennium BCP em Agosto, Setembro e Outubro de 2008

86 "Grupo Sonangol investe 100 milhões de dólares no Millennium Angola", in <http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?template=SHOWNEWS&id=332430> (acedido em 29/8/2009).

alienação de 49% do Millennium Angola poderá ter sido relevante para o fecho da sessão do dia 23, dia em que essa notícia foi veiculada pelos *media*.

Os números de fecho⁸⁷ são esclarecedores. A sessão de 19 de Setembro, a anterior à do primeiro dia do período do evento, fechou nos 1,29€, um registo que se havia verificado pela última vez apenas em 2 de Julho do mesmo ano (fecho nos 1,3€). Desde esse dia, nunca uma sessão havia fechado acima de 1,26€, sendo até que a maioria dos fechos foi inferior a 1,2€. Portanto, o salto de 1,18€ para 1,29€ da sessão de 18 para a de 19 de Setembro foi motivo de correcção nos dias seguintes: 1,25€ no dia 22, 1,21€ no dia 23, 1,18€ no dia 24 (os três dias do período do evento), 1,18€ no dia 25, 1,17€ em 26 e 1,13€ em 27. Seguir-se-ia um mês de Outubro particularmente negativo, com o título a fechar quase sempre abaixo de 1€. Uma tendência que se alastraria e agravaria nos meses seguintes (o fecho da última sessão em estudo, a de 16 de Março de 2009, foi nos 0,63€).

Se, por um lado, se pode concluir que a notícia da Reuters não influenciou suficientemente o mercado, por outro lado, o movimento do Millennium BCP no período em causa pode ser explicado como correcção face a uma subida bastante superior ao que vinha a verificar-se nas sessões anteriores.

Sonae Indústria quer reforçar peso no Brasil

O caso que se segue é um exemplo de como outros factores contextuais que não notícias específicas para um título podem influenciar (e muito, como veremos) a sua cotação. Em declarações exclusivas à Reuters⁸⁸, o CEO da Sonae Indústria declarou esperar fechar com a congénere chilena Masisa um acordo de fusão para operarem em conjunto no Brasil, mercado no qual eram concorrentes. A intenção, segundo Carlos Bianchi de Aguiar, era a de que a macro-empresa daí resultante se tornasse no terceiro operador do mercado.

A notícia, claramente positiva para os investidores, contém ainda uma referência a uma realidade menos distante. Imediata, diga-se. Dada a desaceleração da procura no mercado dos derivados de madeira, a Sonae Indústria veio a acumular stocks e a baixar preços ao longo de 2008 (a notícia é de 11 de Junho), numa reacção à conjuntura económica internacional desfavorável, em muito motivada pelo aumento exponencial dos preços do petróleo. Esta realidade havia sido quantificada dias antes, em apresentação de resultados trimestrais, tendo o volume de negócios do primeiro trimestre de 2008 sido de 498 milhões de euros, 8% inferior ao do trimestre anterior.

Não havendo oscilações significativas do grupo Sonae na sessão em causa (a de 11 de Junho), um único – mas muito importante – factor terá estado por detrás da queda significativa que a Sonae Indústria

87 Anexo 13B.

88 Anexo 14A.

registou no dia do evento. Numa notícia de 12 de Junho no Público, sobre a valorização do petróleo em 2007, é referido que «ontem, ao final da tarde, os preços do barril de Brent (referência para o mercado europeu) estavam a subir mais de três por cento, superando os 135 dólares»⁸⁹. Ora, um avanço superior a 3% do petróleo é suficiente para ter forte impacto no mercado, sobretudo em empresas pequenas como a Sonae Indústria.



Figura 26: a Sonae Indústria de 17/12/2007 a 27/11/2008

A tendência de queda, de que Bianchi de Aguiar deu conta, está bem expressa na Figura 26. Houve períodos de quedas abruptas, seguidas de relativas estabilizações e acalmias (não recuperações de maior). O título, cotado próximo dos 8€ em meados de Dezembro de 2007, echava perto dos 2€ em finais de

Outubro de 2008. Uma queda acentuada, sobretudo para um título como a Sonae Indústria. Esta variação, como vimos, deve muito de si à instabilidade do petróleo. O preço dos barris de petróleo (brent e crude) subiu muito ao longo de 2008, tendo até motivado manifestações por todo o mundo e reuniões de emergência da OPEP, que chegou mesmo a aumentar a produção com vista a baixar os preços.

O gráfico trimestral (Figura 27) demonstra que a Sonae Indústria seguia em queda acentuada (de 5€ para cerca de 3€) de meados de Maio até ao início de Julho, tendo o dia 11 de Junho sido apenas mais um que não conseguiu inverter essa tendência. De facto, não só não a inverteu como a acentuou⁹⁰: dos 3,45€ registados no primeiro dia do período do evento, 10 de



Figura 27: a Sonae Indústria em Maio, Junho e Julho de 2008

89 Anexo 14B.

90 Anexo 14C.

Junho, a Sonae Indústria caiu para 3,31€ no dia do evento e corrigiu no dia seguinte para 3,41€. Daqui se conclui que a sessão do evento não foi apenas mais uma de uma série de sessões de perdas, mas uma em que houve perdas superiores ao normal (já que foram corrigidas na sessão seguinte).

Uma vez que a notícia da Reuters não teve impacto no dia do evento – e sendo esse unicamente o factor que nos interessaria aqui estudar –, podemos concluir, ainda que com as reservas normais de não ter sido aprofundada esta questão, que terá sido o comportamento particularmente negativo do petróleo na sessão de 11 de Junho a empurrar a Sonae Indústria para uma queda de 4,06%, de 3,45€ para 3,31€.

BES vai abrir balcão na Argélia

O caso do Banco Espírito Santo no início de Dezembro de 2008 foi deixado para o final devido à sua carga

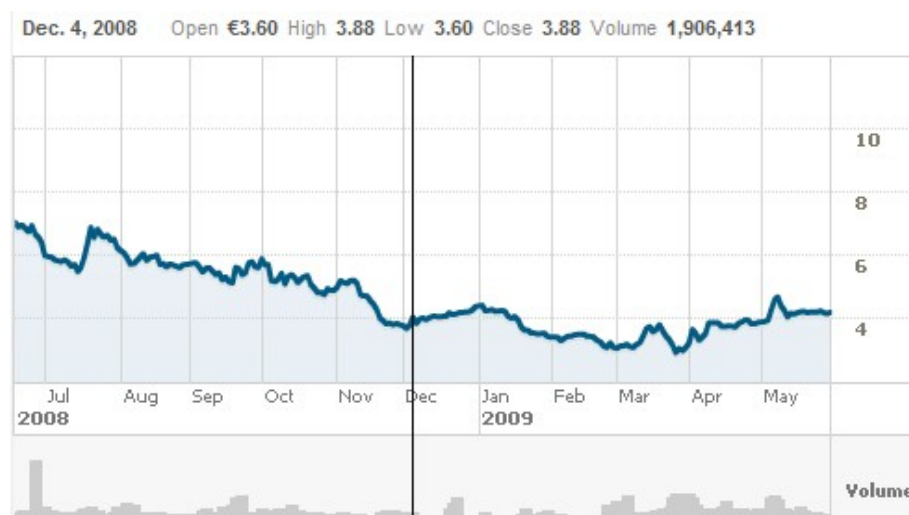


Figura 28: o BES entre 18/6/2008 e 1/6/2009

simbólica. A notícia/evento em causa foi publicada no dia 4 e resulta de declarações exclusivas de um administrador do banco à Reuters⁹¹. Segundo António Souto, o BES prevê abrir um banco na Argélia até finais de 2009, após convite das autoridades argelinas. Para além disso, o banco pondera abrir um banco na Líbia.

No mesmo dia, e à falta de indicadores sectoriais relevantes no mercado financeiro, uma outra notícia⁹² pode ter influenciado a evolução do título: o BES comprometeu-se a pagar 14,2 milhões de euros anuais ao Estado como garantia à emissão de um empréstimo obrigacionista até 1,5 mil milhões de euros. O juro, que impõe esse pagamento de 14,2 milhões, é de 0,948%.

A opção por deixar para o final este caso do BES tem várias causas. Uma delas pode ser apreendida através da Figura 28. O BES, como se vê, é um exemplo claro do impacto da crise financeira no mercado português. Depois de fortes quedas no ano negro de 2008, o início de 2009 foi tendencialmente positivo (ainda que, no caso do BES, Janeiro tenha ainda sido mês de perdas) e esse movimento de subida é

91 Anexo 15A.

92 "BES vai pagar ao Estado mais de 14 milhões por garantia a empréstimo obrigacionista", in <http://www.jornaldenegocios.pt/index.php?template=SHOWNEWS&id=343950> (acedido em 30/7/2009)

continuado. No caso do dia 4 de Dezembro, aqui em apreço, está incluído num movimento de recuperação após uma forte queda em meados de Novembro.

A subida por sessão não é muito vincada, como demonstra a Figura 29. Mas esses ganhos são sustentados, de inícios a finais de Dezembro, altura em que nova queda teve início (esta mais forte do que a



Figura 29: o BES entre Novembro de 2008 e Janeiro de 2009

subida anterior). Uma análise dos números de fecho de Dezembro⁹³ dá conta de duas tendências distintas: o título vinha em queda desde o dia 10 de Novembro, sessão em que fechou nos 5,05€, e entrou em Dezembro cotado nos 3,62€, tendo caído para 3,53€ no dia 2. O dia 3 (primeiro dia do período do evento) foi de

recuperação para 3,65€, mas a subida para 3,88€ no dia do evento parece, se analisada isoladamente, indiciadora de que a notícia da Reuters teve peso nas decisões dos investidores, já que no terceiro dia do período do evento o título caiu para 3,69€. A verdade é que na sessão seguinte, a do dia 8, o título fechou nos 3,83€ e desde então subiu quase continuamente até terminar Dezembro nos 4,22€.

Desde logo é significativo o facto de que o dia do evento, 4 de Dezembro, foi o primeiro de uma tendência nova, em que o BES se firmou acima dos 3,8€. No entanto, dois motivos impõem que estes dados sejam abordados de forma cautelosa: por um lado, a notícia por si só é pouco significativa, visto que se trata apenas do anúncio da abertura de uma sucursal da empresa, ainda que num mercado novo; por outro lado, o valor de fecho do dia 4 seria repetido e suplantado inúmeras vezes nas sessões seguintes até ao final do mês.

93 Anexo 15B.

As conclusões reforçam-se

Vimos que, excepto num caso apenas, não houve de uma forma geral influência das principais notícias exclusivas da Reuters em 2008 nas decisões de compra ou venda de investidores na Bolsa. Este último capítulo antes da conclusão do estudo pretende constituir uma outra face da abordagem desta matéria: não trataremos aqui dados de fecho das várias sessões de mercado que rodearam a do dia do evento, mas teremos – isso sim – em conta todas as transacções verificadas no dia do evento (ao minuto, ao segundo por vezes; tendo em conta o volume transaccionado a cada instante e as variações do preço das acções resultantes dessas transacções). Os dados que servirão para esta abordagem foram gentilmente cedidos pela NYSE Euronext. Foram escolhidas apenas duas notícias: a referente à Sonae Indústria que, como vimos, influenciou a cotação do título; e uma outra, “PT desinveste na Vivo”, escolhida de entre as restantes 14 por ser aquela que, das que não tiveram impacto no mercado, permite uma análise mais meticulosa por ter mais blocos transaccionais registados.

Sonae Indústria pode aliar-se a outras empresas no estrangeiro



Começamos precisamente pela notícia que terá, segundo concluímos no capítulo anterior, estado na base de uma subida superior ao expectável da Sonae Indústria no dia 12 de Fevereiro de 2008. A variação dos valores de fecho é, aliás, bastante semelhante à do último evento analisado - “BES vai abrir balcão na Argélia” -, mas as diferentes conclusões (no primeiro caso concluiu-se pela existência de influência; no segundo não) devem-se ao peso relativo de ambas as notícias na perspectiva do investidor. A notícia sobre o BES foi claramente menos relevante.

Mas terá mesmo havido impacto da notícia sobre a Sonae Indústria? A Figura 30,

Figura 30

elaborada com recurso ao Microsoft Excel, dá conta de como evoluiu a Sonae Indústria ao longo de duas horas no dia 12 de Fevereiro. Concretamente entre as 11h50 e as 13h50, uma hora antes e uma hora depois do evento (a notícia foi publicada no terminal Reuters às 12h50). Uma análise dos números⁹⁴ ao longo desse período permite verificar que a Sonae Indústria, sempre cotada entre 4,54€ e 4,57€ antes das 12h50, saltou imediatamente para 4,58€ após a publicação da notícia (precisamente às 12h51). Mas as aparências iludem: o bloco transaccionado foi de apenas quatro acções; e o bloco seguinte seria de apenas uma acção, transaccionada (o quadro não discrimina se se tratou de vendas ou de compras, apenas de transacções) às 12h55.

Seguiram-se, no entanto, quatro blocos de volumes elevados entre as 12h59 e as 13h01 (858, 2137, 1666 e 2197 acções). Nada de muito significativo, diga-se, à luz de outros dados: antes do evento haviam sido transaccionados blocos de acções elevados como 4764 ou 3070. Não tendo, portanto, havido discrepâncias no que respeita à quantidade de acções movimentadas, apenas um outro indicador pode ajudar a clarificar o peso do evento: o preço das acções. Como sabemos, quantas mais acções compradas mais sobe o preço; quantas menos acções mais ele cai. Ora, sendo certo que a notícia inaugurou um período em que o título subiu para um preço novo (4,58€, como vimos), ela foi também precursora de uma valorização que chegou aos 4,6€ até às 13h40, iniciando-se aí uma tendência de desvalorização que culminou nos 4,56€ às 13h50. Porém, o título fecharia, como vimos anteriormente, nos 4,74€, bem acima dos 4,55€ da sessão anterior. Isso significa que a desvalorização até aos 4,6€ foi temporária, resultante da intenção por investidores de vender massivamente para lucrar com a valorização.

Não pode ser afirmada categoricamente a ligação directa entre ambos os fenómenos (o evento e a variação da cotação do título), mas a inexistência de outras notícias ou de variações em Bolsa de títulos congêneres indicia uma elevada probabilidade de que a notícia tenha de facto estado por detrás da subida da Sonae Indústria ao longo do dia 12 de Fevereiro, sobretudo porque foi imediatamente após a publicação da notícia que essa valorização se iniciou.

PT não desinveste na Vivo

Esta notícia, baseada em declarações de Henrique Granadeiro dizendo que a Portugal Telecom não pretendia desinvestir na sua congénere brasileira Vivo, de que é accionista, foi considerada irrelevante para os investidores, dado que os dados de fecho da Bolsa nos dias em torno do evento são ciclicamente subidas e descidas. Em cinco sessões, entre as quais as três que constituem o período do evento, a PT fechou nos

94 Anexo 10B.

8,38€, nos 8,12€, nos 8,3€, nos 8,45€ e nos 8,34€. O título esteve instável ao longo desse tempo, mas no final não oscilou significativamente.

A Figura 31 revela as oscilações da PT ao longo de uma hora, entre as 10h50 e as 11h50⁹⁵ (aqui não foi considerada uma hora, porque os blocos transaccionados são em muito maior número do que os da Sonae Indústria). Os primeiros dados obtidos revelam que a PT esteve cotada durante mais de 10 minutos nos 8,35€, daí caindo para 8,34€ e chegando aos 8,33€ em poucos minutos. Seguiu-se nova recuperação para 8,34€, após a qual o título afundou até aos 8,3€. Seguir-se-ia uma recuperação, por volta das 11h15, em que o título chegou aos 8,35€ iniciais com a transacção de um bloco de 5000 acções, mas logo derrapou para os 8,34€, os 8,33€ e, finalmente, os 8,32€. Foi com este valor que, às 11h22, a PT registou o primeiro bloco transaccionado após a notícia da Reuters. Neste caso, ao contrário do da Sonae Indústria, o volume transaccionado e o preço apontam no mesmo sentido: não houve efeito da notícia no mercado.

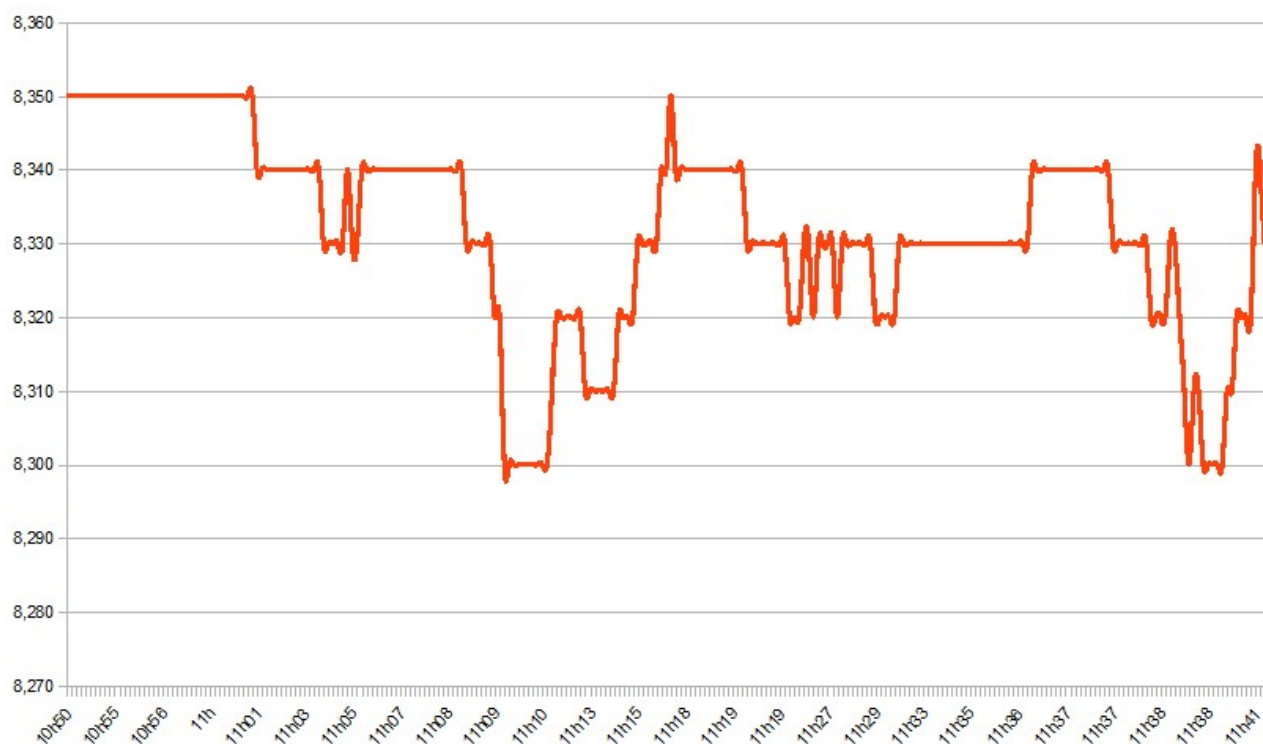


Figura 31

Desde logo, entre as 11h20 e as 11h36 o título oscilou sempre entre os 8,32€ e os 8,33€. Seguiu-se um breve período nos 8,34€, mas logo voltou aos 8,33€ e chegou aos 8,3€. A partir das 11h44, a PT seguiu sempre abaixo dos 8,3€. Do lado do volume, nada significativo: só às 11h35 é que seriam negociados blocos de volume elevado (4119, 4732 e 4121), e os três mais altos do período em estudo seriam um de 21894 às 11h46, um de 15000 às 11h48 e um de 11170 às 11h38. Nenhum, portanto, perto da hora do evento.

95 Anexo 8B.

Esta análise minuciosa, ao corroborar as conclusões da abordagem levada a cabo no capítulo anterior, reforça a credibilidade da investigação e sublinha que, exceptuando o caso da notícia de 12 de Fevereiro sobre a Sonae Indústria, a actividade jornalística da Thomson Reuters reflectida em 15 das suas principais notícias de 2008 não foi suficiente para influenciar as decisões de investidores do PSI20. Esta conclusão, como é óbvio, terá de ser interpretada à luz dos restantes elementos integrados neste relatório, tarefa que relego para as “conclusões”, que se seguem.

Conclusões

Este estudo, que partiu da experiência do meu estágio na Reuters-Lisbon, baseou-se na presunção (que seria estudada e tornada certeza) de que a actividade jornalística da agência noticiosa Thomson Reuters é importante para as decisões de compra e venda de acções por parte de investidores da Bolsa – a uma escala mundial e de forma não menos significativa em Portugal. Tendo a Reuters, como vimos, uma ligação umbilical aos mercados financeiros – daí extraíndo o grosso das suas receitas e para aí concentrando boa parte da sua actividade –, era à partida concebível que as notícias por ela veiculadas teriam um impacto junto dos accionistas.

Mas isso colocava, desde logo, duas questões essenciais: que accionistas seriam esses e se seria assim tão relevante o papel do jornalismo para as opiniões dos investidores. Noutros termos, se o volume de acções negociadas pelo conjunto dos investidores que recorrem à Reuters fosse negligenciável, então a validade da abordagem do impacto de notícias seria, desde logo, enfraquecida. Este estudo permitiu, antes da passagem a essa análise das notícias, concluir que não só a Reuters (e a Bloomberg, sua concorrente directa) é preponderante para a tomada de decisões de investidores – uma vez que, para além do que é noticiado, apenas se podem basear em especulações ou informações confidenciais, “de dentro”, e ambos os casos são claramente minoritários –, como também o volume de acções cuja transacção pode afectar é muito elevado. Recordando o que foi escrito anteriormente, ainda que o número de accionistas que utilizam terminais da Reuters seja ínfimo, eles constituem a elite dos investidores da Bolsa.

Convém esmiuçar mais esse aspecto: a actividade jornalística da Thomson Reuters é significativa para os órgãos de comunicação social que subscrevem os seus serviços e para o referido grupo de investidores de Bolsa. Eles são, desde logo, aqueles que mais se informam – junto da imprensa – porque procuram estar a par dos acontecimentos que potencialmente influenciem as cotações dos vários títulos. Nesse sentido, eles são também aqueles que mais acções transaccionam e que o fazem com maior frequência, porque procuram sobretudo ganhos de curto prazo. Contrastam com um outro grupo, bem mais numeroso, de indivíduos que se informam menos frequentemente, uma vez que estão mais interessados no comportamento de longo prazo dos títulos de que são accionistas. Esses investidores são, também, tendencialmente menos instruídos.

Estabelecido que foi o papel central da Reuters para a formação das opiniões de um conjunto importante de accionistas do PSI20, surgiu no entanto uma limitação importante, imposta por dois factos em certo modo contrastantes: por um lado, a forte experiência de um estágio centrado na Bolsa, aliada à constatação do peso da Thomson Reuters junto do sector jornalístico, “impôs-me” o estudo da relação entre a

agência noticiosa e o PSI20; por outro lado, o facto de que o *estudo de evento*, o modelo adequado para uma investigação deste tipo, é adequado sobretudo para notícias (anúncios de resultados operacionais, por exemplo) que podem ser veiculadas por qualquer órgão informativo (agência, jornal, rádio ou estação televisiva) tornou-se um factor contrário à centralidade da Thomson Reuters no relatório. Tornou-se assim essencial tomar uma decisão: estudar eventuais impactos do tipo de notícia mais adequado ao *estudo de evento*, e assim centrar o estudo nos mercados financeiros e diversificar as fontes noticiosas (o que implicaria a erradicação do objecto de análise Thomson Reuters); ou analisar, inevitavelmente recorrendo a estudos de evento, a possibilidade de peças da Reuters terem tido efeitos no mercado, mesmo tendo consciência de que essas notícias seriam menos preponderantes do ponto de vista do investidor.

A opção tomada foi, como vimos, a segunda. As 15 notícias, todas de 2008 e exclusivas da Reuters, foram escolhidas sob um critério qualitativo tema/fonte, ou seja, que teve em conta não só a importância do tema para a empresa em causa como os entrevistados dessas notícias – todos eles administradores de topo das referidas empresas. Só num dos 15 casos foi descoberta uma correlação clara entre a notícia e o comportamento do título em sessão de Bolsa – uma análise que teve em conta os valores de fecho ao longo de um total de 243 dias e, na secção seguinte, de todos os blocos de acções transaccionados no próprio dia em que a notícia foi publicada. Os restantes 14 artigos, como vimos, foram irrelevantes ou, pelo menos, não evidentemente relevantes, para o comportamento accionista. Isso deve-se não só ao já referido, ou seja, à qualidade temática enfraquecida, mas também a outros factores que, na abordagem caso a caso, foram apontados: ou influência de empresas congéneres no título, ou a pouca novidade dos temas, ou a “força da maré” da crise financeira, ou ainda a existência de outras notícias que, tendo sido publicadas em período relevante, poderão ter sido mais importantes para os investidores.

A fraca influência momentânea (distinta da influência factual de longo prazo, que a Thomson Reuters realmente exerce enquanto veículo informativo que ajuda na formação de opiniões) da Reuters, espelhada nas 15 notícias escolhidas, é também consequência da relativa previsibilidade do comportamento dos títulos. Normalmente, grandes variações positivas ou negativas na cotação de títulos da Bolsa não se dão em períodos curtos, mas sim ao longo de semanas ou meses. Esse facto é, até, visível nos gráficos disponibilizados no capítulo de estudos de casos, que reproduzem o impacto causado pela crise financeira sobre as empresas cotadas. Portanto, se nem o tipo de notícia considerado “forte” pelo modelo de *estudo de evento* exerce uma influência muito acentuada sobre os títulos, claramente os artigos da Reuters são mais limitados ainda nesse aspecto.

Um outro factor que ajuda a explicar o porquê de 14 das 15 notícias não terem tido impacto junto dos investidores é a simplificação do modelo de *estudo de evento*. Como referi no início deste relatório, os

conhecimentos limitados de finanças impediram-me de entender – e, logo, saber aplicar – na totalidade o modelo em causa, feito por economistas para especialistas da mesma área. Isso teve, claramente, como consequência um esvaziamento do rigor metodológico, que se repercutiria nas conclusões dessas análises. Daí, volto a salientar, o facto de este ser um contributo modesto para uma investigação mais aprofundada e sistemática da relação entre o jornalismo financeiro e o comportamento dos mercados. Uma investigação que poderá, até, ser multidisciplinar, isto é, elaborada por elementos de ambas as áreas das ciências sociais aqui cruzadas: o jornalismo e a economia.

Porém, precisamente porque a mera aplicação simplificada do modelo, por si só, enfraqueceria a investigação, foram acrescentados outros indicadores – de carácter qualitativo – que foram importantes sobretudo como enquadramento das notícias. Assim, a inclusão de um segundo tipo de análise (dos blocos de acções transaccionadas) acabou por sustentar e reforçar as conclusões obtidas através de estudos de evento, o que acrescentou fiabilidade a esses mesmos estudos; a referência a outras notícias, veiculadas por outros órgãos noticiosos, ajudou a justificar o comportamento dos títulos (em alguns casos enfraquecendo e noutros fortalecendo o papel da Reuters nesse comportamento); a abordagem histórica da Thomson Reuters e a enumeração dos seus Trust Principles – liberdade, integridade, independência, imparcialidade, objectividade – sustentaram a ideia generalizada de credibilidade e notoriedade granjeadas pela empresa; e esses mesmos aspectos, transpostos para a área financeira, permitiram erradicar da análise quantitativa a hipótese de que os jornalistas que produziram as 15 notícias tenham praticado qualquer dos tipos de fraude jornalística enunciados – entre eles *ramping*.

A inclusão de todos estes componentes contextualizadores permite-me, por fim, concluir pela validade e fiabilidade deste estudo, em que foi constatado o fraco impacto imediato junto de investidores das referidas notícias veiculadas pela Thomson Reuters. A agência é, como vimos, essencialmente preponderante como veículo de informação que molda expectativas e comportamentos de longo prazo.

Bibliografia

- AGUIRRE-BIANCHI, C. (1984), *Book reviews: The International News Agencies*, Media Culture Society 1984, n° 6, pp. 75-78. Recensão crítica de BOYD-BARRETT, Oliver (1980) *International News Agencies*, London, Beverly Hills: Constable, SAGE [<http://mcs.sagepub.com/cgi/reprint/6/1/75>, acedido em 6/12/2008]
- ALEXANDER, A, OWERS, J. & CARVETH, R., HOLLIFIELD, A., & GRECO, A. (2004) *Media Economics: Theory and Practice*, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates
- ANTÃO, P.; ANTUNES, A. R. & MARTINS, N. C. (2004) *Análise de liquidez e execução de ordens no mercado de ações em Portugal*, Boletim informativo do Banco de Portugal, Setembro de 2004 [http://www.bportugal.pt/publish/bolecon/docs/2004_3_2_p.pdf, acedido em 5/1/2009]
- ARTHUR, W. B. (1995) *Complexity in Economic and Financial Markets*, Complexity, vol. 1 n° 1 (Abril 1995) [http://www.santafe.edu/~wbarthur/Papers/Pdf_files/Complexity_Jnl.pdf, acedido em 4/1/2009]
- BARTRAM, J. (2003) *News Agency Wars: the battle between Reuters and Bloomberg*, in Journalism Studies, 4: 3, pp. 387-399 [http://pdfserve.informaworld.com/502534_778384746_713773458.pdf, acedido em 20/12/2008]
- BASS, A. Z. (1969) *Book reviews: Studying the world's news agencies*, International Communication Gazette, 15, 2: 173-175
- BBC NEWS, *Reuters agrees to Thomson buyout (15 Maio 2007)* [<http://news.bbc.co.uk/1/hi/business/6656525.stm>, acedido em 27/12/2009]
- BERKOWITZ, D. A. (1997) *Social Meanings of News: A Text-reader*, SAGE Publications
- BLOOMBERG, M. (2001) *Bloomberg on Bloomberg (with invaluable help from Matthew Winkler)*, New York: John Wiley & Sons
- BOONE, L.; GIORNO, C. & RICHARDSON, P. (1998), *Stock market fluctuations and consumption behavior: Some recent evidence*, Working Paper 208 (December), OECD [<http://masetto.sourceoecd.org/vl=373914/cl=24/nw=1/rpsv/cgi-bin/wppdf?file=5lgsjhvj84xp.pdf>, acedido em 4/1/2009]
- BOYD-BARRETT, O. (2000) *National and international news agencies: issues of crisis and realignment*, Gazette n° 62(1), pp. 5-18 [<http://gaz.sagepub.com/cgi/reprint62/1/5>, acedido em 6/12/2008]

BOYD-BARRETT, O. (1980) *The international news agencies*, London: Constable

BOYD-BARRETT, O. (1974) 'The world-wide news agencies: strengths and limitations', in Proceedings of IAMCR Conference, pp. 11-16

BOYD-BARRETT, O. & RANTANEN, T. (2002) 'News agencies. Global and national news agencies: Opportunities and threats in the age of the Internet', in BRIGGS A. & COBLEY, P. (Eds.) *The Media: An Introduction*, 2nd. Ed. London: Longman
[<http://www.csupomona.edu/~oboydbarrett/site/RecentPublishedArticles/Global%20and%20National%20News%20Agencies.doc>, acedido em 27/11/2008]

BRANCO, R. C., *PSI20*, blogue Economia & Finanças [<http://www.economiafinancas.com/2008/02/o-que-e-o-psi-20>, acedido em 6/1/2009]

BUFFETT, M. & CLARK, D. (2008) *Como enriquecer na Bolsa com Warren Buffett*, Lisboa: Actual Editora

CLAUSEN, L. (2003) *Global News Production*, Copenhagen Business School Press DK
[<http://books.google.com/books?id=0lrVrAngMKkC&hl=pt-PT>, acedido em 27/4/2009]

CMVM (2008), *Relatório anual 2007 sobre a actividade da CMVM e sobre os mercados de valores mobiliários* [<http://www.cmvm.pt/NR/rdonlyres/761BCF3E-1C41-49FC-9D69-55D421E93983/9889/RelatorioAnual2008.pdf>, acedido em 7/1/2009]

CROTEAU, D. & HOYNES, W. (2005) *The Business Media: Corporate Media and the Public Interest*, Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press [<http://books.google.com/books?id=s1GYiTi2vgAC&hl=pt-PT>, acedido em 5/5/2009]

CUTHBERT, M. (1980) *Reaction To International News Agencies: 1930s and 1970s Compared*, International Communication Gazette, 1980, nº 26, pp. 99-110 [<http://gaz.sagepub.com/cgi/reprint/26/2/99>, acedido em 5/1/2009]

DAVIS, A. (2005) *Media Effects and the Active Elite Audience. A Study of Communication and the London Stock Exchange*, European Journal of Communication, London

DAVIS, A. (2006) *Media effects and the question of the rational audience: lessons from the financial markets*, Media Culture Society, 28: 603-625 [<http://mcs.sagepub.com/cgi/reprint/28/4/603>, acedido em 4/3/2009]

DEARING, J. W. & ROGERS, E. M. (1996) *Agenda-setting (Communication concepts)*, Sage Publications

DOYLE, G. (2006) *Financial news journalism: A post-Enron analysis of approaches towards economic and financial news production in the UK*, Journalism, 7(4): 433-452

EDGECLIFFE-JOHNSON, A. (2008) *Thomson cleared for Reuters merger*, Financial Times (19/2/2008) [www.ft.com/cms/s/33d14772-df29-11dc-91d4-0000779fd2ac.html, acedido em 10/1/2009]

FAMA, Eugene F. (1965) *The behavior of stock-market prices*, The Journal of Business, 38, 1: 34-105 [http://links.jstor.org/sici?sici=0021-9398%28196501%2938%3A1%3C34%3ATBOSP%3E2.0.CO%3B2-6, acedido em 3/3/2009]

FENBY, J. (1993) 'From news to pork belly futures...', recensão crítica de READ, Donald The Power of News: The History of Reuters, Oxford: Oxford University Press [http://bjr.sagepub.com/cgi/reprint/4/1/51, acedido em 6/12/2008]

FENBY, J. (1986) *The international news services*, Twentieth Century Fund Report, New York: Schocken Books

GALBRAITH, J. K. (1990) *A Short History of Financial Euphoria*, New York, N.Y.: Whittle Direct Books

HERMAN, E. and McCHESNEY, R. W. (1997) *The Global Media*, London: Cassell

JANSEN, W. J. & NAHUIS, N. J. (2002) *The stock market and consumer confidence: European evidence* [http://www.dnb.nl/binaries/ms2002-11_tcm46-147323.pdf, acedido em 12/1/2009]

KAMINSKY, G. & SCHMUKLER, S. L. (1999) *What triggers market jitters? A chronicle of the Asian crisis*, Journal of International Money and Finance, 18: 537-560 [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=159988, acedido em 19/4/2009]

MacKINLAY, A. C. (1997) *Event studies in economics and finance*, Journal of Economic Literature, 35, 1: 13-39 [http://links.jstor.org/sici?sici=0022-0515%28199703%2935%3A1%3C13%3AESIEAF%3E2.0.CO%3B2-W, acedido em 17/5/2009]

MARKWAT, T., KOLE, E. & VAN DIJK, D. (2008) *Contagion as domino effect in global stock markets*, Econometric Institute – Erasmus University of Rotterdam [http://siteresources.worldbank.org/INTFR/Resources/MarkwatContagionasDominoEffect.pdf, acedido em 17/5/2009]

McCOMBS, M. (2005) *A look at agenda-setting: past, present and future*, Journalism Studies, 6, 4: 543-557 [http://www.informaworld.com/smpp/ftinterface~content=a723804910~fulltext=713240930, acedido em 8/3/2009]

McQUAIL, D. (1994) *Mass communication theory – an introduction*, SAGE Publications

MOONEY, B. & SIMPSON, B. (2003) *Breaking News: How the Wheels Came Off at Reuters*, Chichester: Capstone

MUSA, M. (1990) *News agencies, transnacionalization and the new order*, Media Culture Society, 12: 325-342

NELSON, T. (1994) *Information in organisations: new research from Reuters Business Information*, Business Information Review, 11, 2: 48-52 [<http://bjr.sagepub.com/cgi/reprint/19/2/82>, acedido em 15/4/2009]

NORDBERG, D. (2007) *Review and Commentary: News and corporate governance: What Dow Jones and Reuters teach us about stewardship*, Journalism, n° 8, pp. 718-736 [<http://jou.sagepub.com/cgi/reprint/8/6/718>, acedido em 6/12/2008]

NYSE EURONEXT, *Rules for the PSI 20-Index (May 2008)* [<http://www.euronext.com/fic/000/033/642/336421.pdf>, acedido em 8/1/2009]

OBERLECHNER, T. & HOCKING, S. (2004) *Information sources, news, and rumors in financial markets: Insights into the foreign exchange market*, Journal of Economic Psychology, 25(3): 407-424 [http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6V8H-47RYW8D-5&_user=2459786&_rdoc=1&_fmt=&_orig=search&_sort=d&view=c&_acct=C000057396&_version=1&_urlVersion=0&_userid=2459786&md5=f05b164219149be9a4f68d4f40f00f55, acedido em 17/5/2009]

PALMER, M., BOYD-BARRETT, O. & RANTANEN, T. (1998) 'Global Financial News', in BOYD-BARRETT, O. & RANTANEN, T. *The globalization of news*, London: SAGE [<http://books.google.com/books?id=HJMvJpRXcowC&hl=pt-PT>, acedido em 7/5/2009]

PATERSON, C. (2006) *News agency dominance in international news on the internet*, Papers in International and Global Communication, n° 01/06, Centre for International Communications Research

READ, D. (1992) *The Power of News: The History of Reuters*, Oxford: Oxford University Press

REESE, S. D., GANDY JR., O. H. & GRANT, A. E. (2003) *Framing Public Life: Perspectives on Media and our Understanding of the Social World*, Lawrence Erlbaum

SANTOS, R. (2006) *Jornalistas e Fontes de Informação*, Coimbra: Minerva

SCHEUFELE, D. A. (2000) *Agenda-setting, priming and framing revisited: another look at cognitive effects of political communication*, Mass Communication & Society, 3: 297-316

[http://blog.roodo.com/research_information/cb7d84a5.pdf, acedido em 16/4/2009]

SHRIVASTAVA, K. M. (2007), *News Agencies: From Pigeon to Internet*, Sterling Publishers
[<http://books.google.com/books?id=MHujEBLJcvIC&hl=pt-PT>]

STOREY, G. (1951) *Reuter's century: 1851-1951*, London: Parrish

TAMBINI, D. (2008) *What is financial journalism for? Ethics and responsibility in a time of crisis and change*, Polis, LSE, University of the Arts, London College of Communication
[<http://www.polismedia.org/System/aspx/GetFile.aspx?id=42>, acedido em 9/1/2009]

TETLOCK, P. C. (2007) *Giving Content to Investor Sentiment: The Role of the Media in the Stock Market*, The Journal of Finance, vol. LXII, n°3, June 2007

TOUSSAINT-COMEAU, M. & McGRANAHAN, L. (2006) *Variations in consumer sentiment across demographic groups*, Federal Reserve Bank of Chicago [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=888536, acedido em 16/5/2009]

TSFATI, Y. (2003) *Does audience skepticism of the media matter in agenda setting?*, Journal of Broadcasting & Electronic Media, Junho 2003, 47, 2: 157-176 [<http://hebra.haifa.ac.il/~comm/he/files/yariv/jobem.pdf>, acedido em 8/4/2009]

TUNSTALL, J. (1999) 'World News Duopoly', in TUMBER, Howard (Ed.), *News: a reader*, Oxford: Oxford University Press

TUNSTALL, J. and PALMER, M. (1991) *Media Moguls*, London: Routledge [<http://books.google.com/books?id=Ed00AAAAQAAJ&hl=pt-PT>, acedido em 14/4/2009]

VELDKAMP, L. L. (2005) *Media frenzies in markets for financial information*

WIKIPEDIA (PT), *Acção* [[http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o_\(finan%C3%A7as\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o_(finan%C3%A7as)), acedido em 9/1/2009]

WIKIPEDIA (PT), *Bolsa de valores* [http://pt.wikipedia.org/wiki/Bolsa_de_valores, acedido em 9/1/2009]

WIKIPEDIA (PT), *Euronext Lisbon* [http://pt.wikipedia.org/wiki/Euronext_Lisboa, acedido em 6/1/2009]

WIKIPEDIA (PT), *Event study* [http://en.wikipedia.org/wiki/Event_study, acedido em 1/7/2009]

WIKIPEDIA (PT), *PSI20* [<http://pt.wikipedia.org/wiki/PSI-20>, acedido em 6/1/2009]

WIKIPEDIA (EN), *Reuters* [<http://en.wikipedia.org/wiki/Reuters>, acedido em 8/1/2009]

WIKIPEDIA (EN), *Thomson Reuters* [http://en.wikipedia.org/wiki/Thomson_Reuters, acedido em 8/1/2009]

Anexos

1A

11:01 07Mar08 -ENTREVISTA-EDP-Renováveis pesa 50% crescimento EBITDA EDP-CEO

LISBOA, 7 Mar (Reuters) - A EDP-Renováveis, quarta eólica mundial, vai ser o 'driver' do EBITDA da EDP-Energias de Portugal <EDP.LS> e representar 50 pct do seu crescimento até 2010, disse António Mexia, Chief Executive Officer (CEO) da EDP.

A EDP-Renováveis, que tem em curso um Initial Public Offer (IPO), aumentou 132 pct a capacidade eólica bruta instalada para 3.640 mega watts (MW) em 2007 e quer investir 6.200 ME – 60 pct do investimento da EDP – de 2007 até 2010 para chegar a 7.600 MW.

Mexia reafirmou que a EDP está a trabalhar para que o IPO possa ocorrer "antes do Verão caso os mercados estejam, nessa altura, em condições de atribuir o valor justo" à EDP-Renováveis. Mas, salientou que, "para além do IPO das renováveis", a empresa tem "em mão outras opções que, em alternativa ou em conjunto, sustentarão o crescimento previsto sem afectar o compromisso assumido pela EDP de manutenção do seu rating aos níveis actuais – single A area".

Afirmou que a parceria com a argelina Sonatrach "tem-se desenvolvido de forma muito positiva, com benefícios claros para ambas as empresas", adiantando: "esta parceria será um instrumento fundamental para consolidar a nossa área de Gás".

"Pretendemos aumentar o EBITDA (da EDP) a uma taxa média anual acima dos 13 pct e esperamos que 50 pct do EBITDA adicional neste período (até 2010) venha da EDP-Renováveis", disse António Mexia, em entrevista à Reuters.

Estas estimativas estão em consonância com o Plano de Negócios para 2010 da EDP e foram posteriormente ajustadas para reflectir o impacto da aquisição da americana Horizon em 2007. Em 2007, o EBITDA-Earnings before Interests, Taxes, Depreciation and Amortization do grupo EDP subiu 14 pct para 2.628 milhões de euros (ME), enquanto o da eólica na Europa e EUA aumentou 46 pct para 214 ME e o do gás subiu 30 pct para 188 ME.

(Por Sérgio Gonçalves; Editado por Patrícia Vicente Rua)

1B

EDP estuda alternativas para eventual desistência de colocar renováveis em bolsa

07.03.2008, Lurdes Ferreira

Eléctrica exige "regras iguais para todos" no concurso das eólicas e que a EDP Renováveis só vai para a bolsa se o mercado pagar "o valor justo pelos activos"

A EDP está a "preparar alternativas" à entrada em bolsa da EDP Renováveis, programada para o final do segundo trimestre, caso não se verifiquem as condições de mercado necessárias, admitiu ontem o presidente executivo da EDP, António Mexia. As alternativas podem passar pela venda de activos não estratégicos e por outras formas de financiamento.

O gestor considera que as condições de mercado existirão "quando o mercado der o valor justo pelos activos da EDP Renováveis". O grupo tem até Maio para decidir e comunicar à autoridade do mercado, a CMVM, se a entrada da EDP Renováveis em bolsa - a sua "prioridade" - se concretiza ou não dentro do prazo assumido ontem, ou seja, em Junho. A EDP pretende realizar a oferta pública inicial da EDP Renováveis através de um aumento de capital entre 20 e 25 por cento da subsidiária que é a quarta eólica mundial.

Questionado sobre a pretensão do consórcio Ventinveste à concessão de subsídios ao investimento para a realização do seu projecto eólico de 400 MW de potência, respondeu: "As regras do concurso eram claras e têm que ser iguais para todos. Consideramos que as respeitámos e não vemos razão para que se alterem. Queremos que as condições sejam iguais para todos". A Ventinveste, liderada pela Galp Energia, ganhou a fase B do concurso eólico depois de ter perdido a fase A a favor da Eólicas de Portugal, liderada pela EDP. As regras do concurso foram as mesmas para as duas fases. No entendimento de empresas e de sectores do Governo, as condições eram claras quanto à impossibilidade de acumular incentivos por via da tarifa (subsidiada) e do investimento. Essa não é a opinião da Ventinveste, como assumiu o presidente da Galp Energia, que se candidatou a apoios, nomeadamente para a ligação das linhas eléctricas dos parques eólicos à rede da REN.

Resultados

Metade dos resultados operacionais da EDP no exercício de 2007 veio, pela primeira vez, de fora do mercado português, uma tendência que deverá reforçar-se nos próximos anos, assim como a de produção de electricidade livre de emissões de dióxido de carbono: a meta, até 2013, é de 75 por cento da capacidade instalada, nomeadamente através da expansão das barragens e dos parques eólicos.

António Mexia revelou também que o consórcio que construirá a barragem do Baixo Sabor "será escolhido até ao Verão", mas garante que nesse agrupamento não entrarão empresas concorrentes. "Vamos fazê-lo sozinhos", respondeu o gestor, que desdramatizou, por outro lado, o atraso na introdução da telecontagem em Portugal face aos prazos definidos no Mibel. Considerou que o seu "benefício tem de ser maior do que o custo" e que do lado espanhol, as "palavras têm sido mais rápidas do que a obra", pelo que entende que esse atraso "não altera absolutamente nada" na construção do Mibel.

No ano passado, os resultados operacionais da actividade da EDP no mercado ibérico cresceram 14 por cento - tanto quanto o EBITDA global do grupo - e a sua capacidade instalada de renováveis mais do que duplicou. Com o mercado norte-americano a concentrar as maiores necessidades de financiamento futuro, as potencialidades do Brasil são também destacadas, onde registou os melhores resultados operacionais do ano passado (35 por cento de crescimento). O grupo optou também por inscrever nas contas do ano passado 193 milhões de euros de custos com reestruturação de pessoal, mesmo que as saídas só se verifiquem em 2008. "A EDP não pode ter planos de reforma todos os anos ", justificou.

O lucro da EDP caiu quatro por cento no ano passado, face a 2006, para 907 milhões de euros, um resultado que o grupo explica pelos desvios tarifários em Portugal e no Brasil, a provisão da distribuidora brasileira Enersul e pelos custos relativos à reestruturação dos recursos humanos.

O resultado operacional consolidado aumentou 14 por cento no período, para 2,6 mil milhões de euro, enquanto a sua dívida líquida cresceu 26 por cento.

1C

17-09-07	3,88	11-12-07	4,69	10-03-08	3,83	06-06-08	3,82
18-09-07	3,89	12-12-07	4,6	11-03-08	3,84	09-06-08	3,79
19-09-07	3,99	13-12-07	4,52	12-03-08	3,84	10-06-08	3,78
20-09-07	3,97	14-12-07	4,6	13-03-08	3,75	11-06-08	3,72
21-09-07	4,02	17-12-07	4,6	14-03-08	3,69	12-06-08	3,7
24-09-07	4,02	18-12-07	4,58	17-03-08	3,62	13-06-08	3,7
25-09-07	3,99	19-12-07	4,51	18-03-08	3,7	16-06-08	3,7
26-09-07	4,05	20-12-07	4,47	19-03-08	3,76	17-06-08	3,7
27-09-07	4,1	21-12-07	4,49	20-03-08	3,73	18-06-08	3,68
28-09-07	4,1	24-12-07	4,52	25-03-08	3,85	19-06-08	3,6
01-10-07	4,12	27-12-07	4,46	26-03-08	3,87	20-06-08	3,51
02-10-07	4,14	28-12-07	4,45	27-03-08	3,87	23-06-08	3,48
03-10-07	4,14	31-12-07	4,47	28-03-08	3,91	24-06-08	3,38
04-10-07	4,1	02-01-08	4,45	31-03-08	3,84	25-06-08	3,43
05-10-07	4,15	03-01-08	4,51	01-04-08	3,89	26-06-08	3,37
08-10-07	4,13	04-01-08	4,54	02-04-08	3,95	27-06-08	3,33
09-10-07	4,22	07-01-08	4,66	03-04-08	3,98	30-06-08	3,32
10-10-07	4,21	08-01-08	4,63	04-04-08	4,01	01-07-08	3,25
11-10-07	4,3	09-01-08	4,5	07-04-08	4,08	02-07-08	3,4
12-10-07	4,25	10-01-08	4,54	08-04-08	4,15	03-07-08	3,47
15-10-07	4,25	11-01-08	4,53	09-04-08	4,1	04-07-08	3,41
16-10-07	4,23	14-01-08	4,5	10-04-08	4,09	07-07-08	3,47
17-10-07	4,29	15-01-08	4,38	11-04-08	4,05	08-07-08	3,56
18-10-07	4,32	16-01-08	4,2	14-04-08	4,02	09-07-08	3,59
19-10-07	4,27	17-01-08	4,23	15-04-08	4,07	10-07-08	3,57
22-10-07	4,28	18-01-08	4,19	16-04-08	4,11	11-07-08	3,49
23-10-07	4,34	21-01-08	3,99	17-04-08	4,1	14-07-08	3,46
24-10-07	4,31	22-01-08	3,87	18-04-08	4,13	15-07-08	3,38
25-10-07	4,34	23-01-08	3,73	21-04-08	4,14	16-07-08	3,43
26-10-07	4,35	24-01-08	3,96	22-04-08	4,13	17-07-08	3,51
29-10-07	4,39	25-01-08	4,11	23-04-08	4,11	18-07-08	3,56
30-10-07	4,39	28-01-08	4,1	24-04-08	4,13	21-07-08	3,56
31-10-07	4,44	29-01-08	4,3	25-04-08	4,1	22-07-08	3,49
01-11-07	4,5	30-01-08	4,28	28-04-08	4,14	23-07-08	3,52
02-11-07	4,45	31-01-08	4,26	29-04-08	4,07	24-07-08	3,45
05-11-07	4,45	01-02-08	4,35	30-04-08	4,06	25-07-08	3,44
06-11-07	4,56	04-02-08	4,31	02-05-08	4,13	28-07-08	3,39
07-11-07	4,69	05-02-08	4,12	05-05-08	4,05	29-07-08	3,41
08-11-07	4,85	06-02-08	4,14	06-05-08	4,13	30-07-08	3,48
09-11-07	4,84	07-02-08	4,1	07-05-08	4,21	31-07-08	3,52
12-11-07	4,91	08-02-08	4,1	08-05-08	4,15	01-08-08	3,42
13-11-07	4,7	11-02-08	4,14	09-05-08	4,13	04-08-08	3,41
14-11-07	4,68	12-02-08	4,27	12-05-08	4,09	05-08-08	3,33
15-11-07	4,76	13-02-08	4,28	13-05-08	4,14	06-08-08	3,2
16-11-07	4,72	14-02-08	4,26	14-05-08	4,13	07-08-08	3,22
19-11-07	4,62	15-02-08	4,18	15-05-08	4,02	08-08-08	3,25
20-11-07	4,54	18-02-08	4,21	16-05-08	3,99	11-08-08	3,28
21-11-07	4,58	19-02-08	4,18	19-05-08	4,09	12-08-08	3,33
22-11-07	4,65	20-02-08	4,09	20-05-08	4,08	13-08-08	3,29
23-11-07	4,69	21-02-08	4,12	21-05-08	4,06	14-08-08	3,31
26-11-07	4,71	22-02-08	4,04	22-05-08	4,1	15-08-08	3,36
27-11-07	4,61	25-02-08	4,07	23-05-08	4,05	18-08-08	3,33
28-11-07	4,7	26-02-08	4,07	26-05-08	4,01	19-08-08	3,28
29-11-07	4,6	27-02-08	4,08	27-05-08	4,04	20-08-08	3,29
30-11-07	4,61	28-02-08	3,99	28-05-08	4,03	21-08-08	3,31
03-12-07	4,71	29-02-08	3,88	29-05-08	4,06	22-08-08	3,34
04-12-07	4,68	03-03-08	3,8	30-05-08	4,05	25-08-08	3,33
05-12-07	4,62	04-03-08	3,79	02-06-08	3,98	26-08-08	3,35
06-12-07	4,63	05-03-08	3,88	03-06-08	4,03	27-08-08	3,37
07-12-07	4,59	06-03-08	3,87	04-06-08	3,9	28-08-08	3,42
10-12-07	4,57	07-03-08	3,9	05-06-08	3,89		

2A

15:30 31Oct08 -ENTREVISTA-Galp diz que projetos no Brasil continuam rentáveis

Por Sérgio Gonçalves e Andrey Khalip

LISBOA, 31 de outubro (Reuters) - A exploração do pré-sal brasileiro é rentável mesmo com os atuais preços do petróleo, e os projetos da Galp Energia <GALP.LS> no país vão manter o mesmo ritmo anterior à crise financeira, disse Manuel Ferreira de Oliveira, presidente-executivo da Galp.

"Não tenha dúvidas de que são (rentáveis), porque senão não os estaríamos fazendo", disse Ferreira de Oliveira ao ser questionado sobre a rentabilidade do pré-sal diante dos atuais preços do petróleo.

O preço do Brent <LCOc1> está cotado em torno de 62 dólares o barril e o da Nymex <CLc1> em torno de 64 dólares, longe das máximas históricas, acima de 140 dólares, refletindo o impacto da crise financeira internacional, que gerou expectativas sobre uma desaceleração do crescimento mundial.

"Os projetos que temos no Brasil continuam com a mesma intensidade com que estavam antes desta crise financeira", disse Oliveira em entrevista à Reuters, durante o Lisbon Forum Energy.

Ele disse não saber se o petróleo vai se estabilizar em torno dos 60 dólares. "Mas vai ser sempre muito volátil e nós sempre dissemos que os grandes projetos de investimento devem estar num intervalo de preços entre 35 e 55 dólares para termos uma atitude defensiva". "Nós estamos nas 'águas profundas' do Brasil e não precisamos de 60 dólares o barril para justificar os nossos projetos", completou.

No pré-sal da bacia de Santos, a Galp tem 10 por cento da mega-descoberta do Tupi e do poço lara, 20 por cento do Caramba e do Júpiter, e 14 por cento do Bem-te-Vi. A Petrobrás <PETR4.SA> estima que o Tupi tenha reservas recuperáveis de 8 bilhões de barris e que o lara tenha entre 3 bilhões e 4 bilhões de barris.

O Tupi deverá ter seu projeto piloto em operação em 2011. "Há um ano, o preço do petróleo era igual ao de hoje e, há um ano, a Bacia de Santos era um sucesso. O que quero dizer é que o programa de exploração estava em curso, continuou e continua", disse ele.

"Não tenho nenhuma preocupação sobre os nossos projetos no pré-sal por duas razões: primeiro, conheço a estrutura de custos do primeiro módulo do Tupi e, segundo, porque nós não pensamos numa óptica de curto prazo", explicou.

O presidente executivo da Galp afirmou ainda que "a rentabilidade de um projeto com duração de 30 anos, não é independente" da evolução do preço do petróleo, "mas o caminho a seguir não é afetado pelas cotações do dia anterior, e sim por fundamentos do setor".

"Nós entendemos que as justificativas fundamentais do preço de energia não são alterados por uma crise financeira, que é enorme, mas que não deixa de ser, neste horizonte (de longo prazo), um pequeno ciclo", salientou.

Ele adiantou que grande parte do mundo, que não é consumidora de energia, vai precisar de mais energia para melhorar a sua qualidade de vida "e esse crescimento vai ser suprido com reservas adicionais, com produção que vem de zonas geológicas de geografias novas e é aí que se define o preço".

"Nessa óptica, o pré-sal brasileiro é altamente competitivo. Estamos tranquilos em relação a esse recurso", acrescentou.

NEGOCIAÇÕES, PLANO DE INVESTIMENTO

A Galp está em negociações com a Petrobras <PETR4.SA> para, em áreas de concessões em que está com a operadora brasileira, passar a vir a ser operadora em águas rasas de até 400 metros de profundidade, aumentando a sua experiência.

"Tem de haver negociação com a Petrobrás para sermos operadores em algumas áreas mas, para nós, é um valor estratégico passarmos de operadores de 'onshore' para operadores de 'offshore'", afirmou.

Ferreira de Oliveira declarou que a Galp mantém o seu plano de negócios, que prevê um investimento global de 5,3 bilhões de euros entre 2008 e 2012, sendo cerca de 1,5 bilhão destinado à exploração e à produção de petróleo em Angola e no Brasil.

"Neste momento, não temos nenhuma razão para alterar o plano de negócios que temos em curso", disse ele.

(Por Sérgio Gonçalves e Andrey Khalip)

2B

15-05-08	16,62	07-08-08	12,9	30-10-08	6,87	27-01-09	7,99
16-05-08	16,71	08-08-08	12,93	31-10-08	7,19	28-01-09	8,15
19-05-08	16,68	11-08-08	12,87	03-11-08	7,53	29-01-09	8,15
20-05-08	16,61	12-08-08	12,68	04-11-08	8,5	30-01-09	8,34
21-05-08	17,44	13-08-08	12,79	05-11-08	8,12	02-02-09	8,16
22-05-08	17,34	14-08-08	13,27	06-11-08	7,68	03-02-09	8,25
23-05-08	17,21	15-08-08	13,18	07-11-08	7,84	04-02-09	8,3
26-05-08	16,76	18-08-08	12,9	10-11-08	8,04	05-02-09	8,58
27-05-08	16,2	19-08-08	12,55	11-11-08	8,08	06-02-09	8,88
28-05-08	16,08	20-08-08	13,2	12-11-08	8,08	09-02-09	9,09
29-05-08	16,47	21-08-08	13,6	13-11-08	8,5	10-02-09	8,9
30-05-08	16,21	22-08-08	13,71	14-11-08	8,5	11-02-09	9,17
02-06-08	16,25	25-08-08	13,69	17-11-08	8,66	12-02-09	9,1
03-06-08	16,43	26-08-08	13,54	18-11-08	8,75	13-02-09	9,15
04-06-08	16,12	27-08-08	13,56	19-11-08	7,97	16-02-09	8,94
05-06-08	15,85	28-08-08	13,7	20-11-08	7,42	17-02-09	8,45
06-06-08	16,1	29-08-08	13,73	21-11-08	7,14	18-02-09	8,31
09-06-08	16,3	01-09-08	13,48	24-11-08	8,16	19-02-09	8,47
10-06-08	16,19	02-09-08	12,89	25-11-08	8,59	20-02-09	8,2
11-06-08	16,06	03-09-08	12,64	26-11-08	8,4	23-02-09	8,2
12-06-08	16,2	04-09-08	12,34	27-11-08	8,5	24-02-09	8,13
13-06-08	16,01	05-09-08	11,72	28-11-08	8,59	25-02-09	8,31
16-06-08	16,2	08-09-08	12,45	01-12-08	8,1	26-02-09	8,65
17-06-08	16,05	09-09-08	11,8	02-12-08	7,95	27-02-09	8,75
18-06-08	15,66	10-09-08	11,36	03-12-08	7,95	02-03-09	8,64
19-06-08	15,07	11-09-08	12,1	04-12-08	8	03-03-09	8,46
20-06-08	14,83	12-09-08	12,5	05-12-08	7,44	04-03-09	8,4
23-06-08	14,66	15-09-08	11,89	08-12-08	7,95	05-03-09	8,4
24-06-08	14,13	16-09-08	11,24	09-12-08	7,88	06-03-09	8,5
25-06-08	14,47	17-09-08	11,07	10-12-08	7,73	09-03-09	8,78
26-06-08	14,25	18-09-08	11,09	11-12-08	7,8	10-03-09	8,79
27-06-08	14,04	19-09-08	11,91	12-12-08	7,52	11-03-09	8,66
30-06-08	14,16	22-09-08	12,61	15-12-08	7,36	12-03-09	8,56
01-07-08	14,15	23-09-08	12,68	16-12-08	7,64	13-03-09	8,72
02-07-08	14,96	24-09-08	12,8	17-12-08	7,72	16-03-09	8,73
03-07-08	14,7	25-09-08	12,72	18-12-08	7,4	17-03-09	8,71
04-07-08	14,61	26-09-08	12,03	19-12-08	7,1	18-03-09	8,8
07-07-08	14,87	29-09-08	11,36	22-12-08	7,1	19-03-09	8,98
08-07-08	14,17	30-09-08	11,64	23-12-08	7,22	20-03-09	9,2
09-07-08	14,02	01-10-08	11,53	24-12-08	7,16	23-03-09	9,62
10-07-08	13,26	02-10-08	11,06	29-12-08	7,23	24-03-09	9,38
11-07-08	12,8	03-10-08	10,87	30-12-08	7,29	25-03-09	9,38
14-07-08	12,55	06-10-08	9,45	31-12-08	7,18	26-03-09	9,17
15-07-08	12,05	07-10-08	9,29	02-01-09	7,51	27-03-09	9,01
16-07-08	11,26	08-10-08	8,69	05-01-09	7,75	30-03-09	8,93
17-07-08	11,4	09-10-08	9,09	06-01-09	8,04	31-03-09	8,98
18-07-08	11,3	10-10-08	8,02	07-01-09	7,74	01-04-09	9,16
21-07-08	11,66	13-10-08	8,72	08-01-09	7,62	02-04-09	9,47
22-07-08	11,77	14-10-08	9,12	09-01-09	7,94	03-04-09	9,45
23-07-08	11,62	15-10-08	8,21	12-01-09	7,66	06-04-09	9,44
24-07-08	11,13	16-10-08	7,52	13-01-09	7,84	07-04-09	9,42
25-07-08	11,08	17-10-08	7,17	14-01-09	7,76	08-04-09	9,47
28-07-08	11,23	20-10-08	7,35	15-01-09	7,72	09-04-09	9,47
29-07-08	10,93	21-10-08	7,48	16-01-09	7,77	14-04-09	9,55
30-07-08	11,21	22-10-08	7,11	19-01-09	7,68	15-04-09	9,49
31-07-08	11,91	23-10-08	7	20-01-09	7,73	16-04-09	9,64
01-08-08	11,72	24-10-08	6,48	21-01-09	7,71	17-04-09	9,96
04-08-08	11,31	27-10-08	6,06	22-01-09	7,85	20-04-09	9,77
05-08-08	11	28-10-08	6,13	23-01-09	8,19	21-04-09	9,81
06-08-08	11	29-10-08	6,75	26-01-09	8,2	22-04-09	9,84
						23-04-09	9,66

3A

07:31 13Mar08 -ENTREVISTA-Mota-Engil concorre em consórcio 3 concessões Roménia

Por Patrícia Vicente Rua

LISBOA, 13 Mar (Reuters) - A Mota-Engil <MOTA.LS> vai concorrer, em consórcio com a Brisa <BRI.LS> e a Soares da Costa <SCOAE.LS>, a três concessões de construção e exploração de auto-estradas na Roménia, num investimento de 3.000 milhões de euros (ME), disse Eduardo Rocha, Chief Financial Officer (CFO).

Adiantou que, em 2008, o investimento do líder da construção em Portugal "deverá ser similar" aos 200 ME investidos em 2007 e que "está confortável com a dívida actual" de 1.743 ME, afirmando que "não vai haver aumento de capital" para sustentar o crescimento.

Admitiu que a unidade de Concessões de Transportes da Mota-Engil, que pesou 39 pct do EBITDA do grupo em 2007, "deverá continuar a manter a maior contribuição para o EBITDA do grupo em 2008", mas deverá ser suplantada pela divisão de Ambiente e Serviços dentro de três anos, que teve um peso de 24 pct.

"Vamos apresentar uma proposta na Roménia, em consórcio com a Brisa e a Soares da Costa para três concessões (de auto-estradas), que representam 3.000 ME", disse Eduardo Rocha, em entrevista telefónica à Reuters.

Actualmente, a Mota-Engil está a concorrer a concessões de auto-estradas na Hungria, na Eslováquia e na Polónia, tendo assinado um contrato no México, em Fevereiro último.

Ontem, a Mota-Engil anunciou um crescimento do lucro de 202,9 pct para 97,5 ME em 2007, impulsionado por uma mais valia de 67,4 ME relativa ao IPO da Martifer <MARTI.LS>.

O volume de negócios consolidado subiu 15,9 pct para 1.401,9 ME em 2007 e deverá crescer mais de 10 pct em 2008, com a área de Engenharia e Construção a crescer dois dígitos, o Ambiente e Serviços a crescer mais de 10 pct e as Concessões de Transportes a crescer próximo dos 10 pct.

"Projectamos a actividade de construção a crescer dois dígitos, sendo que, em Portugal, o crescimento será de apenas um dígito, a Europa Central deverá recuperar da queda de 2007 e deverá crescer dois dígitos e, em Angola, o crescimento será semelhante ao de 2007, em redor dos 35 pct", disse Eduardo Rocha.

A construtora anunciou ainda que, para 2008, prevê a manutenção das margens EBITDA e EBIT nos níveis de 2007, em 17,7 pct e 10,6 pct, respectivamente, explicado pelo facto de mais de 60 pct destas margens estarem dependentes das novas áreas de negócio onde se espera uma manutenção das margens.

"Em 2008 as Concessões de Transportes terão ainda o maior contributo para o EBITDA mas acredito

que a médio prazo, em três anos, a unidade de Ambiente e Serviços terá o maior peso, dado o forte crescimento que tem vindo a registar", disse Eduardo Rocha.

3B

Mota-Engil quase triplica os resultados

13.03.2008

O lucro da Mota-Engil atingiu os 98 milhões de euros no ano passado, comparáveis com 37,6 milhões de euros no ano anterior. O volume de negócios da empresa cresceu mais de 15 por cento, para 1,4 mil milhões de euros, enquanto as margens de EBITDA (resultados antes de impostos, juros e amortizações) foram de 17,7 por cento.

A Mota-Engil refere que vai propor um dividendo de 11 cêntimos por acção, o que corresponde a uma percentagem dos lucros distribuídos sobre a forma de dividendos de 22,9 por cento.

Para o ano em curso, a Mota prevê um crescimento do volume de negócios superior a 10 por cento e a manutenção das margens de EBITDA nos níveis de 2007.

Em relação à participada Martifer, a Mota-Engil antecipa para 2008 uma duplicação das suas receitas.

Lusa

3C

21-09-07	5,5	14-12-07	5,33	12-03-08	4,6	09-06-08	5,2
24-09-07	5,39	17-12-07	5,18	13-03-08	4,4	10-06-08	5,08
25-09-07	5,24	18-12-07	5,16	14-03-08	4,37	11-06-08	5,05
26-09-07	5,12	19-12-07	5,15	17-03-08	4,2	12-06-08	4,97
27-09-07	5,34	20-12-07	5,17	18-03-08	4,39	13-06-08	4,93
28-09-07	5,35	21-12-07	5,2	19-03-08	4,48	16-06-08	5,1
01-10-07	5,52	24-12-07	5,15	20-03-08	4,44	17-06-08	5,19
02-10-07	5,54	27-12-07	5,11	25-03-08	4,66	18-06-08	5,15
03-10-07	5,6	28-12-07	5,1	26-03-08	4,6	19-06-08	5
04-10-07	5,71	31-12-07	5,12	27-03-08	4,75	20-06-08	4,93
05-10-07	5,72	02-01-08	5,02	28-03-08	4,8	23-06-08	4,86
08-10-07	5,85	03-01-08	5,02	31-03-08	4,81	24-06-08	4,68
09-10-07	5,8	04-01-08	5	01-04-08	4,93	25-06-08	4,71
10-10-07	6,1	07-01-08	4,94	02-04-08	4,99	26-06-08	4,51
11-10-07	6,18	08-01-08	4,9	03-04-08	5	27-06-08	4,34
12-10-07	6,07	09-01-08	4,67	04-04-08	5	30-06-08	4,09
15-10-07	6,04	10-01-08	4,61	07-04-08	5,02	01-07-08	3,7
16-10-07	5,98	11-01-08	4,58	08-04-08	5,13	02-07-08	3,7
17-10-07	6,08	14-01-08	4,59	09-04-08	5,25	03-07-08	3,68
18-10-07	5,98	15-01-08	4,4	10-04-08	5,24	04-07-08	3,8
19-10-07	6,04	16-01-08	4,22	11-04-08	5,2	07-07-08	3,96
22-10-07	5,87	17-01-08	4,26	14-04-08	5,28	08-07-08	3,92
23-10-07	5,88	18-01-08	4,2	15-04-08	5,47	09-07-08	4,04
24-10-07	5,7	21-01-08	3,92	16-04-08	5,75	10-07-08	3,94
25-10-07	5,58	22-01-08	4,18	17-04-08	5,66	11-07-08	3,81
26-10-07	5,6	23-01-08	4	18-04-08	5,79	14-07-08	3,74
29-10-07	5,78	24-01-08	4,05	21-04-08	5,75	15-07-08	3,57
30-10-07	5,74	25-01-08	4,2	22-04-08	5,71	16-07-08	3,47
31-10-07	5,7	28-01-08	4,11	23-04-08	5,58	17-07-08	3,66
01-11-07	5,52	29-01-08	4,21	24-04-08	5,58	18-07-08	3,77
02-11-07	5,46	30-01-08	4,18	25-04-08	5,58	21-07-08	3,91
05-11-07	5,47	31-01-08	4,17	28-04-08	5,65	22-07-08	3,9
06-11-07	5,57	01-02-08	4,41	29-04-08	5,64	23-07-08	3,96
07-11-07	5,65	04-02-08	4,52	30-04-08	5,73	24-07-08	3,82
08-11-07	5,63	05-02-08	4,36	02-05-08	5,78	25-07-08	3,82
09-11-07	5,58	06-02-08	4,4	05-05-08	5,77	28-07-08	3,78
12-11-07	5,65	07-02-08	4,26	06-05-08	5,75	29-07-08	3,73
13-11-07	5,68	08-02-08	4,4	07-05-08	5,89	30-07-08	3,82
14-11-07	5,63	11-02-08	4,34	08-05-08	5,84	31-07-08	3,78
15-11-07	5,51	12-02-08	4,42	09-05-08	5,85	01-08-08	3,7
16-11-07	5,45	13-02-08	4,5	12-05-08	5,9	04-08-08	3,66
19-11-07	5,3	14-02-08	4,65	13-05-08	5,81	05-08-08	3,72
20-11-07	5,22	15-02-08	4,59	14-05-08	5,78	06-08-08	3,67
21-11-07	5,14	18-02-08	4,65	15-05-08	5,78	07-08-08	3,7
22-11-07	5,12	19-02-08	4,72	16-05-08	5,81	08-08-08	3,68
23-11-07	5,12	20-02-08	4,73	19-05-08	5,77	11-08-08	3,85
26-11-07	5,11	21-02-08	4,83	20-05-08	5,7	12-08-08	3,85
27-11-07	5,05	22-02-08	4,91	21-05-08	5,72	13-08-08	3,7
28-11-07	5,18	25-02-08	4,84	22-05-08	5,63	14-08-08	3,7
29-11-07	5,16	26-02-08	4,86	23-05-08	5,63	15-08-08	3,7
30-11-07	5,18	27-02-08	4,83	26-05-08	5,6	18-08-08	3,67
03-12-07	5,25	28-02-08	4,79	27-05-08	5,38	19-08-08	3,56
04-12-07	5,27	29-02-08	4,56	28-05-08	5,42	20-08-08	3,54
05-12-07	5,42	03-03-08	4,65	29-05-08	5,36	21-08-08	3,51
06-12-07	5,49	04-03-08	4,65	30-05-08	5,46	22-08-08	3,55
07-12-07	5,44	05-03-08	4,79	02-06-08	5,6	25-08-08	3,55
10-12-07	5,49	06-03-08	4,65	03-06-08	5,63	26-08-08	3,51
11-12-07	5,4	07-03-08	4,55	04-06-08	5,58	27-08-08	3,53
12-12-07	5,35	10-03-08	4,33	05-06-08	5,54	28-08-08	3,5
13-12-07	5,21	11-03-08	4,4	06-06-08	5,35	29-08-08	3,64
						01-09-08	3,63
						02-09-08	3,77
						03-09-08	3,83

4A

15:42 02Oct08 -ENTREVISTA-EDP mantém todos objectivos estratégicos 2010 -CEO

LISBOA, 2 Out (Reuters) - A EDP-Energias de Portugal <EDP.LS> mantém todas as metas estratégicas para 2010 e está tranquila quanto ao investimento de 9.000 milhões de euros (ME) previsto para o triénio, apesar da instabilidade financeira internacional, disse António Mexia.

O Chief Executive Officer (CEO) referiu que o encaixe de 1.600 ME com o recente IPO da EDP-Renováveis <EDPR.LS> permitiu que "a EDP, até o final do primeiro semestre, tivesse 3.500 ME de fundos disponíveis, mais de 1.300 ME em caixa ou equivalente e 2.200 ME em linhas de crédito por utilizar".

Mexia adiantou: "Estamos muito confortáveis em fundos disponíveis". O CEO mostrou-se igualmente seguro com um valor de cerca de 3.000 ME de EBITDA em 2008 implícito no 'business plan', que cerca de 85 pct provêm de actividades reguladas ou estáveis através de PPAs -Power Purchasing Agreements.

Salientou que a empresa não tem nenhuma necessidade de refinaciamento "nos próximos 12 meses", altura em que vence um Bond de 1.000 ME". "Estamos totalmente convictos que cumprimos todas as metas apresentadas ao mercado para 2010", afirmou em entrevista à Reuters, à margem do Dia da Inovação da EDP.

O grupo EDP tem como objectivos estratégicos que o seu EBITDA cresça à taxa média anual composta (CAGR) de 13 pct entre 2005 e 2010, que os Earnings per Share (EPS) aumentem a uma taxa CAGR superior a 14 pct e que o dividend per share tenha um crescimento superior a 11 pct.

"Apesar das actuais condições do mercado financeiro estamos totalmente tranquilos quanto à capacidade de execução do plano de investimento", afirmou, frisando que a EDP tomou a decisão de "manter os rating na 'single A area'".

"Em Junho de 2008, a EDP Renováveis tinha mais de 1.600 MW de parques eólicos em construção, e reafirmamos a nossa intenção de colocar em operação 1.400 MW de nova capacidade instalada eólica em 2008", afirmou.

A meta é atingir os 10.500 MW em 2012.

(Por Sérgio Gonçalves; Editado por Patrícia Vicente Rua)

4B

15-04-08	4,07	09-07-08	3,59	01-10-08	2,84	24-12-08	2,63
16-04-08	4,11	10-07-08	3,57	02-10-08	2,72	29-12-08	2,64
17-04-08	4,1	11-07-08	3,49	03-10-08	2,7	30-12-08	2,7
18-04-08	4,13	14-07-08	3,46	06-10-08	2,26	31-12-08	2,7
21-04-08	4,14	15-07-08	3,38	07-10-08	2,38	02-01-09	2,71
22-04-08	4,13	16-07-08	3,43	08-10-08	2,27	05-01-09	2,78
23-04-08	4,11	17-07-08	3,51	09-10-08	2,3	06-01-09	2,8
24-04-08	4,13	18-07-08	3,56	10-10-08	2,24	07-01-09	2,74
25-04-08	4,1	21-07-08	3,56	13-10-08	2,54	08-01-09	2,76
28-04-08	4,14	22-07-08	3,49	14-10-08	2,77	09-01-09	2,73
29-04-08	4,07	23-07-08	3,52	15-10-08	2,64	12-01-09	2,68
30-04-08	4,06	24-07-08	3,45	16-10-08	2,48	13-01-09	2,74
02-05-08	4,13	25-07-08	3,44	17-10-08	2,54	14-01-09	2,62
05-05-08	4,05	28-07-08	3,39	20-10-08	2,68	15-01-09	2,72
06-05-08	4,13	29-07-08	3,41	21-10-08	2,6	16-01-09	2,79
07-05-08	4,21	30-07-08	3,48	22-10-08	2,43	19-01-09	2,79
08-05-08	4,15	31-07-08	3,52	23-10-08	2,49	20-01-09	2,76
09-05-08	4,13	01-08-08	3,42	24-10-08	2,35	21-01-09	2,7
12-05-08	4,09	04-08-08	3,41	27-10-08	2,3	22-01-09	2,74
13-05-08	4,14	05-08-08	3,33	28-10-08	2,4	23-01-09	2,76
14-05-08	4,13	06-08-08	3,2	29-10-08	2,71	26-01-09	2,77
15-05-08	4,02	07-08-08	3,22	30-10-08	2,64	27-01-09	2,72
16-05-08	3,99	08-08-08	3,25	31-10-08	2,69	28-01-09	2,73
19-05-08	4,09	11-08-08	3,28	03-11-08	2,81	29-01-09	2,75
20-05-08	4,08	12-08-08	3,33	04-11-08	2,96	30-01-09	2,78
21-05-08	4,06	13-08-08	3,29	05-11-08	2,85	02-02-09	2,74
22-05-08	4,1	14-08-08	3,31	06-11-08	2,7	03-02-09	2,76
23-05-08	4,05	15-08-08	3,36	07-11-08	2,76	04-02-09	2,8
26-05-08	4,01	18-08-08	3,33	10-11-08	2,75	05-02-09	2,78
27-05-08	4,04	19-08-08	3,28	11-11-08	2,71	06-02-09	2,8
28-05-08	4,03	20-08-08	3,29	12-11-08	2,64	09-02-09	2,74
29-05-08	4,06	21-08-08	3,31	13-11-08	2,63	10-02-09	2,72
30-05-08	4,05	22-08-08	3,34	14-11-08	2,66	11-02-09	2,71
02-06-08	3,98	25-08-08	3,33	17-11-08	2,62	12-02-09	2,66
03-06-08	4,03	26-08-08	3,35	18-11-08	2,71	13-02-09	2,62
04-06-08	3,9	27-08-08	3,37	19-11-08	2,71	16-02-09	2,56
05-06-08	3,89	28-08-08	3,42	20-11-08	2,57	17-02-09	2,49
06-06-08	3,82	29-08-08	3,47	21-11-08	2,5	18-02-09	2,51
09-06-08	3,79	01-09-08	3,5	24-11-08	2,68	19-02-09	2,55
10-06-08	3,78	02-09-08	3,46	25-11-08	2,67	20-02-09	2,54
11-06-08	3,72	03-09-08	3,49	26-11-08	2,69	23-02-09	2,56
12-06-08	3,7	04-09-08	3,4	27-11-08	2,69	24-02-09	2,5
13-06-08	3,7	05-09-08	3,3	28-11-08	2,66	25-02-09	2,44
16-06-08	3,7	08-09-08	3,32	01-12-08	2,59	26-02-09	2,47
17-06-08	3,7	09-09-08	3,19	02-12-08	2,55	27-02-09	2,51
18-06-08	3,68	10-09-08	3,11	03-12-08	2,56	02-03-09	2,45
19-06-08	3,6	11-09-08	3,06	04-12-08	2,47	03-03-09	2,38
20-06-08	3,51	12-09-08	3,13	05-12-08	2,35	04-03-09	2,44
23-06-08	3,48	15-09-08	3,04	08-12-08	2,44	05-03-09	2,35
24-06-08	3,38	16-09-08	2,95	09-12-08	2,48	06-03-09	2,44
25-06-08	3,43	17-09-08	2,82	10-12-08	2,47	09-03-09	2,46
26-06-08	3,37	18-09-08	2,7	11-12-08	2,47	10-03-09	2,5
27-06-08	3,33	19-09-08	3,02	12-12-08	2,44	11-03-09	2,57
30-06-08	3,32	22-09-08	2,92	15-12-08	2,48	12-03-09	2,59
01-07-08	3,25	23-09-08	2,99	16-12-08	2,5	13-03-09	2,56
02-07-08	3,4	24-09-08	3,03	17-12-08	2,55	16-03-09	2,55
03-07-08	3,47	25-09-08	3	18-12-08	2,68	17-03-09	2,58
04-07-08	3,41	26-09-08	3,01	19-12-08	2,62	18-03-09	2,63
07-07-08	3,47	29-09-08	2,88	22-12-08	2,62	19-03-09	2,71
08-07-08	3,56	30-09-08	2,94	23-12-08	2,63	20-03-09	2,74
						23-03-09	2,81
						24-03-09	2,79
						25-03-09	2,75

5A

10:30 05May08 -ENTREVISTA-Telefónica quer comprar posição da PT na Vivo

LISBOA, 5 Mai (Reuters) - A Telefónica <TEF.MC> continua interessada em comprar a posição que a Portugal Telecom (PT) <PTC.LS> tem na Vivo <VIVO4.S> e a nacional faz bem em não querer vendê-la, disse o CEO do BES Investimento e administrador executivo do BES <BES.LS>, terceiro maior accionista da PT com 8,5 pct.

José Maria Ricciardi lembrou que a Telefónica, segundo maior accionista da PT com cerca de 10 pct, "ficou do lado dos ofertantes hostis" – Sonaecom <SNC.LS> – no 'bid' falhado sobre o incumbente em 2007, adiantando: "o problema de fundo mantém-se, não tem a ver com a PT, tem a ver com Vivo".

"A PT continua a não estar interessada em alienar a sua participação na Vivo e a Telefónica continua interessada em comprar a posição da PT, não vamos escamotear isto", admitiu o Chief Executive Officer (CEO) do BES Investimento (BESI).

O também administrador-executivo do grupo Banco Espírito Santo (BES) frisou que "os gestores da PT (...) tomaram muito bem a decisão de não vender pois, hoje em dia, um dos grandes 'upsides' do EBITDA da PT é o crescimento do EBITDA da Vivo".

Adiantou que "a PT deve reforçar os seus investimentos no Brasil, em África e em outras geografias" e interrogado sobre se o crescimento no Brasil teria de ser através da Vivo, respondeu laconicamente: "poderia não ser, há outras hipóteses, há hipótese no fixo, por exemplo".

(Por Sérgio Gonçalves; Editado por Elisabete Tavares)

5B

08-11-07	9,27	05-02-08	8,43	02-05-08	7,83	25-07-08	6,92
09-11-07	9,2	06-02-08	8,6	05-05-08	7,85	28-07-08	6,87
12-11-07	9,27	07-02-08	8,63	06-05-08	7,83	29-07-08	6,82
13-11-07	9,49	08-02-08	8,71	07-05-08	7,95	30-07-08	6,99
14-11-07	9,6	11-02-08	8,59	08-05-08	7,96	31-07-08	7,06
15-11-07	9,35	12-02-08	8,7	09-05-08	7,98	01-08-08	6,98
16-11-07	9,44	13-02-08	8,77	12-05-08	7,88	04-08-08	6,84
19-11-07	9,3	14-02-08	8,64	13-05-08	8	05-08-08	7,02
20-11-07	9,37	15-02-08	8,59	14-05-08	7,99	06-08-08	6,95
21-11-07	9,17	18-02-08	8,5	15-05-08	8,09	07-08-08	7,01
22-11-07	9,32	19-02-08	8,56	16-05-08	8,07	08-08-08	6,95
23-11-07	9,44	20-02-08	8,54	19-05-08	8,04	11-08-08	7,31
26-11-07	9,3	21-02-08	8,45	20-05-08	7,93	12-08-08	7,5
27-11-07	9,3	22-02-08	8,3	21-05-08	7,79	13-08-08	7,28
28-11-07	9,31	25-02-08	8,4	22-05-08	7,9	14-08-08	7,23
29-11-07	9,4	26-02-08	8,38	23-05-08	7,88	15-08-08	7,18
30-11-07	9,31	27-02-08	8,12	26-05-08	7,83	18-08-08	7,24
03-12-07	9,28	28-02-08	8,3	27-05-08	7,81	19-08-08	7,07
04-12-07	9,27	29-02-08	8,45	28-05-08	7,92	20-08-08	7,02
05-12-07	9,26	03-03-08	8,34	29-05-08	7,8	21-08-08	6,89
06-12-07	9,25	04-03-08	8,26	30-05-08	7,86	22-08-08	6,92
07-12-07	9,33	05-03-08	8,48	02-06-08	7,92	25-08-08	6,91
10-12-07	9,26	06-03-08	8,25	03-06-08	7,88	26-08-08	6,94
11-12-07	9,22	07-03-08	8,14	04-06-08	7,75	27-08-08	7,08
12-12-07	9,2	10-03-08	8,06	05-06-08	7,95	28-08-08	7,15
13-12-07	9,16	11-03-08	7,9	06-06-08	7,86	29-08-08	7,14
14-12-07	9,25	12-03-08	7,76	09-06-08	7,78	01-09-08	7,3
17-12-07	9,15	13-03-08	7,73	10-06-08	7,7	02-09-08	7,55
18-12-07	9,22	14-03-08	7,59	11-06-08	7,58	03-09-08	7,7
19-12-07	9,18	17-03-08	7,14	12-06-08	7,68	04-09-08	7,5
20-12-07	9,09	18-03-08	7,25	13-06-08	7,6	05-09-08	7,28
21-12-07	9,1	19-03-08	7,05	16-06-08	7,63	08-09-08	7,54
24-12-07	9,1	20-03-08	6,9	17-06-08	7,64	09-09-08	7,38
27-12-07	9,05	25-03-08	7,28	18-06-08	7,5	10-09-08	7,47
28-12-07	8,98	26-03-08	7,4	19-06-08	7,39	11-09-08	7,29
31-12-07	8,93	27-03-08	7,4	20-06-08	7,16	12-09-08	7,26
02-01-08	8,95	28-03-08	7,57	23-06-08	7,3	15-09-08	7,04
03-01-08	8,85	31-03-08	7,36	24-06-08	7,2	16-09-08	7,24
04-01-08	8,7	01-04-08	7,45	25-06-08	7,27	17-09-08	7,05
07-01-08	9,06	02-04-08	7,85	26-06-08	7,23	18-09-08	7
08-01-08	9,27	03-04-08	7,83	27-06-08	7,11	19-09-08	7,35
09-01-08	9,36	04-04-08	7,84	30-06-08	7,21	22-09-08	7,5
10-01-08	9,4	07-04-08	7,99	01-07-08	6,96	23-09-08	7,43
11-01-08	9,36	08-04-08	7,85	02-07-08	7,33	24-09-08	7,3
14-01-08	9,12	09-04-08	7,91	03-07-08	7,33	25-09-08	7,28
15-01-08	9,24	10-04-08	7,86	04-07-08	7,11	26-09-08	7,37
16-01-08	9,11	11-04-08	7,76	07-07-08	7,23	29-09-08	6,98
17-01-08	9,19	14-04-08	7,68	08-07-08	7,27	30-09-08	7,11
18-01-08	9,28	15-04-08	7,75	09-07-08	7,27	01-10-08	7,06
21-01-08	8,82	16-04-08	8,08	10-07-08	7,13	02-10-08	7,07
22-01-08	8,68	17-04-08	8,16	11-07-08	7,02	03-10-08	7,01
23-01-08	8,32	18-04-08	8,26	14-07-08	6,77	06-10-08	6,55
24-01-08	8,45	21-04-08	7,61	15-07-08	6,6	07-10-08	6,47
25-01-08	8,64	22-04-08	7,63	16-07-08	6,7	08-10-08	5,91
28-01-08	8,55	23-04-08	7,52	17-07-08	6,83	09-10-08	5,8
29-01-08	8,65	24-04-08	7,48	18-07-08	7,06	10-10-08	5,26
30-01-08	8,59	25-04-08	7,69	21-07-08	7,08	13-10-08	5,61
31-01-08	8,61	28-04-08	7,63	22-07-08	6,95	14-10-08	5,77
01-02-08	8,6	29-04-08	7,58	23-07-08	6,94	15-10-08	5,66
04-02-08	8,65	30-04-08	7,63	24-07-08	6,93	16-10-08	5,26
						17-10-08	5,19
						20-10-08	5,47
						21-10-08	5,3

6A

13:05 08May08 -ENTREVISTA-PT com flexibilidade financeira para investir

LISBOA, 8 Mai (Reuters) - A Portugal Telecom (PT) <PTC.LS> vai ter a flexibilidade financeira necessária para novos investimentos, após concluir o 'share buyback' de 2.100 milhões de euros (ME), disse Luís Pacheco de Mello, o Chief Financial Officer (CFO).

Adiantou que a PT está focada no crescimento, admitindo que "o ambiente competitivo é muito intenso e há uma série de decisões regulatórias pendentes" que terão impacto.

"Do nosso ponto de vista, depois de completarmos o 'share buyback', a PT vai ter uma estrutura de capital otimizada e ao mesmo tempo a necessária flexibilidade financeira", afirmou o Pacheco de Melo, em entrevista à Reuters.

Acrescentou que a PT ainda tem de comprar 340 ME em acções próprias para completar o programa de 'share buyback' em curso, o que deverá acontecer até meados de 2008. No âmbito da remuneração accionista a PT vai ainda pagar um dividendo de 57,5 cêntimos em 2009.

"Operamos numa indústria de capital intensivo e por isso acreditamos que as empresas devem ter uma política financeira que cria a flexibilidade necessária e não restrinja investimentos", adiantou.

O CFO vincou que a decisão sobre a política de remuneração aos accionistas no futuro cabe ao 'board' da PT mas sublinhou que "o histórico da PT a este respeito fala por si".

(Por Elisabete Tavares; Editado por Sérgio Gonçalves)

6B

13-11-07	9,49	08-02-08	8,71	07-05-08	7,95	30-07-08	6,99
14-11-07	9,6	11-02-08	8,59	08-05-08	7,96	31-07-08	7,06
15-11-07	9,35	12-02-08	8,7	09-05-08	7,98	01-08-08	6,98
16-11-07	9,44	13-02-08	8,77	12-05-08	7,88	04-08-08	6,84
19-11-07	9,3	14-02-08	8,64	13-05-08	8	05-08-08	7,02
20-11-07	9,37	15-02-08	8,59	14-05-08	7,99	06-08-08	6,95
21-11-07	9,17	18-02-08	8,5	15-05-08	8,09	07-08-08	7,01
22-11-07	9,32	19-02-08	8,56	16-05-08	8,07	08-08-08	6,95
23-11-07	9,44	20-02-08	8,54	19-05-08	8,04	11-08-08	7,31
26-11-07	9,3	21-02-08	8,45	20-05-08	7,93	12-08-08	7,5
27-11-07	9,3	22-02-08	8,3	21-05-08	7,79	13-08-08	7,28
28-11-07	9,31	25-02-08	8,4	22-05-08	7,9	14-08-08	7,23
29-11-07	9,4	26-02-08	8,38	23-05-08	7,88	15-08-08	7,18
30-11-07	9,31	27-02-08	8,12	26-05-08	7,83	18-08-08	7,24
03-12-07	9,28	28-02-08	8,3	27-05-08	7,81	19-08-08	7,07
04-12-07	9,27	29-02-08	8,45	28-05-08	7,92	20-08-08	7,02
05-12-07	9,26	03-03-08	8,34	29-05-08	7,8	21-08-08	6,89
06-12-07	9,25	04-03-08	8,26	30-05-08	7,86	22-08-08	6,92
07-12-07	9,33	05-03-08	8,48	02-06-08	7,92	25-08-08	6,91
10-12-07	9,26	06-03-08	8,25	03-06-08	7,88	26-08-08	6,94
11-12-07	9,22	07-03-08	8,14	04-06-08	7,75	27-08-08	7,08
12-12-07	9,2	10-03-08	8,06	05-06-08	7,95	28-08-08	7,15
13-12-07	9,16	11-03-08	7,9	06-06-08	7,86	29-08-08	7,14
14-12-07	9,25	12-03-08	7,76	09-06-08	7,78	01-09-08	7,3
17-12-07	9,15	13-03-08	7,73	10-06-08	7,7	02-09-08	7,55
18-12-07	9,22	14-03-08	7,59	11-06-08	7,58	03-09-08	7,7
19-12-07	9,18	17-03-08	7,14	12-06-08	7,68	04-09-08	7,5
20-12-07	9,09	18-03-08	7,25	13-06-08	7,6	05-09-08	7,28
21-12-07	9,1	19-03-08	7,05	16-06-08	7,63	08-09-08	7,54
24-12-07	9,1	20-03-08	6,9	17-06-08	7,64	09-09-08	7,38
27-12-07	9,05	25-03-08	7,28	18-06-08	7,5	10-09-08	7,47
28-12-07	8,98	26-03-08	7,4	19-06-08	7,39	11-09-08	7,29
31-12-07	8,93	27-03-08	7,4	20-06-08	7,16	12-09-08	7,26
02-01-08	8,95	28-03-08	7,57	23-06-08	7,3	15-09-08	7,04
03-01-08	8,85	31-03-08	7,36	24-06-08	7,2	16-09-08	7,24
04-01-08	8,7	01-04-08	7,45	25-06-08	7,27	17-09-08	7,05
07-01-08	9,06	02-04-08	7,85	26-06-08	7,23	18-09-08	7
08-01-08	9,27	03-04-08	7,83	27-06-08	7,11	19-09-08	7,35
09-01-08	9,36	04-04-08	7,84	30-06-08	7,21	22-09-08	7,5
10-01-08	9,4	07-04-08	7,99	01-07-08	6,96	23-09-08	7,43
11-01-08	9,36	08-04-08	7,85	02-07-08	7,33	24-09-08	7,3
14-01-08	9,12	09-04-08	7,91	03-07-08	7,33	25-09-08	7,28
15-01-08	9,24	10-04-08	7,86	04-07-08	7,11	26-09-08	7,37
16-01-08	9,11	11-04-08	7,76	07-07-08	7,23	29-09-08	6,98
17-01-08	9,19	14-04-08	7,68	08-07-08	7,27	30-09-08	7,11
18-01-08	9,28	15-04-08	7,75	09-07-08	7,27	01-10-08	7,06
21-01-08	8,82	16-04-08	8,08	10-07-08	7,13	02-10-08	7,07
22-01-08	8,68	17-04-08	8,16	11-07-08	7,02	03-10-08	7,01
23-01-08	8,32	18-04-08	8,26	14-07-08	6,77	06-10-08	6,55
24-01-08	8,45	21-04-08	7,61	15-07-08	6,6	07-10-08	6,47
25-01-08	8,64	22-04-08	7,63	16-07-08	6,7	08-10-08	5,91
28-01-08	8,55	23-04-08	7,52	17-07-08	6,83	09-10-08	5,8
29-01-08	8,65	24-04-08	7,48	18-07-08	7,06	10-10-08	5,26
30-01-08	8,59	25-04-08	7,69	21-07-08	7,08	13-10-08	5,61
31-01-08	8,61	28-04-08	7,63	22-07-08	6,95	14-10-08	5,77
01-02-08	8,6	29-04-08	7,58	23-07-08	6,94	15-10-08	5,66
04-02-08	8,65	30-04-08	7,63	24-07-08	6,93	16-10-08	5,26
05-02-08	8,43	02-05-08	7,83	25-07-08	6,92	17-10-08	5,19
06-02-08	8,6	05-05-08	7,85	28-07-08	6,87	20-10-08	5,47
07-02-08	8,63	06-05-08	7,83	29-07-08	6,82	21-10-08	5,3
						22-10-08	5,08
						23-10-08	5,14
						24-10-08	4,7

7A

10:29 05May08 -ENTREVISTA-Condições para IPO EDP-Renováveis melhoraram-CEO BESI

LISBOA, 5 Mai (Reuters) - As condições de mercado para um Initial Public Offer (IPO) da EDP-Renováveis melhoraram e actualmente há maior probabilidade da EDP-Energias de Portugal <EDP.LS> fazer esta operação, disse José Maria Ricciardi, CEO do BES Investimento (BESI), 'mandated lead arranger' deste IPO.

A EDP tem afirmado que o seu objectivo número 1 é, no próximo mês de Junho, fazer o IPO de entre 20 e 25 pct desta sua subsidiária que é a quarta eólica mundial, aguardando-se uma decisão definitiva sobre se avança ou não durante este mês.

"Acho que as condições do mercado de capitais melhoraram e, portanto, as probabilidades do IPO se realizar são maiores do que há uns dois ou três meses atrás", disse o Chief Executive Officer (CEO) em entrevista à Reuters.

Ricciardi lembrou que a Iberdrola Renovables <IBR.MC> também recuperou face à queda que teve com a crise dos mercados financeiros e defendeu que, "desde que o preço seja ainda interessante e bom para o emitente", é mais favorável a que estas operações sejam feitas em mercados menos aquecidos.

Explicou que "se forem feitas numa fase menos aquecida dá maior 'upside' para os investidores", adiantando: "acho isso preferível porque a relação das empresas com o mercado de capitais deve ser de longo prazo e não de curto-prazo".

"Esperamos que seja um preço (do IPO) que a EDP considere interessante e isso só se pode saber muito mais perto do momento da operação, mas estamos confiantes que se vai poder fazer", adiantou.

(Por Sérgio Gonçalves; Editado por Elisabete Tavares)

7B

08-11-07	4,85	05-02-08	4,12	02-05-08	4,13	25-07-08	3,44
09-11-07	4,84	06-02-08	4,14	05-05-08	4,05	28-07-08	3,39
12-11-07	4,91	07-02-08	4,1	06-05-08	4,13	29-07-08	3,41
13-11-07	4,7	08-02-08	4,1	07-05-08	4,21	30-07-08	3,48
14-11-07	4,68	11-02-08	4,14	08-05-08	4,15	31-07-08	3,52
15-11-07	4,76	12-02-08	4,27	09-05-08	4,13	01-08-08	3,42
16-11-07	4,72	13-02-08	4,28	12-05-08	4,09	04-08-08	3,41
19-11-07	4,62	14-02-08	4,26	13-05-08	4,14	05-08-08	3,33
20-11-07	4,54	15-02-08	4,18	14-05-08	4,13	06-08-08	3,2
21-11-07	4,58	18-02-08	4,21	15-05-08	4,02	07-08-08	3,22
22-11-07	4,65	19-02-08	4,18	16-05-08	3,99	08-08-08	3,25
23-11-07	4,69	20-02-08	4,09	19-05-08	4,09	11-08-08	3,28
26-11-07	4,71	21-02-08	4,12	20-05-08	4,08	12-08-08	3,33
27-11-07	4,61	22-02-08	4,04	21-05-08	4,06	13-08-08	3,29
28-11-07	4,7	25-02-08	4,07	22-05-08	4,1	14-08-08	3,31
29-11-07	4,6	26-02-08	4,07	23-05-08	4,05	15-08-08	3,36
30-11-07	4,61	27-02-08	4,08	26-05-08	4,01	18-08-08	3,33
03-12-07	4,71	28-02-08	3,99	27-05-08	4,04	19-08-08	3,28
04-12-07	4,68	29-02-08	3,88	28-05-08	4,03	20-08-08	3,29
05-12-07	4,62	03-03-08	3,8	29-05-08	4,06	21-08-08	3,31
06-12-07	4,63	04-03-08	3,79	30-05-08	4,05	22-08-08	3,34
07-12-07	4,59	05-03-08	3,88	02-06-08	3,98	25-08-08	3,33
10-12-07	4,57	06-03-08	3,87	03-06-08	4,03	26-08-08	3,35
11-12-07	4,69	07-03-08	3,9	04-06-08	3,9	27-08-08	3,37
12-12-07	4,6	10-03-08	3,83	05-06-08	3,89	28-08-08	3,42
13-12-07	4,52	11-03-08	3,84	06-06-08	3,82	29-08-08	3,47
14-12-07	4,6	12-03-08	3,84	09-06-08	3,79	01-09-08	3,5
17-12-07	4,6	13-03-08	3,75	10-06-08	3,78	02-09-08	3,46
18-12-07	4,58	14-03-08	3,69	11-06-08	3,72	03-09-08	3,49
19-12-07	4,51	17-03-08	3,62	12-06-08	3,7	04-09-08	3,4
20-12-07	4,47	18-03-08	3,7	13-06-08	3,7	05-09-08	3,3
21-12-07	4,49	19-03-08	3,76	16-06-08	3,7	08-09-08	3,32
24-12-07	4,52	20-03-08	3,73	17-06-08	3,7	09-09-08	3,19
27-12-07	4,46	25-03-08	3,85	18-06-08	3,68	10-09-08	3,11
28-12-07	4,45	26-03-08	3,87	19-06-08	3,6	11-09-08	3,06
31-12-07	4,47	27-03-08	3,87	20-06-08	3,51	12-09-08	3,13
02-01-08	4,45	28-03-08	3,91	23-06-08	3,48	15-09-08	3,04
03-01-08	4,51	31-03-08	3,84	24-06-08	3,38	16-09-08	2,95
04-01-08	4,54	01-04-08	3,89	25-06-08	3,43	17-09-08	2,82
07-01-08	4,66	02-04-08	3,95	26-06-08	3,37	18-09-08	2,7
08-01-08	4,63	03-04-08	3,98	27-06-08	3,33	19-09-08	3,02
09-01-08	4,5	04-04-08	4,01	30-06-08	3,32	22-09-08	2,92
10-01-08	4,54	07-04-08	4,08	01-07-08	3,25	23-09-08	2,99
11-01-08	4,53	08-04-08	4,15	02-07-08	3,4	24-09-08	3,03
14-01-08	4,5	09-04-08	4,1	03-07-08	3,47	25-09-08	3
15-01-08	4,38	10-04-08	4,09	04-07-08	3,41	26-09-08	3,01
16-01-08	4,2	11-04-08	4,05	07-07-08	3,47	29-09-08	2,88
17-01-08	4,23	14-04-08	4,02	08-07-08	3,56	30-09-08	2,94
18-01-08	4,19	15-04-08	4,07	09-07-08	3,59	01-10-08	2,84
21-01-08	3,99	16-04-08	4,11	10-07-08	3,57	02-10-08	2,72
22-01-08	3,87	17-04-08	4,1	11-07-08	3,49	03-10-08	2,7
23-01-08	3,73	18-04-08	4,13	14-07-08	3,46	06-10-08	2,26
24-01-08	3,96	21-04-08	4,14	15-07-08	3,38	07-10-08	2,38
25-01-08	4,11	22-04-08	4,13	16-07-08	3,43	08-10-08	2,27
28-01-08	4,1	23-04-08	4,11	17-07-08	3,51	09-10-08	2,3
29-01-08	4,3	24-04-08	4,13	18-07-08	3,56	10-10-08	2,24
30-01-08	4,28	25-04-08	4,1	21-07-08	3,56	13-10-08	2,54
31-01-08	4,26	28-04-08	4,14	22-07-08	3,49	14-10-08	2,77
01-02-08	4,35	29-04-08	4,07	23-07-08	3,52	15-10-08	2,64
04-02-08	4,31	30-04-08	4,06	24-07-08	3,45	16-10-08	2,48
						17-10-08	2,54
						20-10-08	2,68
						21-10-08	2,6

8A

11:22 28Feb08 -ENTREVISTA-PT <PTC.LS> não vai desinvestir Vivo-H.Granadeiro

LISBOA, 28 Fev (Reuters) - A Portugal Telecom (PT) <PTC.LS> não vai desinvestir na líder brasileira de telecoms móveis Vivo <VIVO4.SA>, estando satisfeita com o seu desempenho e atractividade, disse Henrique Granadeiro, Chairman e Chief Executive Officer (CEO) da PT.

Adiantou, em entrevista telefónica à Reuters, que a parceria da PT com a Telefónica <TEF.MC> na Vivo é uma relação "madura" e que os novos representantes da espanhola no 'board' da PT irão dar "um contributo importante para o futuro da PT".

"A PT está satisfeita com a posição que tem na Vivo, e com o desempenho do activo, pelo que não há qualquer razão para considerar desinvestir", disse Henrique Granadeiro.

Frisou que a Vivo no Brasil é e vai continuar a ser líder do mercado.

(Por Elisabete Tavares; Editado por Sérgio Gonçalves)

8B

07-09-07	8,35	30-11-07	9,31	27-02-08	8,12	26-05-08	7,83
10-09-07	8,25	03-12-07	9,28	28-02-08	8,3	27-05-08	7,81
11-09-07	8,24	04-12-07	9,27	29-02-08	8,45	28-05-08	7,92
12-09-07	8,25	05-12-07	9,26	03-03-08	8,34	29-05-08	7,8
13-09-07	8,4	06-12-07	9,25	04-03-08	8,26	30-05-08	7,86
14-09-07	8,38	07-12-07	9,33	05-03-08	8,48	02-06-08	7,92
17-09-07	8,34	10-12-07	9,26	06-03-08	8,25	03-06-08	7,88
18-09-07	8,27	11-12-07	9,22	07-03-08	8,14	04-06-08	7,75
19-09-07	8,25	12-12-07	9,2	10-03-08	8,06	05-06-08	7,95
20-09-07	8,23	13-12-07	9,16	11-03-08	7,9	06-06-08	7,86
21-09-07	8,26	14-12-07	9,25	12-03-08	7,76	09-06-08	7,78
24-09-07	8,25	17-12-07	9,15	13-03-08	7,73	10-06-08	7,7
25-09-07	8,18	18-12-07	9,22	14-03-08	7,59	11-06-08	7,58
26-09-07	8,17	19-12-07	9,18	17-03-08	7,14	12-06-08	7,68
27-09-07	8,24	20-12-07	9,09	18-03-08	7,25	13-06-08	7,6
28-09-07	8,22	21-12-07	9,1	19-03-08	7,05	16-06-08	7,63
01-10-07	8,22	24-12-07	9,1	20-03-08	6,9	17-06-08	7,64
02-10-07	8,28	27-12-07	9,05	25-03-08	7,28	18-06-08	7,5
03-10-07	8,39	28-12-07	8,98	26-03-08	7,4	19-06-08	7,39
04-10-07	8,32	31-12-07	8,93	27-03-08	7,4	20-06-08	7,16
05-10-07	8,31	02-01-08	8,95	28-03-08	7,57	23-06-08	7,3
08-10-07	8,32	03-01-08	8,85	31-03-08	7,36	24-06-08	7,2
09-10-07	8,24	04-01-08	8,7	01-04-08	7,45	25-06-08	7,27
10-10-07	8,35	07-01-08	9,06	02-04-08	7,85	26-06-08	7,23
11-10-07	8,65	08-01-08	9,27	03-04-08	7,83	27-06-08	7,11
12-10-07	8,69	09-01-08	9,36	04-04-08	7,84	30-06-08	7,21
15-10-07	8,69	10-01-08	9,4	07-04-08	7,99	01-07-08	6,96
16-10-07	8,69	11-01-08	9,36	08-04-08	7,85	02-07-08	7,33
17-10-07	8,69	14-01-08	9,12	09-04-08	7,91	03-07-08	7,33
18-10-07	8,74	15-01-08	9,24	10-04-08	7,86	04-07-08	7,11
19-10-07	8,65	16-01-08	9,11	11-04-08	7,76	07-07-08	7,23
22-10-07	8,62	17-01-08	9,19	14-04-08	7,68	08-07-08	7,27
23-10-07	8,75	18-01-08	9,28	15-04-08	7,75	09-07-08	7,27
24-10-07	8,67	21-01-08	8,82	16-04-08	8,08	10-07-08	7,13
25-10-07	8,62	22-01-08	8,68	17-04-08	8,16	11-07-08	7,02
26-10-07	8,63	23-01-08	8,32	18-04-08	8,26	14-07-08	6,77
29-10-07	8,8	24-01-08	8,45	21-04-08	7,61	15-07-08	6,6
30-10-07	9,15	25-01-08	8,64	22-04-08	7,63	16-07-08	6,7
31-10-07	9,25	28-01-08	8,55	23-04-08	7,52	17-07-08	6,83
01-11-07	9,11	29-01-08	8,65	24-04-08	7,48	18-07-08	7,06
02-11-07	9,13	30-01-08	8,59	25-04-08	7,69	21-07-08	7,08
05-11-07	9,2	31-01-08	8,61	28-04-08	7,63	22-07-08	6,95
06-11-07	9,5	01-02-08	8,6	29-04-08	7,58	23-07-08	6,94
07-11-07	9,4	04-02-08	8,65	30-04-08	7,63	24-07-08	6,93
08-11-07	9,27	05-02-08	8,43	02-05-08	7,83	25-07-08	6,92
09-11-07	9,2	06-02-08	8,6	05-05-08	7,85	28-07-08	6,87
12-11-07	9,27	07-02-08	8,63	06-05-08	7,83	29-07-08	6,82
13-11-07	9,49	08-02-08	8,71	07-05-08	7,95	30-07-08	6,99
14-11-07	9,6	11-02-08	8,59	08-05-08	7,96	31-07-08	7,06
15-11-07	9,35	12-02-08	8,7	09-05-08	7,98	01-08-08	6,98
16-11-07	9,44	13-02-08	8,77	12-05-08	7,88	04-08-08	6,84
19-11-07	9,3	14-02-08	8,64	13-05-08	8	05-08-08	7,02
20-11-07	9,37	15-02-08	8,59	14-05-08	7,99	06-08-08	6,95
21-11-07	9,17	18-02-08	8,5	15-05-08	8,09	07-08-08	7,01
22-11-07	9,32	19-02-08	8,56	16-05-08	8,07	08-08-08	6,95
23-11-07	9,44	20-02-08	8,54	19-05-08	8,04	11-08-08	7,31
26-11-07	9,3	21-02-08	8,45	20-05-08	7,93	12-08-08	7,5
27-11-07	9,3	22-02-08	8,3	21-05-08	7,79	13-08-08	7,28
28-11-07	9,31	25-02-08	8,4	22-05-08	7,9	14-08-08	7,23
29-11-07	9,4	26-02-08	8,38	23-05-08	7,88	15-08-08	7,18
						18-08-08	7,24
						19-08-08	7,07
						20-08-08	7,02

9A

18:48 12Nov08 -ENTREVISTA-Mota-Engil prevê reforçar nível recorde encomendas

Por Patrícia Vicente Rua

LISBOA, 12 Nov (Reuters) - A Mota-Engil <MOTA.LS> prevê reforçar os actuais níveis recorde da carteira de encomendas até ao final de 2008, permitindo-lhe crescer em contraciclo face ao abrandamento económico, afirmou Eduardo Rocha, Chief Financial Officer (CFO).

Explicou, em entrevista à Reuters, que o valor de 2.200 milhões de euros (ME) da carteira de encomendas no final do terceiro trimestre de 2008 é o máximo histórico, desde que esta linha de reporte começou em 2002, e não inclui ainda a concessão Douro Interior que, entretanto, a empresa venceu.

Lembrou que o grupo está ainda na 'short list' para outras três concessões rodoviárias nacionais: Litoral Oeste, Algarve Litoral e Auto-estradas do Centro, que deverão ser adjudicadas até ao final do ano.

"Há todas as condições para a Mota-Engil crescer em contraciclo porque o sector (em Portugal) tem um pipeline muito interessante de projectos e estamos muito bem posicionados para sermos bem sucedidos em alguns desses projectos", disse Eduardo Rocha.

"A carteira de encomendas atingiu 2.200 ME, o maior valor alguma vez reportado e que não inclui ainda a concessão Douro Interior que foi ganha entretanto e que ascende a 300 ME", referiu.

Frisou que, "com o contributo do Douro Interior, o nível da carteira será seguramente superior".

OPTIMISMO NA ÁREA CONSTRUÇÃO

O CFO da Mota-Engil está optimista quanto à evolução da actividade para o resto do ano, sobretudo na área de construção e com crescimentos fortes nos países onde actua, como Portugal, Angola ou Polónia.

Já a área de Ambiente e Serviços deverá sentir, no quarto trimestre do ano, uma ligeira desaceleração, fruto de uma retracção da procura enquanto o negócio de Concessões de Transportes deverá registar níveis de tráfego semelhantes aos reportados no terceiro trimestre.

"Vejo a actividade do quarto trimestre, ainda que em ritmo inferior ao terceiro, a decorrer em bom ritmo", diz.

"Há alguma desaceleração das actividades mais relacionadas com o consumo e com o comércio de bens e serviços como a logística e os resíduos. No caso da concessões de transportes notamos alguma contração no tráfego e, por isso, devemos ter níveis de tráfego sensivelmente idênticos àqueles que se registaram no terceiro trimestre", aponta.

A construtora anunciou, esta manhã, uma descida do lucro de 84,5 pct para 14,2 milhões de euros (ME) nos nove meses de 2008, afectado pela imparidade nas acções EDP <EDP.LS> detidas pela sua subsidiária Martifer <MARTI.LS>, ficando abaixo da média prevista de 21,7 ME.

Já as vendas subiram 39 pct para 1.361 ME, acima da média de 1.279,7 ME prevista pelos analistas enquanto o EBITDA aumentou 13,9 pct para 208,2 ME, ultrapassando os 199,7 ME estimados.

Eduardo Rocha referiu ainda que a Mota-Engil mantém as metas de crescimento previstas para o longo prazo, apesar do actual cenário de abrandamento económico mundial agravado pela crise financeira internacional.

A construtora tem como objectivo atingir em 2013 um volume de negócios de 3.650 ME ou seja 2,6 vezes o registado em 2007, bem como alcançar um EBITDA de 890 ME naquele ano contra 248 ME o ano passado.

MOTA-ENGIL ESTUDA ENTRADA PORTOS, LOGÍSTICA E RESÍDUOS NO BRASIL E MÉXICO

No âmbito de uma estratégia de diversificação que replica, no exterior, os negócios em Portugal, a Mota-Engil está a estudar a entrada no negócio de portos, logística e resíduos no Brasil e México, países onde venceu este ano concessões rodoviárias.

A empresa já anunciou que vai replicar o negócio de Ambiente e Serviços para Angola e para a Europa de Leste.

"Estamos a olhar para oportunidades no Brasil e México nas áreas dos portos, logística e resíduos".

O CFO referiu ainda que apesar dos constrangimentos existentes no mercado de crédito, a Mota-Engil "tem conseguido fechar todas as transacções a que se propôs".

9B

27-05-08	5,38	19-08-08	3,56	11-11-08	2,64	06-02-08	2,35
28-05-08	5,42	20-08-08	3,54	12-11-08	2,65	09-02-08	2,37
29-05-08	5,36	21-08-08	3,51	13-11-08	2,65	10-02-08	2,36
30-05-08	5,46	22-08-08	3,55	14-11-08	2,65	11-02-08	2,35
02-06-08	5,6	25-08-08	3,55	17-11-08	2,58	12-02-08	2,34
03-06-08	5,63	26-08-08	3,51	18-11-08	2,57	13-02-08	2,32
04-06-08	5,58	27-08-08	3,53	19-11-08	2,53	16-02-08	2,3
05-06-08	5,54	28-08-08	3,5	20-11-08	2,45	17-02-08	2,22
06-06-08	5,35	29-08-08	3,64	21-11-08	2,28	18-02-08	2,29
09-06-08	5,2	01-09-08	3,63	24-11-08	2,25	19-02-08	2,25
10-06-08	5,08	02-09-08	3,77	25-11-08	2,18	20-02-08	2,2
11-06-08	5,05	03-09-08	3,83	26-11-08	2,17	23-02-08	2,2
12-06-08	4,97	04-09-08	3,75	27-11-08	2,27	24-02-08	2,17
13-06-08	4,93	05-09-08	3,59	28-11-08	2,35	25-02-08	2,12
16-06-08	5,1	08-09-08	3,75	01-12-08	2,34	26-02-08	2,16
17-06-08	5,19	09-09-08	3,7	02-12-08	2,34	27-02-08	2,22
18-06-08	5,15	10-09-08	3,62	03-12-08	2,34	02-03-08	2,19
19-06-08	5	11-09-08	3,62	04-12-08	2,26	03-03-08	2,12
20-06-08	4,93	12-09-08	3,67	05-12-08	2,26	04-03-08	2,17
23-06-08	4,86	15-09-08	3,53	08-12-08	2,33	05-03-08	2,11
24-06-08	4,68	16-09-08	3,49	09-12-08	2,31	06-03-08	2,12
25-06-08	4,71	17-09-08	3,41	10-12-08	2,36	09-03-08	2,13
26-06-08	4,51	18-09-08	3,32	11-12-08	2,34	10-03-08	2,2
27-06-08	4,34	19-09-08	3,35	12-12-08	2,31	11-03-08	2,23
30-06-08	4,09	22-09-08	3,3	15-12-08	2,28	12-03-08	2,32
01-07-08	3,7	23-09-08	3,23	16-12-08	2,26	13-03-08	2,31
02-07-08	3,7	24-09-08	3,16	17-12-08	2,23	16-03-08	2,35
03-07-08	3,68	25-09-08	3,12	18-12-08	2,22	17-03-08	2,39
04-07-08	3,8	26-09-08	3,11	19-12-08	2,2	18-03-08	2,3
07-07-08	3,96	29-09-08	3,02	22-12-08	2,27	19-03-08	2,31
08-07-08	3,92	30-09-08	3,05	23-12-08	2,27	20-03-08	2,31
09-07-08	4,04	01-10-08	3,11	24-12-08	2,29	23-03-08	2,38
10-07-08	3,94	02-10-08	3,03	29-12-08	2,25	24-03-08	2,36
11-07-08	3,81	03-10-08	3	30-12-08	2,3	25-03-08	2,35
14-07-08	3,74	06-10-08	2,76	31-12-08	2,35	26-03-08	2,34
15-07-08	3,57	07-10-08	2,58	02-01-08	2,33	27-03-08	2,38
16-07-08	3,47	08-10-08	2,46	05-01-08	2,48	30-03-08	2,38
17-07-08	3,66	09-10-08	2,3	06-01-08	2,58	31-03-08	2,52
18-07-08	3,77	10-10-08	2,12	07-01-08	2,54	01-04-08	2,64
21-07-08	3,91	13-10-08	2,5	08-01-08	2,62	02-04-08	2,63
22-07-08	3,9	14-10-08	2,72	09-01-08	2,63	03-04-08	2,68
23-07-08	3,96	15-10-08	2,6	12-01-08	2,58	06-04-08	2,66
24-07-08	3,82	16-10-08	2,48	13-01-08	2,63	07-04-08	2,58
25-07-08	3,82	17-10-08	2,5	14-01-08	2,54	08-04-08	2,67
28-07-08	3,78	20-10-08	2,55	15-01-08	2,52	09-04-08	2,82
29-07-08	3,73	21-10-08	2,57	16-01-08	2,51	14-04-08	2,76
30-07-08	3,82	22-10-08	2,47	19-01-08	2,43	15-04-08	2,7
31-07-08	3,78	23-10-08	2,57	20-01-08	2,36	16-04-08	3
01-08-08	3,7	24-10-08	2,44	21-01-08	2,32	17-04-08	3,35
04-08-08	3,66	27-10-08	2,34	22-01-08	2,34	20-04-08	3,06
05-08-08	3,72	28-10-08	2,39	23-01-08	2,27	21-04-08	3,1
06-08-08	3,67	29-10-08	2,45	26-01-08	2,34	22-04-08	3,07
07-08-08	3,7	30-10-08	2,45	27-01-08	2,34	23-04-08	3
08-08-08	3,68	31-10-08	2,54	28-01-08	2,49	24-04-08	3,12
11-08-08	3,85	03-11-08	2,6	29-01-08	2,49	27-04-08	3,1
12-08-08	3,85	04-11-08	2,7	30-01-08	2,44	28-04-08	3,08
13-08-08	3,7	05-11-08	2,71	02-02-08	2,36	29-04-08	3,16
14-08-08	3,7	06-11-08	2,64	03-02-08	2,33	30-04-08	3,29
15-08-08	3,7	07-11-08	2,73	04-02-08	2,39	04-05-08	3,52
18-08-08	3,67	10-11-08	2,69	05-02-08	2,33	05-05-08	3,52
						06-05-08	3,48

10A

12:51 12Feb08 -ENTREVISTA-Sonae Indústria vê espaço M&A América Norte, Brasil

Por Elisabete Tavares

LISBOA, 12 Fev (Reuters) - A Sonae Indústria <SONI.LS> considera que há espaço para mais consolidação no sector de derivados de madeira na América do Norte e no Brasil, mercados onde opera e onde há demasiados players, disse o Chief Executive Officer (CEO), Carlos Bianchi de Aguiar.

Lembrou o acordo recente que a Sonae Indústria firmou com a chilena Masisa <MSS.SN> <MYS.N> que pode levar à junção dos negócios que ambos os grupos detêm no Brasil.

Em apenas oito anos, a Sonae Indústria aumentou em 91 pct a sua capacidade instalada para 10 milhões de metros cúbicos em 2007 através também de aquisições, ascendendo à liderança mundial com uma presença nos quatro continentes.

"Neste momento, vemos com dificuldade que possa haver consolidações significativas no mercado europeu. Onde nos parece que ainda existem condições que possam dar lugar a consolidação é no mercado norte-americano", afirmou Bianchi de Aguiar, em entrevista escrita à Reuters.

Justificou esta previsão com a "crise que se arrasta há bastante tempo e que está directamente ligada à quantidade de 'players' existentes no mercado e à estrutura produtiva existente".

"Outro mercado em que ainda existe espaço para se falar em consolidação, apesar das condições económicas não serem as mais propícias, é o Brasil, dada a fragmentação do tecido produtivo e o potencial de crescimento do consumo nessa região do mundo", referiu o CEO.

A Sonae Indústria tem 34 fábricas espalhadas pela Península Ibérica, Benelux, Alemanha, França, Reino Unido, Brasil, Canadá, Polónia, Suíça, entre outros.

As acções da Sonae Indústria, apesar de estarem hoje a subir 1,10 pct para 4,60 euros, incorporam uma descida de 30 pct desde o início de 2008.

"(...) Devo dizer que assistimos com alguma surpresa ao valor de descida da empresa, em tão curto espaço de tempo, não vendo razões para que as acções tenham descido de tal forma", disse.

CRISE IMOBILIÁRIA PENÍNSULA IBÉRICA AFECTA

A empresa está a ser afectada pela crise imobiliária na Península Ibérica mas acredita que a indústria do mobiliário não terá um impacto negativo tão grande como o da construção.

"Na Península Ibérica, estávamos a assistir a uma 'bolha imobiliária', que a crise nos mercados

financeiros acabou por acelerar aquilo que era consenso geral não ser uma situação sustentável", frisou o CEO.

"(A crise) tem um impacto directo no nosso negócio, nomeadamente no produto que é mais consumido no sector da construção nova. Acreditamos que as casas se vão continuar a vender e, estando o mobiliário directamente relacionado com a aquisição de casa, julgamos que a indústria do mobiliário não será tão afectada quanto a da construção", adiantou.

Destaca, pela positiva, a boa performance no Brasil e na África do Sul, que se deverá manter.

"Na África do Sul, a procura continua a ser muito forte e, tendo em mente a prossecução de uma das nossas linhas estratégicas - crescer nos nossos mercados mais rentáveis -, iremos tirar partido do aumento de capacidade que instalamos em 2007 na nossa fábrica de White River", apontou.

PREÇOS RESINA DEVEM DESCER, PETRÓLEO SEM IMPACTO 2008

A Sonae Indústria antecipa uma descida dos preços da resina, no curto prazo, face à tendência de estabilização que se verifica nos preços da madeira, disse o CEO da empresa.

Estima que, em 2008, os preços do petróleo permaneçam nos níveis actuais que não teria impacto significativo na sua actividade, admitindo uma depreciação ligeira do dólar face ao euro <EUR=> este ano, se não ocorrerem surpresas.

Acerca dos resultados de 2007, que divulgará no próximo dia 5 de Março, não espera nenhum factor extraordinário que afecte as contas da empresa.

A empresa terminou os primeiros nove meses de 2007 com um lucro de 63 milhões de euros, contra 15 ME em igual período de 2006, e um volume de negócios de 1.588 ME e um EBITDA de 240 ME.

10B

22-08-07	9,18	14-11-07	8,21	11-02-08	4,55	08-05-08	4,64
23-08-07	9,12	15-11-07	8,08	12-02-08	4,74	09-05-08	4,63
24-08-07	9,14	16-11-07	7,92	13-02-08	4,75	12-05-08	4,74
27-08-07	9,2	19-11-07	7,64	14-02-08	4,84	13-05-08	4,89
28-08-07	9	20-11-07	7,35	15-02-08	4,79	14-05-08	4,68
29-08-07	9,05	21-11-07	7,09	18-02-08	4,83	15-05-08	4,64
30-08-07	9,34	22-11-07	7,28	19-02-08	4,98	16-05-08	4,46
31-08-07	9,51	23-11-07	7,36	20-02-08	5	19-05-08	4,47
03-09-07	9,65	26-11-07	7,42	21-02-08	5,04	20-05-08	4,39
04-09-07	9,79	27-11-07	7,29	22-02-08	4,98	21-05-08	4,31
05-09-07	9,68	28-11-07	7,44	25-02-08	4,97	22-05-08	4,23
06-09-07	9,76	29-11-07	7,6	26-02-08	4,98	23-05-08	4,21
07-09-07	9,33	30-11-07	7,78	27-02-08	4,87	26-05-08	4,18
10-09-07	9,06	03-12-07	7,75	28-02-08	4,85	27-05-08	4,02
11-09-07	9,27	04-12-07	7,64	29-02-08	4,76	28-05-08	3,98
12-09-07	9,27	05-12-07	7,59	03-03-08	4,62	29-05-08	3,87
13-09-07	9,11	06-12-07	7,41	04-03-08	4,57	30-05-08	3,75
14-09-07	8,81	07-12-07	7,46	05-03-08	4,75	02-06-08	3,65
17-09-07	8,38	10-12-07	7,51	06-03-08	4,7	03-06-08	3,76
18-09-07	8,3	11-12-07	7,55	07-03-08	4,64	04-06-08	3,72
19-09-07	8,51	12-12-07	7,48	10-03-08	4,49	05-06-08	3,7
20-09-07	8,35	13-12-07	7,22	11-03-08	4,48	06-06-08	3,52
21-09-07	8,52	14-12-07	7,29	12-03-08	4,53	09-06-08	3,43
24-09-07	8,45	17-12-07	7,21	13-03-08	4,41	10-06-08	3,45
25-09-07	7,92	18-12-07	7,12	14-03-08	4,37	11-06-08	3,31
26-09-07	7,91	19-12-07	7	17-03-08	4,16	12-06-08	3,41
27-09-07	7,97	20-12-07	6,71	18-03-08	4,3	13-06-08	3,43
28-09-07	7,88	21-12-07	6,78	19-03-08	4,25	16-06-08	3,38
01-10-07	8,09	24-12-07	6,77	20-03-08	4,19	17-06-08	3,36
02-10-07	8,42	27-12-07	6,68	25-03-08	4,29	18-06-08	3,27
03-10-07	8,5	28-12-07	6,65	26-03-08	4,27	19-06-08	3,13
04-10-07	8,72	31-12-07	6,65	27-03-08	4,45	20-06-08	2,98
05-10-07	8,91	02-01-08	6,49	28-03-08	4,46	23-06-08	2,88
08-10-07	8,88	03-01-08	6,19	31-03-08	4,4	24-06-08	2,82
09-10-07	8,81	04-01-08	6,11	01-04-08	4,52	25-06-08	2,93
10-10-07	8,79	07-01-08	5,8	02-04-08	4,56	26-06-08	2,8
11-10-07	8,74	08-01-08	5,96	03-04-08	4,51	27-06-08	2,71
12-10-07	8,7	09-01-08	5,59	04-04-08	4,56	30-06-08	2,59
15-10-07	8,74	10-01-08	5,18	07-04-08	4,6	01-07-08	2,37
16-10-07	8,67	11-01-08	5,04	08-04-08	4,65	02-07-08	2,37
17-10-07	8,77	14-01-08	5,1	09-04-08	4,64	03-07-08	2,34
18-10-07	8,78	15-01-08	4,89	10-04-08	4,61	04-07-08	2,37
19-10-07	8,73	16-01-08	5,03	11-04-08	4,54	07-07-08	2,41
22-10-07	8,6	17-01-08	4,85	14-04-08	4,5	08-07-08	2,41
23-10-07	8,67	18-01-08	4,78	15-04-08	4,51	09-07-08	2,54
24-10-07	8,4	21-01-08	4,48	16-04-08	4,59	10-07-08	2,61
25-10-07	8,47	22-01-08	4,48	17-04-08	4,58	11-07-08	2,53
26-10-07	8,31	23-01-08	4,4	18-04-08	4,63	14-07-08	2,47
29-10-07	8,45	24-01-08	4,44	21-04-08	4,71	15-07-08	2,4
30-10-07	8,29	25-01-08	4,55	22-04-08	4,73	16-07-08	2,4
31-10-07	8,37	28-01-08	4,54	23-04-08	4,56	17-07-08	2,5
01-11-07	8,43	29-01-08	4,6	24-04-08	4,52	18-07-08	2,61
02-11-07	8,35	30-01-08	4,6	25-04-08	4,55	21-07-08	2,88
05-11-07	8,33	31-01-08	4,56	28-04-08	4,54	22-07-08	3,11
06-11-07	8,44	01-02-08	4,75	29-04-08	4,53	23-07-08	3,16
07-11-07	8,39	04-02-08	4,97	30-04-08	4,48	24-07-08	2,94
08-11-07	8,27	05-02-08	4,67	02-05-08	4,54	25-07-08	2,89
09-11-07	8,17	06-02-08	4,79	05-05-08	4,55	28-07-08	2,77
12-11-07	8,17	07-02-08	4,65	06-05-08	4,56	29-07-08	2,7
13-11-07	8,25	08-02-08	4,66	07-05-08	4,58	30-07-08	2,71
						31-07-08	2,71
						01-08-08	2,58
						04-08-08	2,47

11A

15:56 21Oct08 -ENTREVISTA-J.Martins sem problemas liquidez, mantém metas -CEO

LISBOA, 21 Out (Reuters) - A Jerónimo Martins (JM) <JMT.LS> não sente dificuldades de liquidez para financiar os seus investimentos e mantém as metas traçadas para entre 2008-2010, afirmou Luís Palha, Chief Executive Officer da JM.

Adianta que está optimista em relação à evolução da economia e do consumo privado na Polónia e reafirma o investimento de 350 milhões de euros (ME) na sua subsidiária Biedronka este ano e a intenção de investir entre 150 e 200 ME por ano em 2009 e 2010.

O CEO da JM sublinha ainda que está a fazer 'hedging' da moeda polaca, zloty, de forma a neutralizar o impacto cambial negativo nos resultados.

"Mantemos as metas para 2010. Houve mesmo uma pequena aceleração", afirmou Luís Palha, em entrevista à Reuters.

"Fomos tratando, em devido tempo, todas as necessidades de investimento que tínhamos e, neste momento, não sentimos qualquer dificuldade em relação aos nossos planos de investimento e em relação à nossa liquidez normal de financiamento", adiantou.

Na semana passada, a Goldman Sachs baixou o price target, a 12 meses, para as acções da JM para 4,2 euros por acção de 6,5 euros antes, cortou a recomendação para 'Sell' de 'Neutral' e prevê um corte de 40 pct no número de novas aberturas na Polónia.

"Basicamente há uma diferença muito grande em relação aos pressupostos que estão na análise da Goldman Sachs e que é o investimento que eles imaginam que vai reduzir-se 40 pct na Polónia coisa que nunca foi dita por nós, nunca foi transmitida e não tem nenhuma ponta de verdade relativamente às nossas intenções", frisou Luís Palha.

Quanto às metas previstas para a Polónia, afirmou: "aquilo que estava pensado, que era manter um crescimento de 150 lojas por ano, pelo menos, manter-se à, está neste momento completamente definido e não teremos o mínimo problema em concretizar esse programa".

"Somando tudo, com a compra das lojas Plus, o investimento na Polónia deve ultrapassar os 350 ME em 2008 e pensamos gastar anualmente entre 150 a 200 ME em 2009 e 2010", frisa ainda.

(Por Patrícia Vicente Rua; Editado por Sérgio Gonçalves)

11B

05-05-08	5,12	29-07-08	5,02	22-10-08	4,02	20-01-09	3,62
06-05-08	5,11	30-07-08	5,1	23-10-08	3,65	21-01-09	3,63
07-05-08	5,1	31-07-08	5,21	24-10-08	3,22	22-01-09	3,71
08-05-08	5,1	01-08-08	5,19	27-10-08	3,37	23-01-09	3,74
09-05-08	5,08	04-08-08	5,26	28-10-08	3,4	26-01-09	3,81
12-05-08	5,04	05-08-08	5,51	29-10-08	3,63	27-01-09	3,78
13-05-08	4,96	06-08-08	5,58	30-10-08	3,91	28-01-09	3,99
14-05-08	4,96	07-08-08	5,58	31-10-08	4,01	29-01-09	4,04
15-05-08	4,95	08-08-08	5,54	03-11-08	4,17	30-01-09	3,99
16-05-08	4,92	11-08-08	5,51	04-11-08	4,27	02-02-09	3,95
19-05-08	4,89	12-08-08	5,52	05-11-08	4,02	03-02-09	3,85
20-05-08	4,81	13-08-08	5,69	06-11-08	3,8	04-02-09	3,9
21-05-08	4,78	14-08-08	5,86	07-11-08	4	05-02-09	3,87
22-05-08	4,68	15-08-08	5,94	10-11-08	4	06-02-09	3,86
23-05-08	4,71	18-08-08	6	11-11-08	4	09-02-09	3,9
26-05-08	4,72	19-08-08	5,92	12-11-08	4,02	10-02-09	3,68
27-05-08	4,68	20-08-08	5,8	13-11-08	4,08	11-02-09	3,62
28-05-08	4,65	21-08-08	5,99	14-11-08	4,16	12-02-09	3,5
29-05-08	4,66	22-08-08	6,2	17-11-08	4,06	13-02-09	3,54
30-05-08	4,64	25-08-08	6,21	18-11-08	4,15	16-02-09	3,43
02-06-08	4,84	26-08-08	6,37	19-11-08	4,07	17-02-09	3,15
03-06-08	4,85	27-08-08	6,16	20-11-08	3,9	18-02-09	3,18
04-06-08	4,88	28-08-08	6,13	21-11-08	3,89	19-02-09	3,23
05-06-08	4,85	29-08-08	5,83	24-11-08	4,05	20-02-09	3,09
06-06-08	4,76	01-09-08	5,95	25-11-08	3,97	23-02-09	3,07
09-06-08	4,84	02-09-08	6	26-11-08	3,91	24-02-09	3,14
10-06-08	4,78	03-09-08	5,9	27-11-08	3,95	25-02-09	3,26
11-06-08	4,66	04-09-08	6	28-11-08	4,09	26-02-09	3,3
12-06-08	4,9	05-09-08	6	01-12-08	4	27-02-09	3,23
13-06-08	4,88	08-09-08	6,34	02-12-08	3,92	02-03-09	3,09
16-06-08	4,92	09-09-08	6,4	03-12-08	3,86	03-03-09	3,1
17-06-08	5,01	10-09-08	5,75	04-12-08	4	04-03-09	3,23
18-06-08	4,96	11-09-08	5,8	05-12-08	4	05-03-09	3,12
19-06-08	4,89	12-09-08	5,87	08-12-08	4,14	06-03-09	3,2
20-06-08	4,8	15-09-08	5,83	09-12-08	4,27	09-03-09	3,17
23-06-08	4,72	16-09-08	5,8	10-12-08	4,2	10-03-09	3,35
24-06-08	4,64	17-09-08	5,8	11-12-08	4,02	11-03-09	3,42
25-06-08	4,75	18-09-08	4,91	12-12-08	4,05	12-03-09	3,45
26-06-08	4,7	19-09-08	5,01	15-12-08	4,08	13-03-09	3,63
27-06-08	4,64	22-09-08	5,13	16-12-08	4,07	16-03-09	3,64
30-06-08	4,62	23-09-08	5,14	17-12-08	4,06	17-03-09	3,6
01-07-08	4,26	24-09-08	5,7	18-12-08	4,06	18-03-09	3,74
02-07-08	4,7	25-09-08	5,82	19-12-08	4,03	19-03-09	3,7
03-07-08	4,71	26-09-08	5,65	22-12-08	4,08	20-03-09	3,57
04-07-08	4,71	29-09-08	5,5	23-12-08	4,05	23-03-09	3,58
07-07-08	4,87	30-09-08	6	24-12-08	4,04	24-03-09	3,58
08-07-08	4,93	01-10-08	5,9	29-12-08	4,01	25-03-09	3,72
09-07-08	5,03	02-10-08	5,75	30-12-08	4,09	26-03-09	3,7
10-07-08	5	03-10-08	5,38	31-12-08	3,97	27-03-09	3,64
11-07-08	4,8	06-10-08	4,7	02-01-09	4	30-03-09	3,53
14-07-08	4,78	07-10-08	4,85	05-01-09	4	31-03-09	3,71
15-07-08	4,64	08-10-08	5	06-01-09	3,97	01-04-09	3,71
16-07-08	4,52	09-10-08	4,95	07-01-09	3,81	02-04-09	3,78
17-07-08	4,63	10-10-08	4,6	08-01-09	3,66	03-04-09	3,85
18-07-08	4,6	13-10-08	5	09-01-09	3,68	06-04-09	3,85
21-07-08	4,56	14-10-08	5,23	12-01-09	3,69	07-04-09	3,73
22-07-08	4,8	15-10-08	5,15	13-01-09	3,53	08-04-09	3,78
23-07-08	5,05	16-10-08	5	14-01-09	3,38	09-04-09	3,9
24-07-08	5,01	17-10-08	4,9	15-01-09	3,75	14-04-09	3,84
25-07-08	5,05	20-10-08	4,65	16-01-09	3,7	15-04-09	3,9
28-07-08	4,85	21-10-08	4,26	19-01-09	3,65		

12A

12:35 06May08 -ENTREVISTA-Sonaecom prolonga parceria FT, cresce via orgânica

Por Elisabete Tavares

LISBOA, 6 Mai (Reuters) - A Sonaecom <SNC.LS> está focada no crescimento orgânico e na execução do 'business plan' em conjunto com a France Telecom <FTE.PA>, com a qual vai prolongar a parceria estratégica, disse o Chief Financial Officer (CFO).

Chris Lawrie adiantou, à Reuters, que a Sonaecom e a FT, que tem 19,19 pct da empresa, estão a negociar o prolongamento do Acordo de Parceria assinado em 2005, que termina em Junho.

Adiantou que os próximos meses estão marcados por incertezas a que acresce um ambiente de concorrência agressiva, incluindo da ZON Multimédia <ZON.LS> e da Portugal Telecom <PTC.LS>.

A dona da Optimus, terceiro maior operador móvel de Portugal, tem defendido que faria sentido uma aproximação entre a Sonaecom e a ZON, que foi separada da PT no fim de 2007, já que as sinergias podiam atingir os 650-750 milhões de euros.

"Vamos sempre considerar oportunidades de fusão e aquisição como uma forma da Sonaecom acelerar o seu crescimento mas estamos actualmente concentrados no crescimento orgânico", afirmou o CFO da Sonaecom, numa entrevista escrita.

Lembrou que a casa-mãe Sonae, "tem sido muito clara ao afirmar que acredita que certas combinações poderiam criar um valor adicional para todos os participantes 'visà-vis' um cenário de 'stand-alone'".

Os analistas continuam a apontar para uma fusão entre a Sonaecom e a ZON, mas não no curto prazo.

Paulo Azevedo, Chief Executive Officer (CEO) da Sonae, afirmou, em Abril, que a Sonaecom e a ZON tiveram conversas mas que os accionistas da empresa de cabo não queriam a fusão.

Nas telecoms fixas, a Sonaecom efectuou duas aquisições relevantes em Portugal, em 2007, ao comprar a Tele2 Portugal e a unidade de clientes residenciais e pequenos negócios da ONI.

Sobre as relações com a EDP-Energias de Portugal <EDP.LS>, accionista com 7,96 pct do capital da Sonaecom, Chris Lawrie afirma que existe um bom relacionamento e que as duas empresas mantêm contactos regulares.

Adiantou que "a Sonaecom não fez nenhuma oferta para comprar as acções detidas pela EDP", as quais a eléctrica quer vender.

As acções da Sonaecom têm estado pressionadas desde que a empresa falhou a tentativa de compra hostil da PT em 2007 e, desde Fevereiro do ano passado, desceram cerca de 70 pct. Desde o início de 2008, a Sonaecom regista uma queda de quase 30 pct.

O CFO da Sonaecom sublinha que o reduzido 'market cap' e liquidez do título não ajudam.

DECISÃO REGULADOR COM IMPACTO RESULTADOS 2008

Os resultados da Sonaecom em 2008 estão dependentes de factores externos, sobretudo a decisão da Anacom-Autoridade Nacional das Comunicações sobre terminação nos móveis.

A Sonaecom divulgou ontem um prejuízo de 5,5 milhões de euros no primeiro trimestre de 2008, pior do que a média prevista por uma poll de analistas. As receitas cresceram 19,5 pct para 237,7 ME e o EBITDA-Earnings Before Interests, Taxes, Depreciation and Amortization subiu 0,2 pct para 34,1 ME.

"A conjuntura actual faz com que seja complicado fornecer perspectivas detalhadas para o ano. Há certos 'drivers' da evolução da performance durante o resto do ano que estão fora do nosso controlo", afirmou o CFO da Sonaecom.

Um dos principais factores será a decisão final da Anacom e a expectativa reside em saber se o regulador vai confirmar a decisão inicial de aplicar a assimetria nos móveis, o que seria favorável ao operador mais pequeno, a Optimus.

"A decisão final sobre tarifas de terminação móvel vai ter um impacto material nos resultados do nosso negócio móvel", frisou Chris Lawrie.

Adianta que a decisão do regulador belga de garantir ao terceiro operador móvel um aumento do nível de assimetria dá um maior suporte à decisão preliminar da Anacom, que tem sido muito contestada pela TMN, da PT, e pela Vodafone <VOD.L>.

A decisão provisória da Anacom, em Outubro de 2007, prevê a assimetria no móvel a título excepcional e provisório mas ainda não existe uma data para a decisão final do regulador.

(Por Elisabete Tavares; Editado por Patrícia Vicente Rua)

12B

09-11-07	3,85	07-02-08	2,61	07-05-08	2,32	31-07-08	1,92
12-11-07	3,81	08-02-08	2,6	08-05-08	2,33	01-08-08	1,95
13-11-07	3,82	11-02-08	2,52	09-05-08	2,32	04-08-08	1,91
14-11-07	3,81	12-02-08	2,51	12-05-08	2,35	05-08-08	1,97
15-11-07	3,8	13-02-08	2,5	13-05-08	2,36	06-08-08	1,96
16-11-07	3,81	14-02-08	2,49	14-05-08	2,34	07-08-08	1,97
19-11-07	3,77	15-02-08	2,42	15-05-08	2,33	08-08-08	1,93
20-11-07	3,77	18-02-08	2,49	16-05-08	2,33	11-08-08	1,95
21-11-07	3,72	19-02-08	2,48	19-05-08	2,32	12-08-08	1,97
22-11-07	3,75	20-02-08	2,51	20-05-08	2,27	13-08-08	1,95
23-11-07	3,88	21-02-08	2,57	21-05-08	2,22	14-08-08	1,97
26-11-07	3,82	22-02-08	2,52	22-05-08	2,22	15-08-08	1,95
27-11-07	3,79	25-02-08	2,5	23-05-08	2,19	18-08-08	1,95
28-11-07	3,8	26-02-08	2,47	26-05-08	2,22	19-08-08	1,85
29-11-07	3,81	27-02-08	2,44	27-05-08	2,17	20-08-08	1,81
30-11-07	3,84	28-02-08	2,44	28-05-08	2,25	21-08-08	1,79
03-12-07	3,89	29-02-08	2,37	29-05-08	2,24	22-08-08	1,81
04-12-07	3,9	03-03-08	2,32	30-05-08	2,25	25-08-08	1,8
05-12-07	3,85	04-03-08	2,25	02-06-08	2,24	26-08-08	1,83
06-12-07	3,85	05-03-08	2,28	03-06-08	2,23	27-08-08	1,82
07-12-07	3,85	06-03-08	2,23	04-06-08	2,21	28-08-08	1,95
10-12-07	3,81	07-03-08	2,25	05-06-08	2,27	29-08-08	1,95
11-12-07	3,8	10-03-08	2,24	06-06-08	2,24	01-09-08	1,92
12-12-07	3,8	11-03-08	2,23	09-06-08	2,17	02-09-08	1,91
13-12-07	3,74	12-03-08	2,25	10-06-08	2,2	03-09-08	2,05
14-12-07	3,75	13-03-08	2,19	11-06-08	2,17	04-09-08	1,96
17-12-07	3,74	14-03-08	2,18	12-06-08	2,17	05-09-08	1,92
18-12-07	3,72	17-03-08	2,1	13-06-08	2,18	08-09-08	1,95
19-12-07	3,65	18-03-08	2,15	16-06-08	2,16	09-09-08	1,91
20-12-07	3,57	19-03-08	2,14	17-06-08	2,15	10-09-08	1,85
21-12-07	3,55	20-03-08	2,13	18-06-08	2,11	11-09-08	1,87
24-12-07	3,6	25-03-08	2,22	19-06-08	2,1	12-09-08	1,94
27-12-07	3,49	26-03-08	2,19	20-06-08	2,2	15-09-08	1,91
28-12-07	3,42	27-03-08	2,2	23-06-08	2,21	16-09-08	1,9
31-12-07	3,3	28-03-08	2,18	24-06-08	2,3	17-09-08	1,83
02-01-08	3,26	31-03-08	2,15	25-06-08	2,28	18-09-08	1,69
03-01-08	3,19	01-04-08	2,17	26-06-08	2,26	19-09-08	1,75
04-01-08	3,13	02-04-08	2,19	27-06-08	2,19	22-09-08	1,75
07-01-08	3,12	03-04-08	2,18	30-06-08	2,12	23-09-08	1,75
08-01-08	3,1	04-04-08	2,17	01-07-08	2,08	24-09-08	1,72
09-01-08	3,05	07-04-08	2,21	02-07-08	2,09	25-09-08	1,72
10-01-08	2,92	08-04-08	2,35	03-07-08	2,08	26-09-08	1,72
11-01-08	2,96	09-04-08	2,39	04-07-08	2,05	29-09-08	1,64
14-01-08	2,96	10-04-08	2,35	07-07-08	2,09	30-09-08	1,65
15-01-08	2,77	11-04-08	2,32	08-07-08	2,13	01-10-08	1,69
16-01-08	2,61	14-04-08	2,38	09-07-08	2,15	02-10-08	1,69
17-01-08	2,5	15-04-08	2,36	10-07-08	2,13	03-10-08	1,71
18-01-08	2,45	16-04-08	2,4	11-07-08	2,05	06-10-08	1,61
21-01-08	2,34	17-04-08	2,4	14-07-08	2,03	07-10-08	1,5
22-01-08	2,33	18-04-08	2,53	15-07-08	1,95	08-10-08	1,35
23-01-08	2,19	21-04-08	2,57	16-07-08	1,91	09-10-08	1,3
24-01-08	2,25	22-04-08	2,47	17-07-08	2,02	10-10-08	1,19
25-01-08	2,24	23-04-08	2,47	18-07-08	2,09	13-10-08	1,34
28-01-08	2,22	24-04-08	2,38	21-07-08	2,12	14-10-08	1,46
29-01-08	2,21	25-04-08	2,38	22-07-08	2,14	15-10-08	1,38
30-01-08	2,28	28-04-08	2,3	23-07-08	2,18	16-10-08	1,34
31-01-08	2,3	29-04-08	2,22	24-07-08	2,13	17-10-08	1,34
01-02-08	2,5	30-04-08	2,23	25-07-08	2,1	20-10-08	1,37
04-02-08	2,72	02-05-08	2,32	28-07-08	2,07	21-10-08	1,4
05-02-08	2,57	05-05-08	2,35	29-07-08	2,01	22-10-08	1,33
06-02-08	2,68	06-05-08	2,34	30-07-08	1,96		

13A

18:40 23Sep08 -ENTREVISTA-BCP com melhores rácios liquidez que início 2008

LISBOA, 23 Set (Reuters) - O Millennium bcp <BCP.LS> – maior banco de Portugal – tem rácios de liquidez confortáveis e melhores do que no início de 2008, estando a registar também uma evolução favorável na captação de recursos e no crédito, disse Carlos Santos Ferreira, Chief Executive Officer (CEO).

Adiantou, em entrevista telefónica à Reuters, que "há diminuições do ritmo de crescimento do crédito, mas o crédito está a crescer", adiantando: "quanto aos recursos captados continuam a crescer".

Afirmou que a venda de 49 pct do Millennium Angola – 29 pct à Sonangol e 20 pct ao angolano BPA – através de um aumento de capital daquela subsidiária bancária angolana de 100 milhões de dólares (MD) ditará "um reforço do core-Tier1 do Millennium bcp de 11 a 12 basis points (bp)".

"Em matéria de liquidez, fizemos o que tínhamos de fazer. Efectivamente, temos rácios de liquidez perfeitamente satisfatórios e melhores do que no início do ano", disse Carlos Santos Ferreira.

"Até agora, os valores de depósitos que temos captado e do crédito têm uma evolução favorável e em linha com o orçamento do banco", acrescentou.

(Por Sérgio Gonçalves; Editado por Elisabete Tavares)

13B

04-04-08	1,91	01-07-08	1,3	24-09-08	1,18	18-12-08	0,8
07-04-08	1,96	02-07-08	1,3	25-09-08	1,18	19-12-08	0,76
08-04-08	1,94	03-07-08	1,26	26-09-08	1,17	22-12-08	0,78
09-04-08	1,93	04-07-08	1,23	29-09-08	1,13	23-12-08	0,79
10-04-08	1,96	07-07-08	1,24	30-09-08	1,14	24-12-08	0,8
11-04-08	2,03	08-07-08	1,22	01-10-08	1,13	29-12-08	0,79
14-04-08	2,01	09-07-08	1,25	02-10-08	1,11	30-12-08	0,8
15-04-08	1,96	10-07-08	1,23	03-10-08	1,13	31-12-08	0,82
16-04-08	1,86	11-07-08	1,19	06-10-08	1,05	02-01-09	0,82
17-04-08	1,84	14-07-08	1,14	07-10-08	1,01	05-01-09	0,82
18-04-08	1,83	15-07-08	1,05	08-10-08	0,98	06-01-09	0,86
21-04-08	1,89	16-07-08	1,1	09-10-08	0,98	07-01-09	0,86
22-04-08	1,87	17-07-08	1,14	10-10-08	0,93	08-01-09	0,85
23-04-08	1,85	18-07-08	1,2	13-10-08	1,04	09-01-09	0,84
24-04-08	1,85	21-07-08	1,2	14-10-08	1,09	12-01-09	0,85
25-04-08	1,87	22-07-08	1,15	15-10-08	1,06	13-01-09	0,85
28-04-08	1,88	23-07-08	1,17	16-10-08	1,03	14-01-09	0,82
29-04-08	1,84	24-07-08	1,21	17-10-08	1,04	15-01-09	0,8
30-04-08	1,81	25-07-08	1,2	20-10-08	1,03	16-01-09	0,81
02-05-08	1,81	28-07-08	1,19	21-10-08	1	19-01-09	0,78
05-05-08	1,76	29-07-08	1,16	22-10-08	0,98	20-01-09	0,76
06-05-08	1,81	30-07-08	1,15	23-10-08	0,93	21-01-09	0,76
07-05-08	1,85	31-07-08	1,15	24-10-08	0,91	22-01-09	0,75
08-05-08	1,84	01-08-08	1,14	27-10-08	0,88	23-01-09	0,77
09-05-08	1,79	04-08-08	1,12	28-10-08	0,86	26-01-09	0,77
12-05-08	1,76	05-08-08	1,15	29-10-08	0,91	27-01-09	0,78
13-05-08	1,76	06-08-08	1,14	30-10-08	0,91	28-01-09	0,8
14-05-08	1,76	07-08-08	1,13	31-10-08	0,91	29-01-09	0,81
15-05-08	1,73	08-08-08	1,14	03-11-08	0,89	30-01-09	0,8
16-05-08	1,72	11-08-08	1,18	04-11-08	0,92	02-02-09	0,79
19-05-08	1,71	12-08-08	1,17	05-11-08	0,91	03-02-09	0,78
20-05-08	1,69	13-08-08	1,15	06-11-08	0,9	04-02-09	0,79
21-05-08	1,7	14-08-08	1,17	07-11-08	0,9	05-02-09	0,76
22-05-08	1,73	15-08-08	1,18	10-11-08	0,88	06-02-09	0,75
23-05-08	1,7	18-08-08	1,16	11-11-08	0,85	09-02-09	0,75
26-05-08	1,71	19-08-08	1,15	12-11-08	0,82	10-02-09	0,75
27-05-08	1,68	20-08-08	1,15	13-11-08	0,8	11-02-09	0,75
28-05-08	1,66	21-08-08	1,13	14-11-08	0,8	12-02-09	0,76
29-05-08	1,63	22-08-08	1,17	17-11-08	0,77	13-02-09	0,77
30-05-08	1,64	25-08-08	1,16	18-11-08	0,76	16-02-09	0,78
02-06-08	1,61	26-08-08	1,15	19-11-08	0,75	17-02-09	0,73
03-06-08	1,6	27-08-08	1,15	20-11-08	0,71	18-02-09	0,73
04-06-08	1,58	28-08-08	1,17	21-11-08	0,7	19-02-09	0,69
05-06-08	1,56	29-08-08	1,18	24-11-08	0,71	20-02-09	0,66
06-06-08	1,55	01-09-08	1,18	25-11-08	0,72	23-02-09	0,62
09-06-08	1,53	02-09-08	1,18	26-11-08	0,75	24-02-09	0,6
10-06-08	1,59	03-09-08	1,21	27-11-08	0,79	25-02-09	0,61
11-06-08	1,62	04-09-08	1,21	28-11-08	0,8	26-02-09	0,65
12-06-08	1,65	05-09-08	1,18	01-12-08	0,81	27-02-09	0,64
13-06-08	1,64	08-09-08	1,23	02-12-08	0,82	02-03-09	0,64
16-06-08	1,63	09-09-08	1,24	03-12-08	0,84	03-03-09	0,62
17-06-08	1,64	10-09-08	1,24	04-12-08	0,85	04-03-09	0,6
18-06-08	1,64	11-09-08	1,22	05-12-08	0,82	05-03-09	0,6
19-06-08	1,62	12-09-08	1,23	08-12-08	0,81	06-03-09	0,59
20-06-08	1,6	15-09-08	1,19	09-12-08	0,82	09-03-09	0,58
23-06-08	1,55	16-09-08	1,19	10-12-08	0,81	10-03-09	0,61
24-06-08	1,52	17-09-08	1,2	11-12-08	0,81	11-03-09	0,63
25-06-08	1,55	18-09-08	1,18	12-12-08	0,81	12-03-09	0,64
26-06-08	1,47	19-09-08	1,29	15-12-08	0,82	13-03-09	0,65
27-06-08	1,4	22-09-08	1,25	16-12-08	0,81	16-03-09	0,63
30-06-08	1,38	23-09-08	1,21	17-12-08	0,8		

14A

15:23 11Jun08 -ENTREVISTA-Sonae Indústria espera fechar fusão Masisa Brasil Jul

Por Elisabete Tavares

LISBOA, 11 Jun (Reuters) - A Sonae Indústria (SI) <SONI.LS>, segundo produtor mundial de painéis de madeira, em capacidade instalada, prevê 'selar' com a chilena Masisa <MSS.SN> <MYS.N> a fusão das operações brasileiras das duas empresas em meados de Julho, disse o Chief Executive Officer (CEO).

Carlos Bianchi de Aguiar adiantou, em entrevista à Reuters, que face ao abrandamento da procura, a empresa vai continuar a efectuar paragens temporárias das suas fábricas para evitar excessos de stocks e uma queda dos preços.

Acerca de outras operações de M&A, o CEO da SI reiterou que a empresa está atenta a oportunidades na América do Norte, enquanto no Brasil se prepara para criar a terceira maior empresa do mercado.

"É esse o nosso compromisso que foi estabelecido com a Masisa (terminar um acordo até meados de Julho) e é nesse sentido que estamos a envidar esforços. Este é, sem dúvida, um passo no sentido da consolidação do mercado da América do Sul", afirmou Bianchi de Aguiar.

A SI anunciou, a 15 de Janeiro deste ano, que estava em negociações com a chilena Masisa um acordo para a junção dos negócios da Tafisa Brasil, controlada pela SI, e a Masisa do Brasil, para criar uma empresa líder naquele mercado.

No âmbito da operação, a Masisa adquiriu a participação de 45,68 pct que a Brascan Brasil detinha na brasileira Tafibras Participações, que detém cerca de 81 pct da Tafisa Brasil, com a SI a controlar a restante participação da Tafibras e da Tafisa Brasil.

A Tafisa Brasil alienou a uma empresa do grupo da Brascan Brasil cerca a posição de 4,55 pct que detinha na brasileira Comfloresta Cia. Catarinense de Empreendimentos Florestais.

No final de 2007, as duas empresas combinadas no Brasil detinham 930 mil m3 de capacidade instalada, diz a SI.

SI MANTÉM PARAGENS FÁBRICAS, ATENÇÃO AUMENTO PETRÓLEO

A Sonae Indústria vai continuar a efectuar paragens temporárias nas fábricas para combater o excesso de 'stocks' adiantando que, se houver necessidade, o encerramento de fábricas "é uma hipótese a contemplar".

"Esta continua a ser, sem dúvida, a atitude correcta perante situações de abrandamento do mercado, e esperamos que os nossos concorrentes actuem da mesma forma. Excesso de stocks é um incentivo à

redução de preços e isso, logicamente, não é benéfico", disse.

A empresa viu os seus resultados no primeiro trimestre de 2008 serem afectados por uma forte redução da procura na Europa e na América do Norte e o impacto do aumento dos custos, incluindo das matérias-primas.

"Estamos a viver uma desaceleração cíclica do nosso sector. Sendo esta ciclicidade uma característica do nosso negócio, aprendemos com o passado e acredito estarmos mais preparados para sermos pro-activos nas respostas aos desafios que surgem, em vez de termos uma atitude apenas reactiva", afirmou.

"A conjuntura económica internacional é claramente uma preocupação. O preço do petróleo transmite instabilidade aos mercados, e isso é preocupante, pois cria uma instabilidade social. Instabilidade não ajuda à recuperação", adiantou.

Disse que depois da SI ter sofrido com o impacto do aumento do custo das resinas no primeiro trimestre, continua a sentir o aumento do custo da ureia, após a China ter passado a cobrar uma taxa sobre as exportações, enquanto na madeira há uma menor pressão nos preços.

No primeiro trimestre de 2008, a SI registou uma queda de 8,0 pct no seu volume de negócios para 498 milhões de euros ME, enquanto o EBITDA aumentou 30 pct para 88 ME.

A empresa detém 34 fábricas em nove países nos quatro continentes, das quais 29 na Europa. Bianchi de Aguiar explicou que a conjuntura económica diverge de região para região.

"Na Europa vivemos um aumento acentuado dos custos de produção, taxas de juro elevadas e abrandamento de procura. No Canadá e na África do Sul verificamos a entrada de novas capacidades de produção e um decréscimo da procura, enquanto que no Brasil a procura demonstrou um elevado grau de resistência", disse.

Lembrou que o grupo tem vindo a realizar investimentos em unidades na África do Sul, Canadá e Alemanha e que agora estes têm de apresentar resultados.

"Fechar fábricas não é uma acção fácil na Europa. Mas, caso haja necessidade, é uma hipótese a contemplar", afirmou.

As acções da SI têm estado fortemente pressionadas e desde o início do ano desvalorizaram 47,5 pct tendo hoje descido na passada sessão ao novo mínimo histórico nos 3,43 euros.

O sector da construção e do imobiliário têm sido afectados pela crise no crédito imobiliário de alto risco nos EUA que se alastrou, gerando uma crise financeira global.

Os preços do petróleo também têm registado recordes sucessivos levando a um aumento do custo das matérias-primas e pressionando o consumo.

(Editado por Sérgio Gonçalves)

14B

Preço do petróleo pressionado por consumo em alta e produção estagnada

12.06.2008, Ana Brito

O ano de 2007 ficou marcado por um aumento de 1,1 por cento do consumo mundial de petróleo, a contrastar com a primeira queda da produção em cinco anos. Os dados são do Relatório Estatístico de Energia da British Petroleum (BP) e vêm confirmar em números o cada vez mais difícil equilíbrio entre a oferta e a procura de crude, num momento em que os preços do "ouro negro" continuam a subir nos mercados internacionais, prolongando uma tendência que já se verifica há seis anos.

Ontem, ao final da tarde, os preços do barril de Brent (referência para o mercado europeu) estavam a subir mais de três por cento, superando os 135 dólares. Nos EUA, o preço do barril de West Texas Intermediate (WTI) ganhava mais de 3,74 por cento e aproximava-se dos 136 dólares. As cotações, que na sexta-feira voltaram a bater em máximos históricos, seguiam pressionadas pela notícia da diminuição das reservas de crude e gasolina no mercado norte-americano.

No ano passado, o movimento de diminuição das reservas mundiais de petróleo já era uma realidade, segundo a análise apresentada ontem pela BP. A volatilidade dos preços e as fragilidades do lado da oferta justificam, por isso, que "matérias como a segurança energética e as energias alternativas estejam na linha da frente das agendas políticas" de todo o mundo, sublinhou ontem o presidente executivo da gigante petrolífera britânica, Tony Hayward.

Segundo o relatório, o consumo de petróleo subiu para 85,22 mil milhões de barris por dia em 2007, mas a produção diminuiu 0,2 por cento, para 81,533 mil milhões de barris diários. Esta queda na produção, foi acompanhada pela duplicação da cotação e por uma descida das reservas de 0,16 por cento, para um total de 1238 mil milhões de barris no final de Dezembro.

O mercado norte-americano, o maior consumidor mundial, reduziu em 0,1 por cento as suas necessidades de petróleo, mas ainda assim consumiu 20,6 mil milhões de barris por dia. No caso da China, que, juntamente com a Índia, tem vindo a pressionar a procura nos últimos anos, o consumo foi de 7,855 mil milhões de barris diários, em alta de 4,1 por cento.

Em Portugal, que representa apenas 0,4 por cento do consumo mundial de petróleo, a utilização cresceu 0,2 por cento para 302 mil barris diários (ou 14,4 milhões de toneladas), refere o relatório.

Com os cortes da produção introduzidos no ano passado pela OPEP e com a oferta de outros

produtores, como a Noruega e o México, a mostrarem-se insuficientes para suprir a procura crescente, o cenário afigura-se pouco animador.

Seja por motivos de instabilidade geopolítica nos países produtores, pela actuação dos especuladores nos mercados internacionais ou pelo crescimento da procura acima da capacidade produtiva, já há quem dê como certo o preço do barril de petróleo perto dos 200 euros nos próximos meses, um quadro que há um par de anos seria considerado surreal.

4,1%

A China e a Índia, duas potencias económicas em forte desenvolvimento, aumentaram o consumo em 4,1 por cento

14C

17-12-07	7,21	14-03-08	4,37	12-06-08	3,41	05-09-08	2,6
18-12-07	7,12	17-03-08	4,16	13-06-08	3,43	08-09-08	2,67
19-12-07	7	18-03-08	4,3	16-06-08	3,38	09-09-08	2,62
20-12-07	6,71	19-03-08	4,25	17-06-08	3,36	10-09-08	2,59
21-12-07	6,78	20-03-08	4,19	18-06-08	3,27	11-09-08	2,59
24-12-07	6,77	25-03-08	4,29	19-06-08	3,13	12-09-08	2,57
27-12-07	6,68	26-03-08	4,27	20-06-08	2,98	15-09-08	2,52
28-12-07	6,65	27-03-08	4,45	23-06-08	2,88	16-09-08	2,44
31-12-07	6,65	28-03-08	4,46	24-06-08	2,82	17-09-08	2,45
02-01-08	6,49	31-03-08	4,4	25-06-08	2,93	18-09-08	2,26
03-01-08	6,19	01-04-08	4,52	26-06-08	2,8	19-09-08	2,31
04-01-08	6,11	02-04-08	4,56	27-06-08	2,71	22-09-08	2,33
07-01-08	5,8	03-04-08	4,51	30-06-08	2,59	23-09-08	2,33
08-01-08	5,96	04-04-08	4,56	01-07-08	2,37	24-09-08	2,27
09-01-08	5,59	07-04-08	4,6	02-07-08	2,37	25-09-08	2,27
10-01-08	5,18	08-04-08	4,65	03-07-08	2,34	26-09-08	2,29
11-01-08	5,04	09-04-08	4,64	04-07-08	2,37	29-09-08	2,24
14-01-08	5,1	10-04-08	4,61	07-07-08	2,41	30-09-08	2,19
15-01-08	4,89	11-04-08	4,54	08-07-08	2,41	01-10-08	2,2
16-01-08	5,03	14-04-08	4,5	09-07-08	2,54	02-10-08	2,15
17-01-08	4,85	15-04-08	4,51	10-07-08	2,61	03-10-08	2,11
18-01-08	4,78	16-04-08	4,59	11-07-08	2,53	06-10-08	1,94
21-01-08	4,48	17-04-08	4,58	14-07-08	2,47	07-10-08	1,81
22-01-08	4,48	18-04-08	4,63	15-07-08	2,4	08-10-08	1,67
23-01-08	4,4	21-04-08	4,71	16-07-08	2,4	09-10-08	1,65
24-01-08	4,44	22-04-08	4,73	17-07-08	2,5	10-10-08	1,54
25-01-08	4,55	23-04-08	4,56	18-07-08	2,61	13-10-08	1,85
28-01-08	4,54	24-04-08	4,52	21-07-08	2,88	14-10-08	2,19
29-01-08	4,6	25-04-08	4,55	22-07-08	3,11	15-10-08	2,13
30-01-08	4,6	28-04-08	4,54	23-07-08	3,16	16-10-08	2,01
31-01-08	4,56	29-04-08	4,53	24-07-08	2,94	17-10-08	2,11
01-02-08	4,75	30-04-08	4,48	25-07-08	2,89	20-10-08	2,18
04-02-08	4,97	02-05-08	4,54	28-07-08	2,77	21-10-08	2,25
05-02-08	4,67	05-05-08	4,55	29-07-08	2,7	22-10-08	2,18
06-02-08	4,79	06-05-08	4,56	30-07-08	2,71	23-10-08	2,13
07-02-08	4,65	07-05-08	4,58	31-07-08	2,71	24-10-08	2,02
08-02-08	4,66	08-05-08	4,64	01-08-08	2,58	27-10-08	2,05
11-02-08	4,55	09-05-08	4,63	04-08-08	2,47	28-10-08	2,07
12-02-08	4,74	12-05-08	4,74	05-08-08	2,53	29-10-08	2,11
13-02-08	4,75	13-05-08	4,89	06-08-08	2,57	30-10-08	2,13
14-02-08	4,84	14-05-08	4,68	07-08-08	2,51	31-10-08	2,08
15-02-08	4,79	15-05-08	4,64	08-08-08	2,55	03-11-08	2,1
18-02-08	4,83	16-05-08	4,46	11-08-08	2,7	04-11-08	2,28
19-02-08	4,98	19-05-08	4,47	12-08-08	2,77	05-11-08	2,15
20-02-08	5	20-05-08	4,39	13-08-08	2,63	06-11-08	2,07
21-02-08	5,04	21-05-08	4,31	14-08-08	2,62	07-11-08	2,01
22-02-08	4,98	22-05-08	4,23	15-08-08	2,6	10-11-08	2,01
25-02-08	4,97	23-05-08	4,21	18-08-08	2,61	11-11-08	1,92
26-02-08	4,98	26-05-08	4,18	19-08-08	2,56	12-11-08	1,86
27-02-08	4,87	27-05-08	4,02	20-08-08	2,58	13-11-08	1,84
28-02-08	4,85	28-05-08	3,98	21-08-08	2,58	14-11-08	1,84
29-02-08	4,76	29-05-08	3,87	22-08-08	2,62	17-11-08	1,8
03-03-08	4,62	30-05-08	3,75	25-08-08	2,63	18-11-08	1,73
04-03-08	4,57	02-06-08	3,65	26-08-08	2,66	19-11-08	1,65
05-03-08	4,75	03-06-08	3,76	27-08-08	2,64	20-11-08	1,6
06-03-08	4,7	04-06-08	3,72	28-08-08	2,66	21-11-08	1,61
07-03-08	4,64	05-06-08	3,7	29-08-08	2,65	24-11-08	1,67
10-03-08	4,49	06-06-08	3,52	01-09-08	2,64	25-11-08	1,65
11-03-08	4,48	09-06-08	3,43	02-09-08	2,68	26-11-08	1,65
12-03-08	4,53	10-06-08	3,45	03-09-08	2,71	27-11-08	1,67
13-03-08	4,41	11-06-08	3,31	04-09-08	2,64		

15A

11:06 04Dec08 -ENTREVISTA-BES abre banco Argélia 2009, olha Líbia

LISBOA, 4 Dez (Reuters) - O Banco Espírito Santo (BES) <BES.LS> prevê abrir um banco na Argélia até ao final de 2009, estando a analisar a possibilidade de lançar também uma operação bancária na Líbia, disse António Souto, administrador do BES.

Adiantou que o banco na Argélia será 100 pct detido pelo BES – segundo grupo bancário privado de Portugal – e actuará no 'wholesale banking', "com valências múltiplas de apoio a empresas e que tenha capacidade de obter depósitos".

"Fomos convidados pelas autoridades argelinas e vamos abrir um banco. Temos em preparação o dossier final para apresentação do pedido de licença", disse em entrevista à Reuters.

"Provavelmente demorará algum tempo, mas esperamos, até ao final de 2009, conseguir ter um banco na Argélia", afirmou.

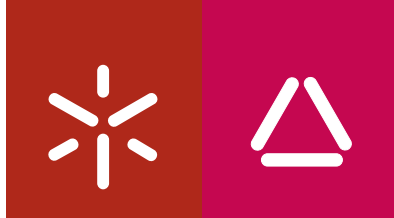
Acrescentou que o BES está também a analisar "com bastante interacção" a possibilidade de abrir um banco na Líbia, adiantando: "é um assunto a estudar mais detalhadamente, ainda não há nenhuma decisão definitiva nessa matéria".

"Na Líbia, vamos ver. Mas não está fora de questão termos também uma operação bancária na Líbia", afirmou.

(Por Sérgio Gonçalves; Editado por Elisabete Tavares)

15B

18-06-08	6,88	11-09-08	5,23	05-12-08	3,69	05-03-09	3,03
19-06-08	6,75	12-09-08	5,29	08-12-08	3,83	06-03-09	2,96
20-06-08	6,81	15-09-08	5,08	09-12-08	3,87	09-03-09	2,93
23-06-08	6,72	16-09-08	5,16	10-12-08	3,8	10-03-09	3,01
24-06-08	6,61	17-09-08	5,02	11-12-08	3,86	11-03-09	3,08
25-06-08	6,8	18-09-08	4,97	12-12-08	3,91	12-03-09	3,3
26-06-08	6,53	19-09-08	5,47	15-12-08	3,91	13-03-09	3,53
27-06-08	6,42	22-09-08	5,42	16-12-08	3,9	16-03-09	3,59
30-06-08	6,25	23-09-08	5,24	17-12-08	3,91	17-03-09	3,43
01-07-08	5,84	24-09-08	5,3	18-12-08	3,91	18-03-09	3,49
02-07-08	5,8	25-09-08	5,6	19-12-08	4,04	19-03-09	3,65
03-07-08	5,79	26-09-08	5,65	22-12-08	3,97	20-03-09	3,46
04-07-08	5,71	29-09-08	5,49	23-12-08	3,99	23-03-09	3,3
07-07-08	5,67	30-09-08	5,46	24-12-08	4,04	24-03-09	3,18
08-07-08	5,65	01-10-08	5,74	29-12-08	4,07	25-03-09	3,02
09-07-08	5,71	02-10-08	5,55	30-12-08	4,1	26-03-09	2,77
10-07-08	5,65	03-10-08	5,55	31-12-08	4,22	27-03-09	2,89
11-07-08	5,51	06-10-08	5,05	02-01-09	4,26	30-03-09	2,82
14-07-08	5,55	07-10-08	5,01	05-01-09	4,09	31-03-09	2,93
15-07-08	5,34	08-10-08	5,11	06-01-09	4,1	01-04-09	3,08
16-07-08	5,49	09-10-08	5,28	07-01-09	4,13	02-04-09	3,5
17-07-08	5,82	10-10-08	4,94	08-01-09	4,07	03-04-09	3,36
18-07-08	6,24	13-10-08	5,17	09-01-09	4,07	06-04-09	3,16
21-07-08	6,74	14-10-08	5,24	12-01-09	4,1	07-04-09	3,25
22-07-08	6,42	15-10-08	5,14	13-01-09	4,07	08-04-09	3,36
23-07-08	6,67	16-10-08	4,98	14-01-09	3,91	09-04-09	3,7
24-07-08	6,53	17-10-08	5,11	15-01-09	3,85	14-04-09	3,7
25-07-08	6,43	20-10-08	5,17	16-01-09	3,91	15-04-09	3,59
28-07-08	6,48	21-10-08	5,2	19-01-09	3,78	16-04-09	3,59
29-07-08	6,32	22-10-08	4,92	20-01-09	3,56	17-04-09	3,61
30-07-08	6,37	23-10-08	4,79	21-01-09	3,47	20-04-09	3,6
31-07-08	6,08	24-10-08	4,67	22-01-09	3,47	21-04-09	3,57
01-08-08	6	27-10-08	4,67	23-01-09	3,38	22-04-09	3,7
04-08-08	5,93	28-10-08	4,6	26-01-09	3,38	23-04-09	3,74
05-08-08	5,78	29-10-08	4,79	27-01-09	3,36	24-04-09	3,8
06-08-08	5,58	30-10-08	4,73	28-01-09	3,37	27-04-09	3,8
07-08-08	5,59	31-10-08	4,73	29-01-09	3,38	28-04-09	3,67
08-08-08	5,68	03-11-08	4,86	30-01-09	3,28	29-04-09	3,68
11-08-08	5,8	04-11-08	5,05	02-02-09	3,25	30-04-09	3,72
12-08-08	5,9	05-11-08	4,98	03-02-09	3,25	04-05-09	3,75
13-08-08	5,69	06-11-08	4,95	04-02-09	3,25	05-05-09	3,79
14-08-08	5,79	07-11-08	5,05	05-02-09	3,15	06-05-09	4,13
15-08-08	5,8	10-11-08	5,05	06-02-09	3,22	07-05-09	4,43
18-08-08	5,85	11-11-08	4,94	09-02-09	3,28	08-05-09	4,53
19-08-08	5,56	12-11-08	4,6	10-02-09	3,29	11-05-09	4,25
20-08-08	5,58	13-11-08	4,56	11-02-09	3,32	12-05-09	4,1
21-08-08	5,49	14-11-08	4,55	12-02-09	3,34	13-05-09	3,9
22-08-08	5,58	17-11-08	4,42	13-02-09	3,34	14-05-09	4,02
25-08-08	5,54	18-11-08	4,29	16-02-09	3,35	15-05-09	3,99
26-08-08	5,5	19-11-08	4,13	17-02-09	3,28	18-05-09	4,03
27-08-08	5,46	20-11-08	3,85	18-02-09	3,28	19-05-09	4,06
28-08-08	5,55	21-11-08	3,78	19-02-09	3,27	20-05-09	4,07
29-08-08	5,56	24-11-08	3,68	20-02-09	3,16	21-05-09	4,03
01-09-08	5,58	25-11-08	3,7	23-02-09	3,11	22-05-09	4,06
02-09-08	5,6	26-11-08	3,65	24-02-09	2,96	25-05-09	4,05
03-09-08	5,6	27-11-08	3,69	25-02-09	2,92	26-05-09	4,05
04-09-08	5,47	28-11-08	3,65	26-02-09	3,07	27-05-09	4,09
05-09-08	5,32	01-12-08	3,62	27-02-09	2,93	28-05-09	4,03
08-09-08	5,44	02-12-08	3,53	02-03-09	2,9	29-05-09	4
09-09-08	5,45	03-12-08	3,65	03-03-09	2,96	01-06-09	4,05
10-09-08	5,36	04-12-08	3,88	04-03-09	2,97		



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

João Tiago Costa Figueiredo

**As particularidades do jornalismo
online ao serviço das preferências dos
leitores: análise dos
elementos multimédia no *site*
Maisfutebol**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Doutor Joaquim Fidalgo